

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC - SP**

**Sylvie Lagache**

**A corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição**

**MESTRANDO EM TEOLOGIA**

**SÃO PAULO**

**2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC - SP**

**Sylvie Lagache**

**A corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição**

**MESTRANDO EM TEOLOGIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Teologia: Teologia Dogmática** sob a orientação do Prof. Dr. **Lisaneos Francisco Prates**.

**São Paulo**

**2010**

**Banca Examinadora**

.....

.....

.....

## DEDICATÓRIA

Ao Henri Nouwen, padre e teólogo, tão presente na minha vida e que, antes de falecer, intuiu uma nova espiritualidade: uma espiritualidade encarnada, incorporada, como ele disse.

## AGRADECIMENTOS

Às pessoas que participaram de minha caminhada teológica “incorporada”:

Ao Frei Lisâneos Prates, meu orientador, aos padres: Gabriel Gonzaga Bina, Gregório Lutz, José Raimundo de Melo e ao Fernando Altemeyer que acreditaram em mim e me fizeram confiante para persistir, buscar, pesquisar, escrever.

À Ione Buyst e aos padres: Valeriano Santos Costa e Ronaldo Zaccarias que me abriram as portas da Faculdade de Teologia para que eu ensinasse meu método de consciência corporal.

Aos meus irmãos e irmãs da Fraternidade de Charles de Foucauld, sempre presentes nos momentos importantes de minha vida e ao Sebastião de Souza Claudiano pela leitura deste trabalho.

## RESUMO

Sylvie Lagache

### **A corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição**

Essa pesquisa propõe resgatar a dimensão corporal no cristianismo, olhando o corpo na perspectiva da unidade antropológica, considerando que a teologia cristã tem uma dinâmica histórica e encarnatória. Centrado no mistério da encarnação e ressurreição, o cristianismo, desde sua origem, nunca desprezou o corpo, incluiu-o: um Deus que se fez carne, que ressuscita e promete a ressurreição dos corpos. Pretendo-se, ainda, provar isso, voltando-se às raízes do cristianismo, às suas fontes, este trabalho vai considerar as influências históricas, recorrendo-se à tradição mística judaica, exposta no Antigo Testamento e retomada no Novo Testamento, onde o corpo, objeto deste estudo, tem um papel decisivo na salvação e na cura do ser humano. A salvação não se refere unicamente à alma, mas ao Homem, em toda sua dimensão corporal. *O corpo é o eixo da salvação*. Discutir-se-á essa unidade, com a visão fragmentada do corpo de hoje, o corpo dualista de concepção grega, juntamente com outras influências negativas recebidas durante toda sua trajetória histórica, nestes 2000 anos. Resgatar a importância da corporeidade na religião cristã significa uma grande mudança de paradigma, com possibilidades de grandes mudanças comportamentais para o cristão, onde o corpo deixa de ter uma função secundária e desprezível, mas torna-se uma realidade humana, divinizada por Jesus Cristo, manifestada concretamente e amorosamente. Resgatar o corpo no cristianismo é destacar o Jesus histórico, aquele que sabe acolher, servir e curar: atos profundamente humanos, afetivos e corporais e que convida o cristão a contemplá-Lo para imitá-Lo. O corpo será, aqui, estudado enquanto lugar de transformação e de conversão, que busca valores de dimensões sagradas e eternas. Serão citadas várias práticas corporais cristãs que ajudam o homem a viver o processo de transformação, como: a respiração, a ascese, a oração, a meditação, a contemplação, o silêncio, a liturgia, a música, o canto, a dança. O processo da conversão do homem é a ressurreição “aqui-agora”, é transformar o “homem velho”, orgulhoso e egoísta, no “homem novo”, aberto para o outro, ressurgido da morte para vida. É ressuscitar, hoje, em Cristo, com Cristo, no Corpo de Cristo, pois o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do verbo encarnado. Assim, a partir do Corpo “Templo do Espírito” no batismo e nutrido pelo Corpo do Cristo na eucaristia, o cristão viverá o Corpo Transfigurado, o Corpo Glorioso, hoje, e em outros tempos. Esta história é uma história de Deus com Jesus: o rosto humano de Deus e de Jesus com o homem: o rosto divino do ser humano: eis a corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição.

**Palavras chaves: corpo, cristianismo, encarnação, ressurreição, antropologia.**

## ABSTRACT

### **Corporality in the mystery of the incarnation and the resurrection**

The objective of this research is to recover the corporal dimension of Christianity, from the point of view of holistic anthropology, taking into account that Christian theology has an historic and incarnational dimension. Centred in the mystery of the Incarnation and Resurrection, Christianity, from the beginning, never despised the body but included it: a God who became flesh, who resurrected and promised the resurrection of the human body. It also pretends to prove this, by returning to its roots, to its sources which draw their foundation from the mystical Jewish tradition as found in the Old Testament and is found again in the New Testament, where the body has a decisive role in the salvation and healing of the human being. Salvation does not refer uniquely to the soul but to the whole Man, in his bodily dimension. *The body is axis of salvation*. This unity will be discussed, with the modern fragmented vision of the body, the dualist Greek conception, along with other negative influences received during all this historic trajectory of 2000 years. To recover the importance of the body dimension in Christian religion signifies a major change of paradigm, with the possibility of great changes in Christian comportment, where the body will no longer have a secondary and despicable role, but becomes a human reality, divinized by Jesus Christ, manifested concretely and lovingly. To recover the body in Christianity is to emphasize the historic Christ, he who knows how to welcome, serve and heal: actions that are profoundly human, affective and corporal and which invite the Christian to contemplate and imitate Him. Here, the body will be analyzed equally as time and space for conversion and transformation, as for example: respiration, asceticism, prayer, meditation, contemplation, silence, respiration, liturgy, music, song and dance. The human process of conversion is the “here and now” resurrection. It is the transformation of the “old man”, proud and egoistic, into the “new man”, open to the other, changing death into life. It is to rise, today, in Christ, with Christ, in the Body of Christ, since the human mystery only becomes truly clear in the mystery of the Word Incarnate. So, beginning with the body: “Temple of the Spirit” in Baptism, and nourished by the Eucharist, the Christian lives the Transfigured Body, the Glorified Body, today as in other times. This story is a story of God with Jesus: the human face of God and of Jesus with man: the divine face of the human being. It is corporality in the mystery of the incarnation and the resurrection.

**Key words: body, Christianity, incarnation, resurrection, anthropology.**

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
-------------------------	---

### **Capítulo I: O corpo**

1. O que é o corpo, ou, quem é o corpo? .....	16
2. Como se vive o corpo hoje, no dia-a-dia? .....	30
3. Fundamentação bíblica antropológica. ....	40

### **Capítulo II: O corpo na espiritualidade cristã**

1. A concepção do corpo para os gregos e os hebreus e influências que recebeu o cristianismo. ....	54
2. O corpo na espiritualidade cristã. ....	65
2.1 O corpo como “Templo do Espírito” no batismo. ....	72
2.2 O corpo de Cristo na eucaristia. ....	75
2.3 O corpo glorioso na ressurreição no final dos tempos. ....	77

### **Capítulo III: O corpo como lugar de transformação**

1. A conversão cristã. ....	82
1.1 Do homem velho ao homem novo, a graça. ....	82
1.2 Sair do egoísmo e amar o outro como a si mesmo.....	84
1.3 O perdão e a reconciliação pela compreensão. ....	86
2. Práticas corporais cristãs para transformação.....	88
2.1 A respiração: sopro de vida. A atuação do Espírito Santo.....	88
2.2 A respiração como meio de transformação corporal-espiritual.....	89
2.3 Outros meios de transformação: ascese, oração, meditação, contemplação, silêncio, liturgia, canto, dança. ....	90
3. A ressurreição “aqui - agora”, viver em Cristo.....	105

<b>Conclusão</b> .....	109
------------------------	-----

<b>Bibliografia</b> .....	115
---------------------------	-----



## INTRODUÇÃO

Numa sociedade capitalista, onde o “ter” é mais valorizado que o “ser”, é importância fundamental falar do corpo e resgatar sua dimensão espiritual, pois hoje é usado como objeto de consumo, “coisificado”. O conceito é ter um corpo produzido, consumível, hedonista, segundo o modelo de beleza definido pelos critérios da moda e dissociado de sua interioridade, de sua espiritualidade e de sua religiosidade. É um ser fragmentado, e não integrado. Outro aspecto da sociedade capitalista é a primazia do racionalismo em detrimento do corpo, herança do pensamento dualista grego, e especificamente na área teológica, onde o ser intelectual é, às vezes, percebido como incorpóreo. Hoje o cristianismo ocidental vive muito nessa distorção: o corpo tem um papel não só secundário, mas também desvalorizado. O corpo parece o ‘invólucro da alma’ que não tem valor próprio. Geralmente é identificado com a carne, a matéria, e, está diretamente associado à parte do ser humano considerada inferior, que precisa ser dominada, controlada, pois é lugar dos desejos apaixonados: fonte do pecado. A concupiscência, portanto, encontra-se na carne e, mais especificamente, na sexualidade. Assim sendo, o pecado original se transformou em pecado sexual.

Essa concepção distorcida, corpo-carne, penetrou na religião cristã por influências diversas ao longo dos anos. A origem desse dualismo iniciou-se com a religião místico-órfica da Trácia, na Grécia, recebida pelo Pitágoras (580-500 a.C.) e continuado por *Platão* (428-348 a.C.). Esse conceito persiste com a influência de certa leitura hermenêutica das cartas de *São Paulo* que condena a carne, e não o corpo, quando está entregue à imoralidade e dominada pelos desejos. Depois, no século II, esse conceito é retomado por alguns patriarcas, ou seja, corpo como “mau” e habitação do pecado. Para o *gnosticismo*, a salvação só poderia acontecer através do conhecimento,

num longo caminho de purificação espiritual. No século IV, o *maniqueísmo* reafirma sua visão dualista: o espírito é bom (representado pela luz) e o corpo “mau”, (representado pelas trevas), enquanto *Agostinho* confirmava a teoria do corpo como natureza pecaminosa do ser humano, num dualismo “moderado”, porém, suscetível de receber a Graça. Na Idade Média, com *Tomás de Aquino*, recupera-se a visão unitária de homem, mas também a depreciação corporal e sexual por conta de uma valorização exacerbada da virgindade e castidade, retomando-se as pregações dos teólogos Jerônimo e Agostinho. Um sistema de controle corporal e sexual se instalará a partir do século XII. A mulher será a mais atingida, considerada fraca e pecadora, e será, então, subordinada ao homem. Tomás de Aquino dirá: “A imagem de Deus encontra-se no homem de uma maneira que não se comprova na mulher”<sup>1</sup>. Também na *Idade Média*, relembra-se a importância da martirização do corpo em vista da imitação do Cristo sofredor. No século XVII, há a grande influência do *cartesianismo* (do francês René Descartes, 1596-1650), caracterizado pelo profundo racionalismo. Também, no mesmo século, a espiritualidade moralista atinge seu apogeu, baseando-se num ideal de perfeição moral e deixa a pessoa com a consciência permanentemente pesada. Foi a orientação moralista do *jansenismo* (do holandês Cornélio Jansênio, 1585-1638) que dominou a corrente mística na França nesse século, onde se passou a dar um peso maior aos pecados, e principalmente o pecado da sexualidade. Até hoje, as consequências deste jansenismo desastroso estão presentes nas pessoas. Enfim, o cristianismo recebeu, ainda, muito mais influências que passaram pela mediação de fenômenos culturais de várias épocas como, por exemplo, o corpo transformado em símbolo e exageradamente sacralizado. Todas essas distorções e equívocos foram infiltrando-se em vários setores da religião cristã: no clero, na vida religiosa, na liturgia, na formação teológica, e,

---

<sup>1</sup> Cf. GOFF, Jacques le.; TRUONG, Nicolas. *Une Histoire d'un corps au Moyen Âge*. Paris : Liana Levi, 2003, p. 63.

também, nos próprios fiéis, afastando-os dos seus corpos ou até alienando-os, tornando-se pessoas fragmentadas e, às vezes, mecânicas. No começo do cristianismo não era assim, prevalecia a experiência espiritual, que se realiza através do corpo. O Ressuscitado aparece para seus discípulos em corpo e não em espírito: “Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho” (Lc 24, 39), e, também, os discípulos de Jesus: “o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24, 30-32). Por isso, a Teologia não pode prescindir dessa realidade, pois o homem espiritual é carnal e o homem carnal é espiritual, o homem é um todo: espiritual e carnal. A religião integra o corpo e exprime-se de modo corporal.

Portanto, é importante resgatar a corporeidade na espiritualidade cristã, já que é a religião da encarnação e ressurreição da carne, um Deus que se encarna, um Jesus histórico, que acolha, serve, cura na sua realidade humana e dimensão divina, sendo o corpo o catalizador e transformador do ser humano no seu processo de conversão. Superando a visão do corpo separado da alma, vindo da influência grega, que dava primazia ao espírito, desprezando o corpo, reconhecemos, hoje, que somos um corpo, e não apenas temos um corpo. Para a teologia do corpo, essa concepção implica outra dimensão: a expressão da alma, das emoções, dos sentimentos, da espiritualidade, da beleza, fruto do culto do bem, do bom e do belo, assim, considerando o corpo como “Templo do Espírito”. Encontra-se essa teologia do corpo na antropologia bíblica, do Antigo Testamento, na qual Jesus bebeu muito, sendo judeu, e também, em São Paulo (1 Cor 6,18-19). É preciso resgatar urgentemente essa dimensão, pois a espiritualidade cristã, em sua essência, considera o corpo um lugar que Deus escolheu habitar, um lugar sagrado, destinado à ressurreição, - centro da fé cristã - ou seja, um corpo transfigurado, chamado corpo glorificado, que será a expressão do “novo homem”, liberto de qualquer

forma de pecado. É através desse corpo, nosso ser inteiro, que se pode crescer, evoluir, sair do estado de “pecado”, do orgulho, do egoísmo, da limitação e ir em direção à grande mudança, ou metanóia para alcançar a dimensão do ser interior purificado. É viver o “homem novo”, é viver em Cristo.

Viver em Cristo é viver uma nova dimensão corporal, uma realidade sagrada num corpo espiritual, pois *“já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20). É o reino de Jesus Ressuscitado. Claro que esse reino só se realizará plenamente na ressurreição final, mas ele se antecipa agora, porque Jesus ressuscitou, está vivo e presente no meio de nós (2Cor 4,14). Portanto, o homem precisa estar aberto a essa realidade para que seja possível o encontro com Ele, e assim, deixar-se penetrar e ser transformado por Ele, tendo, assim o início da construção do “Reino de Deus”, Reino do Amor, hoje, e aqui nessa terra. *“Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, possui a vida eterna, [...] já passou da morte à vida”* (Jo 5,24-25). Jesus diz: “já passou da morte à vida” e não passará da morte à vida; isso significa que é hoje, na vida sobre a terra, no dia a dia que são plantadas as sementes do corpo ressuscitado, o corpo glorioso, decorrente de nossa fé e do nosso processo de conversão. A partir do Corpo “Templo do Espírito”, através do batismo e nutrido pelo Corpo do Cristo na eucaristia, viver-se-á o Corpo Transfigurado, o corpo Glorioso, hoje, e em outros tempos: eis a corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição.

Essa pesquisa propõe resgatar a dimensão corporal no cristianismo, considerando que a teologia cristã tem uma dinâmica histórica e encarnatória. Centrado no mistério da encarnação, o cristianismo na sua origem, não desprezou o corpo, incluiu-o. Esse trabalho pretende, ainda, voltar às raízes do cristianismo, recorrendo-se às suas fontes, fundamentadas na tradição mística judaica, que se encontram no Antigo Testamento e retomadas no Novo Testamento, onde o corpo tem um papel decisivo na salvação e na

cura do ser humano. A salvação não se refere unicamente à alma, mas ao Homem Total, inclusive a sua dimensão corporal. O corpo é o eixo da salvação. Resgatar a importância da corporeidade na religião cristã significa uma grande mudança de paradigma, com possibilidades de grandes mudanças comportamentais para o cristão, onde o corpo deixa de ter uma função secundária e desprezível, mas torna-se uma realidade humana, divinizada por Jesus Cristo, manifestada nas alegrias, dores, concretamente. Resgatar o corpo no cristianismo é destacar o Jesus histórico, que acolhe, serve e cura: atos profundamente humanos, afetivos e corporais, e nos convida a contemplá-Lo para imitá-Lo.

A iniciação corporal deve levar a viver o Espírito com o corpo, no corpo, e, assim, viver o corpo como templo, como um santuário sagrado, onde o Espírito se manifesta. Ela visa, também, àqueles que desejam viver com afetividade seu corpo para que se apropriem de novo dos seus sentidos: de tocar, de olhar, de ouvir, de saborear, de cheirar, ações tão essenciais na liturgia, mas também para nossa comunicação e comunhão com a vida, com o outro, com Deus. Essa consciência corporal pode contribuir para a evolução da própria pessoa na sua dimensão ontológica, graças a um maior conhecimento de si mesma, e de seu destino na sua dimensão escatológica. É interessante observar que a visão judaico-cristã do corpo do Homem é “imagem e semelhança” de Deus: o corpo é um sacramento do amor de Deus pelo homem. “A reapropriação do corpo é um processo de humanização que exige uma investigação antropológica”<sup>2</sup>, que é objeto dessa pesquisa.

A corporeidade é o eixo da espiritualidade cristã, da encarnação a ressurreição da carne. O corpo será estudado neste trabalho em sua origem cósmica, antropológica e a visão que se tem do corpo enquanto elemento de lucro e de consumo, nos dias de hoje.

---

<sup>2</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 36

Depois haverá discussão sobre os fundamentos antropológicos expressos na Bíblia, consideração sobre a questão da *encarnação*, análise das diferentes influências recebidas no cristianismo, para condiderar o corpo na *espiritualidade cristã*: o Corpo “Templo do Espírito”, o Corpo Eucarístico e o Corpo Glorioso. O corpo será discutido, enquanto lugar de transformação e de conversão que busca valores de dimensões sagradas e eternas. Serão citadas várias práticas corporais cristãs que nos levam ao processo de transformação, como: a respiração, a ascese, a oração, a meditação, a contemplação, o silêncio, a liturgia, a música, o canto, a dança. A questão importante do cristianismo será enfocada: a *ressurreição* “aqui - agora”, dimensão de vida eterna decorrente da metanóia: viver em Cristo, ressuscitar nosso corpo luminoso. Serão apresentados e discutidos a importância do trabalho corporal espiritual e integrativo, objetivando uma iniciação cristã para que se aceite o carnal e se construa, a partir dele, o corpo luminoso. Esse é um projeto que contradiz o conceito de corpo definido pelo nosso mundo: o do “corpo brilhante”, pelas luzes de efemeridade, da transitoriedade, que se destaca pelas conquistas, pelo sucesso a qualquer preço, pelo brilho feito à sombra aos outros. Em contrapartida, o outro, quer construir um “corpo luminoso” que se preocupa em acender luzes nos corações e nas estradas dos homens.

### **Indicação das referências teóricas**

A corporeidade cristã é o objeto dessa pesquisa. Utilizár-se-á como instrumental de análise, o ponto de vista antropológico e teológico, tendo como referência a Bíblia, para olhar o corpo na perspectiva da unidade antropológica. Os textos bíblicos do Antigo Testamento darão a fundamentação antropológica. A maioria desses textos está escrito em hebraico e apresenta uma visão semítica da corporeidade, ou seja, um conceito de corpo integrado (corpo-alma-espírito), em unidade e sagrado: o corpo como Templo. Discutir-se-á essa unidade em relação à visão fragmentada do corpo de hoje: o

corpo dual de concepção grega, juntamente com outras influências negativas recebidas durante toda sua trajetória histórica nestes 2000 anos, que tem sido objeto de análise criteriosa de vários teólogos especializados em antropologia e corporeidade. A partir de uma releitura hermenêutica, os estudos deste trabalho buscarão nos Evangelhos os fundamentos que fazem o Cristo histórico: o Verbo que se fez carne, até chegar ao Cristo ressuscitado, corpo glorioso, que se faz presente no Cristo eucarístico: o corpo do Cristo. Esses estudos terão como fundamentos teóricos a doutrina cristã.

## CAPÍTULO I: O CORPO

### 1. O que é o corpo, ou, quem é o corpo?

“Nós fomos gerados na explosão inicial, no coração das estrelas e na imensidade dos espaços siderais”<sup>3</sup>.

Falar do corpo leva sempre a uma reflexão complexa e ambígua, pois, até hoje, ele é, ainda, considerado um “tabu”, símbolo do pecado, do pudor e da vergonha, hostilizado e, muitas vezes, desprezado, principalmente em nossa cultura ocidental judaico-cristã. Falar do corpo é, também, integrar várias abordagens diferentes: a cosmologia, a biologia, a antropologia, a filosofia, a teologia e muito mais. Aliás, falar do corpo suscita uma pergunta fundamental: temos um corpo ou somos um corpo? Isso implica olhar para duas dimensões: o *corpo-objeto* e o *corpo-sujeito*, ou seja, corpo-matéria-orgânico e corpo- sujeito-intencional. De fato, no processo evolutivo, o corpo se tornou um objeto das ciências do homem e da sociedade que leva em consideração não somente a objetividade do corpo biológico, mas também sua subjetividade, sua essência ontológica, sua evolução cultural e social. No entanto, falar do corpo, é falar do nosso próprio corpo, de um *corpo-imagem*, contemplado no espelho, como ainda, “contemplado” no outro e pelo outro. O homem vive muito em função dessa imagem hoje, num mundo de marketing, onde a aparência se tornou primordial e isto, infelizmente, o afasta da sua realidade interior, criando uma ambigüidade entre o ser e o

---

<sup>3</sup> REEVES, Hubert. *L'évolution cosmique*. Paris: Seuil, 1988, p. 19.



parecer. Em teologia, falar do corpo é, em primeiro lugar, falar da *encarnação*: O Verbo se fez carne: um Deus que encarnou. Mas é falar também do *corpo do Cristo* como o *corpo ressuscitado*, que é ao mesmo tempo “*Igreja-Corpo do Cristo*: a unidade de todos os membros entre si por sua união com Cristo: Cristo Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo”<sup>4</sup>. É, ainda, falar do *corpo de glória*: o corpo daqueles que serão salvos e entrarão na eternidade, na sua integridade, ou seja, com um corpo. Para concluir, podemos dizer, numa linguagem teológica, que o “*Corpo Templo do Espírito*”, o “*Corpo de Cristo*” e o “*Corpo Glorioso*”, são o tripé no qual se fundamenta a espiritualidade cristã, e têm como significado um Cristo que vem nos habitar, nos alimentar e nos dar a vida eterna.

Enfim, todos esses “corpos”, em seus vários aspectos, significados e representações serão vistos e refletidos por diferentes teólogos, a partir da doutrina cristã. Mas iniciaremos esse capítulo pela origem da vida, com uma visão cosmológica do corpo, apoiando-se ao teólogo Denis Edwards que recorrendo em dados científicos, aponta um novo paradigma, um modelo holístico: ciência e religião integradas, que diz: “*Somos todos feitos de poeira das estrelas [...] o homem é composto da poeira das estrelas pelos elementos bioquímicos que o compõe. Todo átomo de todo corpo encontrado na terra tem origem em uma estrela*”<sup>5</sup>. E assim explica:

As criaturas vivas da terra são constituídas de moléculas compostas de átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e fósforo. Todo átomo de cada um desses elementos, além do hidrogênio, foi produzido por fusão nuclear nas estrelas. [...] O hidrogênio é um elemento fundamental na estrutura das células de todas as coisas vivas. [...] Como criaturas vivas, estamos diretamente ligados à própria origem do universo por meio dos átomos de hidrogênio nas células de nosso corpo. Nesse sentido “somos filhos do universo”<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> CATECHISMO DA IGREJA CATOLICA. São Paulo: Loyola, 1999, v. 789.

<sup>5</sup> EDWARDS, Denis. *Sopro de vida*. Uma teologia do Espírito Criador. São Paulo: Loyola, 2007, p. 30.

<sup>6</sup> *Ib.* p. 30.

Assim podemos perceber que todas as coisas no nosso universo são interligadas: há uma relação interior entre o que acontece nas estrelas e o que acontece na evolução da vida na terra, mineral, vegetal e humana. “Pensar o Universo, é contemplar a ligação entre todas as coisas”<sup>7</sup>. Dentro desse conceito holístico, Denis Edwards menciona a fala de dois astrônomos sobre o universo: “nenhum elemento do universo, inclusive nós mesmos, pode ser compreendido finalmente, exceto em relação com o todo”<sup>8</sup>. Nessas palavras, há o conceito da Física moderna, que vê também o mundo como um *todo unificado e inseparável*. Podemos, então, deduzir que a Física, como a religião (que significa *religare* etimologicamente), nos religa, nos conecta de novo com a Unidade Cósmica: “O universo físico moderno, como a mística oriental, estão envolvidos numa contínua *dança cósmica*, formando um sistema de componentes inseparáveis, correlacionados e em constante movimento” afirma Fritjof Capra, autor do conhecido livro “O Tão da Física”, e que diz, ainda:

A física moderna representa a matéria não como passiva e inerte, mas em contínuo movimento de dança e vibração, cujos padrões rítmicos são determinados pelas estruturas moleculares, atômicas e nucleares. [...] o universo precisa ser apreendido dinamicamente à medida que se move, vibra e dança, ou seja, que a natureza não se encontra em equilíbrio estático, mas dinâmico<sup>9</sup>.

Aceitar-se que o homem é composto da poeira das estrelas pelos elementos bioquímicos que o compõe, e que *todo átomo de todo corpo encontrado na terra tem origem em uma estrela*, astro com luz própria, isto indica que nosso corpo, na sua origem, é luz. Então, por analogia, o homem é feito de “pó de luz”, o que não contradiz as Escrituras em Gênesis que afirma que o homem é feito de pó da terra, porque a substância da terra seria a mesma encontrada nas estrelas, fato que não se sabia

---

<sup>7</sup> EMMANUELLE, Sœur. *Vivre, à quoi ça sert?* Paris: Flammarion, 2004, p. 127.

<sup>8</sup> EDWARDS, Denis. *Sopro de Vida*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 33.

<sup>9</sup> CAPRA, Fritjof. *O Tão da Física*. Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 150.

antigamente. As Escrituras não pretendem comprovação científica, mais explicação teológica sustentada pela fé. Se o homem tem essa origem, traz, então, em sua essência luz, que se desenvolverá conforme a nossa caminhada espiritual, já que “o Espírito modifica também a “forma humana”<sup>10</sup>, transformando o nosso corpo “denso” em corpo “sutil”, nosso corpo desfigurado em corpo transfigurado, nosso velho corpo, em novo corpo: o luminoso. Assim pode-se afirmar que é do *pó da luz* que o homem veio (antes do pecado original), e para o qual retornará no final dos tempos. Ressuscitar-se-á, então, em corpo de luz, em corpo de glória, já que a glória divina se manifesta pelo clarão, pela luz (nas pinturas sagradas o Cristo Glorioso é sempre envolvido pela luz). É em e com o corpo que foi concebido, que nasce, que vive, que morre e ressuscita conforme a fé cristã; e é com ele que se comunica. Contudo, o corpo é a evidência da existência: é o *Alfa* e *Omega* de experiência do homem no mundo. E para terminar essa explanação cosmológica do corpo, recorreremos às palavras de Denis Edwards: “O Espírito de Deus teria insuflado vida no processo do universo em evolução desde o início, ou seja, há 14 bilhões de anos atrás, e não apenas no Pentecostes”<sup>11</sup>. Portanto, o corpo carrega esses bilhões de anos de criação, toda a história do nosso planeta, do início da vida, logo torna-se o lugar da memória cósmica.

Pode-se dizer também, que o corpo não é apenas um átomo. Pela definição no dicionário de teologia cristã, “o corpo é o aspecto físico da natureza humana ou estado materializado da pessoa”<sup>12</sup>, sua realidade material, imanente, limitada, feito de músculos, ossos, órgãos etc. Isto é o corpo físico, é o corpo objeto, instrumento biológico de medicina ocidental, reduzindo-o à materialidade: “a biomedicina ocupa-se com o corpo de uma forma fragmentária: órgãos, tecidos, células, cromossomos, genes

---

<sup>10</sup> MILLEIN CASTRO, Maria Inês de.; BINGEMER LUCCHETTI, Maria Clara. Corporeidade e Violência: O Templo Profano. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo, 2005, p. 207.

<sup>11</sup> EDWARDS, Denis. *Sopro de Vida*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 12.

<sup>12</sup> MILLARD, J, Erickson. *Conciso dicionário de teologia cristã*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991, p. 36.

[...]”<sup>13</sup>. Porém o corpo não é apenas um organismo constituído de tecidos, órgãos e células, mas tem, também, uma linguagem própria, que ele expressa pelo olhar, pelas palavras, pelos gestos: é toda uma vivência corporal. Esse corpo vivo, que é a própria pessoa, permite-lhe expressar e interagir com o outro. Ele é expressão da sua individualidade. Graças ao corpo, o ser humano ocupa um lugar real e concreto no espaço e no tempo. Isto é o *corpo humano*. É mais que o corpo-objeto, é o corpo-sujeito, que é o lugar do dom da vida recebida em suas três dimensões: biológica, psíquica e espiritual, que são indissociáveis: “o corpo, sem a alma, não pode realizar nada, nem a alma, sem o corpo [...] as duas substâncias que compõem o ser humano são distintas sem ser separadas e unidas sem ser confundidas”<sup>14</sup>. A dimensão psíquica se refere à *alma*, no Antigo Testamento: nefesh em hebraico, que designa para os hebreus a garganta, uma garganta não só física, mas que se expressa, que se comunica: clama, grita. É uma “alma corporal”, é a energia vital no homem, por isso não pode ser confundida com o sentido greco-helênico atribuído à alma separada do corpo<sup>15</sup>. Também é definida pela filosofia como “faculdades afetivas, morais e intelectuais do homem; sentimento, coração”<sup>16</sup>, é “princípio da *vida corporal* do ser humano”<sup>17</sup>, que é, também, princípio da vida sensitiva<sup>18</sup>. A alma na psicologia moderna se refere ao ego. No Novo Testamento, psyché, alma, em grego, é o eu, ou a pessoa, sujeito consciente e é associada à vida<sup>19</sup>; enquanto a dimensão espiritual se refere à natureza do *espírito*,

<sup>13</sup> HAKER, Hille. O Corpo Perfeito: As Utopias da Biomedicina. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 10.

<sup>14</sup> SYMÉON LE NOUVEAU THÉOLOGIE. Chapitres théologiques, gnostiques et pratiques, II, 23. In : LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris: Cerf, 2009, p. 18-19.

<sup>15</sup> Cf. BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. Vida, morte e ressurreição. Escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000, p. 89.

<sup>16</sup> KURY GAMA, Adriano da. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2002, p. 45.

<sup>17</sup> ROBERT, Paul. *Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française*. Paris: S.N.L.1978, p. 691.

<sup>18</sup> *Ib.* p. 57.

<sup>19</sup> McKENZIE, L. John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 30.

ruah, em hebraico, pneuma, em grego, que é “princípio da *vida incorporal* do ser humano”<sup>20</sup>, o ar, o sopro, o hálito<sup>21</sup>, “é o sopro de Deus”<sup>22</sup>.

Portanto, pode-se afirmar que o corpo é a pessoa na sua totalidade. Ele é sujeito, condicionado pelo mundo e pela história, faz parte da coletividade numa situação de inter-relação; o homem é só um laço de relações, de relacionamentos. Olivier Clément, teólogo e professor do instituto ortodoxo de Paris, expressa sua concepção do corpo nesse sentido:

O corpo expressa a pessoa. Ele não é somente um objeto deste mundo, mas fundamentalmente, alguém, a manifestação, a linguagem de uma pessoa. Ele é o sopro que leva ao pensamento, ele é a marcha e o equilíbrio que estrutura o tempo e o espaço. Nem coisa, nem instrumento, meu corpo sou eu no mundo, eu nos outros.<sup>23</sup>

Vemos uma concepção parecida na visão sensível, perceptiva e profundamente humana de Frans Veldman quando ele diz:

Este corpo é para mim um sujeito, minha vida, meu Ser, meu Ser no espaço e no tempo e também fora do tempo e do espaço [...] Graças à esta corporeidade vivida e sentida, eu encontro o outro, eu faço experiência do mundo, posso me sentir aceito, acolhido, ou ao contrário, negado, rejeitado, ferido, humilhado.<sup>24</sup>

Para o teólogo Leonardo Boff, “o corpo é vivo, uma realidade bio-psico-energético-cultural, dotada de um sistema perceptivo, cognitivo, afetivo, valorativo, informacional e espiritual”<sup>25</sup>. Na sua concepção, o corpo é o homem todo, inteiro: corpo e alma. É um ser inteiro, sim, mas ainda nascendo, em processo de evolução e por isso incompleto e cheio de incoerências e contradições: entre o amor e o ódio, a inclusão

---

<sup>20</sup> ROBERT, Paul. *Le petit Robert, Dictionnaire Alphabétique e Analogique de la langue Française*. Paris : S.N.L., 1978, p. 691.

<sup>21</sup> McKENZIE, L. John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 303.

<sup>22</sup> *Ib.* p. 690.

<sup>23</sup> CLEMENT, Olivier. *Corps de mort et corps de gloire*. Paris : Desclée de Brouwer, 1995, p. 10.

<sup>24</sup> VELDMAN, Frans. In: HENNEZEL, Marie de. *Mourir les yeux ouverts*. Paris : Albin Michel, 2005, p. 137.

<sup>25</sup> BOFF, Leonardo. O corpo dos pobres: uma visão ecológica. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 123.

e a exclusão, a construção e a destruição. Ainda, segundo Leonardo Boff, pela sua consciência e liberdade, o homem pode optar pela ética que o leva a responsabilizar-se pelo cuidar de si, do outro e do planeta ou pode optar pelo poder e a dominação que manipulam, oprimem e ferem o outro, os demais e a natureza: “O corpo é o único objeto do mundo que pode ser dirigido diretamente por minha consciência”<sup>26</sup>. O corpo é também o ser cósmico, completa ele: “é expressão do universo, da vida, e da consciência e é coextensivo a essas realidades”<sup>27</sup>. Esse conceito “ser cósmico” se assimila à concepção de Denis Edwards, apresentada em seu livro: *Sopro de Vida*, já referido nesse trabalho. Leonardo Boff considera que o corpo não é algo no homem e do homem, mas, é o modo como o espírito vive no mundo, encarnado na matéria: “O Espírito é sempre encarnado e o corpo é sempre espiritualizado”<sup>28</sup>. O corpo, para Boff, representa também “o fim dos caminhos de Deus”<sup>29</sup>: a ressurreição, tanto do corpo do crucificado (Jesus) quanto do corpo desfigurado (o povo sofredor). E como ele diz a respeito do corpo: “depois de tudo isso, silenciemos diante de seu mistério, conatural ao Mistério absoluto”<sup>30</sup>. Quanto ao teólogo Karl Rahner, ele resume a concepção do corpo humano da seguinte forma:

O corpo humano não é redutível a um mero objeto que pode ser estudado exaustivamente pelas ciências, precisamente porque é corpo *humano*. A pessoa humana é corpórea e, assim, o corpo humano não deve ser considerado um mero instrumento da alma, como queria o platonismo; também não é pura exterioridade, como afirmava o dualismo cartesiano. A corporeidade é uma dimensão da pessoa humana, do “eu” humano. De fato, é a pessoa humana quem experimenta como próprios a dor ou o prazer bem como as outras atividades do corpo. A corporeidade é tão própria do homem quanto a

---

<sup>26</sup> WIEGERLING, Klaus. O corpo supérfluo - utopias das tecnologias de informação e comunicação. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 20.

<sup>27</sup> BOFF, Leonardo. O corpo dos pobres: uma visão ecológica. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 123.

<sup>28</sup> Id. *Vida para além da morte*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 39.

<sup>29</sup> BOFF, Leonardo. O corpo dos pobres: uma visão ecológica. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 131.

<sup>30</sup> *Ib.* p. 126.

sua espiritualidade. O homem é sempre um espírito com corpo; um espírito sozinho, descorporificado, não pode ser um homem. Propriamente falando, o ser humano não tem corpo (não é um objeto que pode ser possuído), mas é corpo (dimensão básica da pessoa humana)<sup>31</sup>.

Na Bíblia, o homem é designado tanto como carne animada, quanto alma vivente. Portanto, o homem não tem uma carne, ele é uma carne animada; ele não tem uma alma, ele é uma alma vivente. A carne é, então, o homem, o ser humano inteiro, porém na sua limitação de criatura: “O corpo é palavra feita carne, que me revela a mim mesmo e me chama a viver a parábola da vida na história, junto aos outros, a caminho, em direção ao Absoluto, que, ao mesmo tempo, está comigo, me transcende”<sup>32</sup>. Aqui o corpo adquire uma nova dimensão: *o corpo transcendental*, porque nele “habita” o espírito que o faz evoluir, e lhe permite viver uma experiência espiritual: “É nesta ‘carne’ que eu, ser espiritual, sou no mundo, conheço-me, decido por mim e realizo o sentido da minha existência e da eternidade”<sup>33</sup>.

Em Gênesis, o corpo é o lugar onde Deus escolheu para ser o lugar de sua Presença. O ser é obra de sua criação: “Formou, pois, Deus, o homem de barro de terra, e inspirou-lhe na face o espírito de vida” (Gn 2,7). Portanto, nosso corpo é habitado pelo divino, quando é vivificado pelo sopro do Espírito. O sopro é assimilado com a respiração segundo o padre Antonio Gentili, que afirma: “A experiência do absoluto se manifesta por meio do corpo, registra-se na respiração”<sup>34</sup>, ou seja, é o sopro, a respiração que anima o corpo humano e lhe dá sua dimensão espiritual, porque faz a ligação entre Deus e o homem. Nesse sentido, o cristianismo nos traz uma nova

<sup>31</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 280.

<sup>32</sup> MILLEIN CASTRO, Maria Inês de.; BINGEMER LUCCHETTI, Maria Clara. Corporeidade e Violência: O Templo Profano. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo, 2005, p. 210

<sup>33</sup> *Ib.* p. 210.

<sup>34</sup> GENTILI, Antonio. *As razões do corpo*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 3.

Antonio Gentili é padre barnabita, na Itália e é especializado em retiros espirituais.

concepção do Sagrado: o culto não se encontra num templo externo, mas no próprio ser humano, onde o altar é seu coração: “em que os verdadeiros adoradores, adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23), ou ainda: “Entrar em oração é “[...] ‘reunir’ o coração, recolher todo o nosso ser sob a moção do Espírito Santo, habitar na morada do Senhor e esta morada somos nós”<sup>35</sup>, como, tão claramente Santa Tereza D’Ávila nos relata em sua obra “O Castelo Interior”. Portanto, o corpo tem “um caráter *sacramental*, porque é sinal de uma realidade oculta, à qual se pode chegar somente por meio dele; [...] é *símbolo* porque a dimensão mais profunda do ser humano, o eu, manifesta-se por meio dele”<sup>36</sup>, complementa Antonio Gentili. Assim sendo, nossa corporeidade torna-se santificada: “Não sabeis que sois um Templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Cor 3,16). Logo, *nosso corpo é Templo do Espírito*.

O corpo como Templo, além de ser nós mesmos, é também encontrado na resposta de Jesus aos judeus quando se refere à sua própria morte e ressurreição quando diz: “Destruí vós esse templo e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19), e João acrescenta: “Ora, ele falava isso a respeito do templo que é seu corpo” (Jo 2,21). *O corpo de Jesus é Templo vivo*. Ele passa a ser o verdadeiro templo, o santuário, onde o culto é ligado à sua pessoa. Assim, a corporeidade de Jesus torna-se o lugar da presença e manifestação de Deus. “Ninguém jamais viu a Deus” (Jo 1,18), mas através de Jesus Cristo Ele se revela, ou seja, Jesus é encarnação, que significa: “entrar dentro da carne”<sup>37</sup>. Isso prova que o corpo humano está no centro da revelação cristã, escolha assumida pelo próprio Deus na encarnação de seu Filho. Um Deus divino e humano (carnal) só pode valorizar nossa realidade corpórea semelhante à dele.

<sup>35</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, 1999, v. 2711.

<sup>36</sup> GENTILI, Antonio. *As Razões do Corpo*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 3.

<sup>37</sup> MILEIN CASTRO, Maria Inês de.; BINGEMER LUCCHETTI, Maria Clara. Corporeidade e Violência: o templo profano. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 189. (comentário n.17)



A experiência e a reflexão teológica no cristianismo são experiência e reflexão teológica sobre um Deus encarnado. Fora desse dado central e absolutamente necessário não há cristianismo. Não havendo encarnação, não há a possibilidade de Deus assumir todas as coisas por dentro e viver a história passo a passo, por assim dizer, “na contramão” de sua eternidade. Não havendo encarnação, não há cruz, não há redenção, não há salvação. Não há, portanto, aliança entre a carne e o Espírito.<sup>38</sup>

Para a espiritualidade cristã, como já vimos, o conceito do corpo é definido em três dimensões, segundo o dicionário de teologia cristã: “O corpo também é corpo - alma - espírito, idéia que a natureza humana é constituída de três partes comumente identificadas como corpo, alma e espírito (tricotomia)”<sup>39</sup>, e complementa: “Falamos de *corpo-espiritual* como corpo incorruptível dos crentes na ressurreição (1Cor,15,42-49)<sup>40</sup>. Temos aqui uma qualificação corporal de dimensão escatológica. O corpo espiritual não é um corpo apenas espiritualizado, mas o corpo da ressurreição, o corpo de Glória. Assim, na ressurreição teremos corpos espirituais, como afirma o teólogo Henri Nouwen:

Nossos corpos espirituais são feitos á semelhança de Cristo. Jesus veio compartilhar conosco a vida em nossos corpos mortais, de forma que também seríamos capazes de compartilhar de seu corpo espiritual. Jesus veio revestir nossa natureza corruptível com incorruptibilidade e nossa natureza mortal com imortalidade. Assim, é no corpo que nossa vida espiritual encontra sua mais plena manifestação.<sup>41</sup>

O cristão será, então resgatado com seu corpo na Glória Daquele que está nele: “Chamamos também o corpo-espiritual de corpo glorificado, que é o corpo da ressurreição ou corpo perfeito, que o crente receberá no futuro”<sup>42</sup>. Falar de espiritualidade é pensar, em primeiro lugar, na vida do espírito, e, às vezes, isso pode ser assimilado a algo incorpóreo, depurado de todo materialismo. Portanto, como

---

<sup>38</sup> Ib. p. 189.

<sup>39</sup> MILLARD, J, Erickson. *Conciso dicionário de teologia cristã*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991, p. 36.

<sup>40</sup> Ib. p. 36.

<sup>41</sup> NOUWEN, Henri. *Pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 384.

<sup>42</sup> MILLARD, J, Erickson. *Conciso dicionário de teologia cristã*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991, p. 37.

esclarece o teólogo Xavier Lacroix, “o espiritual não é uma terceira esfera, mas o princípio de qualificação que se exprime através do psíquico e do carnal, e os torna espirituais. O homem pode, segundo a palavra de São Agostinho, tornar-se carnal até em seu espírito ou espiritual até em sua carne”<sup>43</sup>.

Pensar em teologia do corpo é, também, não esquecer algumas questões fundamentais que desrespeitem a identidade do ser humano, que é marcada sempre pelo seu contexto cultural. Por exemplo, olhando para uma sociedade patriarcal, encontram-se com certeza, *corpos femininos* excluídos, oprimidos, humilhados e castigados, pois, desde a evolução do universo, os machos se apoderaram das fêmeas, submetendo-as à sua vontade e assim “para neutralizar sua capacidade diabólica, sua capacidade de pecado, o corpo feminino foi o espaço privilegiado de todos os temores dos homens, por isso, este corpo foi e é castigado de muitas maneiras”<sup>44</sup>. Com efeito, o corpo reflete a nossa realidade vivida que é aqui discriminada, e, na tentativa desesperada de se defender, a mulher “adoece, arrasta consigo sintomas que a isolam e nesse isolamento a protege. Mas isso não foi suficiente: a carne feminina, a vida feminina... deve ser castigada”<sup>45</sup>. Em alguns países, quantos bebês de sexos femininos eram mortos, assim que nasciam, porque eram considerados inferiores. A teóloga Ivone Gebara observa a desvalorização do sexo feminino no Novo Testamento, onde a mulher sempre aparece em posição subalterna e subordinada ao masculino, dando importância aos corpos masculinos e suas ações: o corpo de Jesus na sua missão, a escolha dos doze, a última Ceia celebrada entre homens, a morte sacrificial, a ressurreição e a ascensão aos céus deste mesmo corpo masculino, por isso pode-se concluir que a simbologia cristã

---

<sup>43</sup> LACROIX, Xavier. *O Corpo da carne*. As dimensões ética, estética e espiritual do amor. São Paulo: Loyola, 2009, p. 174.

Xavier Lacroix é leigo, doutor em teologia, ensina Teologia Moral na faculdade de Teologia de Lyon, na França, do qual ele é diretor.

<sup>44</sup> VELASCO, Carmiña Navia. Corpo mestiço, raça cósmica. In: *Concilium* 295. *Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 148.

<sup>45</sup> *Ib.* p. 149.

explícita, gira em torno do masculino<sup>46</sup>. Assim impedida de agir “*in persona Christi*” (como imagem de Cristo), a mulher é excluída da ordenação sacerdotal. Mas a mulher, agora, pensa mais a si mesma, luta para que seu papel não fica reduzido ao fardo cotidiano doméstico, luta para resgatar sua importância, sua dignidade, seu valor, sua liberdade e luta para abrir novos horizontos e se igualar aos homens em termo de direito social, político, religioso, sexual e reprodutivo:

Desde os primórdios do movimento de mulheres no século XX, a preocupação em relação à liberdade social e política foi uma nota forte do movimento. Não foram poucos os movimentos pelo direito ao voto, pela igualdade salarial, pelas cotas nos partidos políticos, pela igualdade de chances em diferentes setores e, sobre tudo, em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. As mulheres queriam sair da submissão ao regime patriarcal, que se afirmava como dono e concededor do corpo feminino<sup>47</sup>.

Deve-se, também, considerar que a opressão feminina não se reduza apenas ao domínio masculino, mas, também a um sistema hierárquico intrínseco das instituições sociais, que coloca suas prioridades de acordo com os critérios do capitalismo: o masculino, o rico, o branco e o lucro na frente do feminino, do pobre e do negro; isto é: *pecado social e corpos cruxificados*.

Numa abordagem antropológica temos que nos remeter não só a dimensão cultural, como também, na geográfica, pois o corpo é “fruto” da região de origem. E assim temos a raça negra nascida nos trópicos, que, por causa do clima tem uma pele escura que a protege do sol. E como todos os países onde há bastante sol, os *corpos negros* (incluindo africanos, indígenas e indianos) são mais expostos ao ar livre, são canais de vida: espontâneos, expressivos, principalmente na música e na dança, que são partes integrantes dos seus ritos. Os africanos valorizam o corpo humano que celebra a

---

<sup>46</sup> Cf. GEBARA, Ivone: Corporeidade e Gênero: uma perspectiva ecofeminista. In: SOTER *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 114.

<sup>47</sup> *Ib.* p. 105-106.

vida: “A raça negra é reconciliada com sua corporeidade, e a índia, em comunhão permanente com a Natureza”<sup>48</sup>. Quanto à raça branca, ou *corpo branco*, “fruto” de uma região fria, e, portanto, raramente exposto ao sol e ao ar livre, se cobre, se protege, restringe seus movimentos e expressões corporais, torna-se reprimido e desenvolve em compensação mais sua parte mental, racional, científica, tecnológica, “colocando o espírito acima do corpo”<sup>49</sup>, mas por isso acaba se achando superior: “o corpo branco, especialmente do homem branco, converteu-se em padrão e em seu caminho atropelou os corpos humanos negro e índio”<sup>50</sup>. Pode-se afirmar, no entanto, que todos esses corpos: femininos, negros e brancos são todos, de certa forma, *corpos partidos*. Partidos, pois o ser humano, por necessidade doentia de tirar vantagem, domina e subjuga seu próximo, mutila-o. Assim, para se sentir superior, precisa humilhar o outro: o homem humilhando a mulher, o branco humilhando o negro, e assim por diante. Isso mostra que nosso corpo é um corpo temeroso, envergonhado de si mesmo, que se esconde e se oculta, porque um corpo que ama, que se aceita como ele é, jamais precisa se esconder, se envergonhar, e menos, ainda, mutilar o outro. Então, precisamos urgentemente superar a hostilidade e o desprezo em relação ao corpo, resgatar seu valor, aceitando-o e amando-o, pois afinal, ele é o nosso único meio de comunicação com o mundo, e é o dom que Deus nos deu, pois não será salva, o que não é aceito e nem assumido.

O corpo engloba várias dimensões: material, emocional, psíquica, pessoal (eu), histórica, social e cósmico. Essas dimensões, conjuntamente, formam o que se chama de corporeidade. Nesse sentido, o corpo não é “uma coisa”, um objeto inanimado, porque é o próprio ser humano, que, na sua totalidade que respira, vibra, sente, comunica, se

---

<sup>48</sup> VELASCO, Carmiña Navia. Corpo mestiço, raça cósmica. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 149.

<sup>49</sup> MARCOS, Sylvia. Corpo e gênero nas religiões meso-americanas. In: *Op.cit.* p. 123.

<sup>50</sup> VELASCO, Carmiña Navia. Corpo mestiço, raça cósmica. In: *Op.cit.* p. 145.

comunica e interage com o universo. Assim, fica claro que o corpo não pode ser reduzido a uma máquina, nem a um robô, nem a um instrumento de especulação e exploração científica. Não pode ser, também, um corpo esquecido, dando primazia à racionalidade, à formação somente intelectual, como é o caso da formação teológica, já que seu lugar é tão primordial no mistério da encarnação e da ressurreição. Mas sabe-se, também, que a concepção do corpo passa pela influência cultural, e que o ser humano é fruto do contexto e da época em que vive. “Não se pode deixar de afirmar que todas as experiências pessoais se realizam e se explicitam no corpo. Por isso, “o modo como o percebemos ou como o tratamos torna-se fundamental para a compreensão e nomeação do ser”<sup>51</sup>. Portanto, esse trabalho vai considerar como o corpo vive, hoje, no ocidente, como ele é percebido e tratado, e se ele é integrado em suas três dimensões ou fragmentado: divino e/ou profano.

---

<sup>51</sup> MILLEIN CASTRO, Maria Inês de.; BINGEMER LUCCHETTI, Maria Clara. Corporeidade e Violência: O Templo Profano. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo, 2005, p. 180.

## 2. Como se vive o corpo hoje?

Apesar de o homem ocidental procurar se apropriar de novo do seu corpo, tomando consciência dele e de suas necessidades, tentando recuperar sua unidade: corpo alma e espírito. Infelizmente, ele, ainda, vive essa realidade dividida, dissociado da dimensão espiritual da corpórea, tratando o corpo como um objeto de experiências e pesquisas biológicas e fisiológicas, procurando respaldo numa medicina cada vez mais especializada e afastada de qualquer entendimento holístico.

A concepção cristã do corpo distingue-se da concepção naturalista que é geralmente a da medicina moderna. Muitos médicos de hoje não tratam mais de pessoas, mas de corpos ou órgãos, e muitos doentes sofrem assim de ser considerados e tratados como objetos, amputados duma dimensão de seu ser, fragmentados, e ao mesmo tempo reduzidos a “casos” gerais, e reduzidos por meio de instrumentos de análise a séries de números<sup>52</sup>.

O ser humano vive o corpo, hoje, como objeto de prazer, de consumo, e ainda imediatista, um corpo dissociado de sua interioridade, é o corpo pelo corpo, é o culto do corpo, é um corpo hedonista que leva a *corpolatria*, ou seja: a idolatria do corpo. Essa exaltação do corpo leva o próprio homem a tornar-se mercadoria: “agora, considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo para usar e explorar com proveito”<sup>53</sup>. Muitos jovens e adultos, hoje, vivem mais, ainda, esse processo quando namoram por algumas horas, vivem momentos de prazer, sem pretender continuidade, sem envolvimento afetivo, sem qualquer tipo de compromisso. Eles pretendem desfrutar e consumir aquele momento. Às vezes, não é apenas ficar aquela noite com uma pessoa que nem conhece, mas ficar com várias. O corpo torna-se

---

<sup>52</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 25. O autor é teólogo ortodoxo.

<sup>53</sup> BENTO XVI. *Carta encíclica do Santo Padre: Deus é amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 12, n.5.

um corpo erotizado, “sensualizado” ao extremo. De fato não tem como haver envolvimento afetivo em tais situações.

A objetivação e a dissociação do corpo chegam a um ponto culminante com a pornografia que o mercado da imagem, explorando as paixões humanas as mais grosseiras, espalhe na civilização moderna. Com tristeza a gente vê colocados em contato parceiros ocasionais dos quais cada um ignora a personalidade, a história e mesmo a identidade do outro, que não têm ligação não só espiritual, como também afetiva, que cultivam um contato exclusivamente físico, sendo os corpos, inteiramente transformados em instrumentos a serviço de seus instintos e dos seus fantasmas e reduzidos a categoria de puros objetos, dão lugar à representações nas quais os órgãos sexuais, dissociados do resto do corpo, são condenados à funções que perderam até sua dimensão fisiológica para tornar-se puramente mecânicas e suscitar a ilusão dum prazer intenso e prolongado<sup>54</sup>.

Devido à influência de um marketing cada vez mais penetrante, o corpo busca a aparência, a forma, vestido de marcas e de produtos anunciados pelos comerciais. É um corpo que busca as academias para emagrecer e fazer músculos, preocupado com a imagem. Porém, em contraste com essas atitudes, fuma-se, bebe-se, droga-se e consome-se qualquer tipo de alimento e de preferência industrializado, pouco saudável, como Mc Donald's. Preocupa-se na construção de uma imagem estereotipada, enquanto se destrói a saúde. Muitas jovens adolescentes desejando ficar magras para se adequarem aos padrões ditados pela moda, submetem-se a regime que as levam, muitas vezes, à anorexia. “Trata-se do corpo em sua aparência, ou do corpo como elemento essencial de auto-encenação”<sup>55</sup>. Também aqui, o corpo é entendido e tratado apenas como instrumento: um instrumento que deve produzir determinadas realizações ou realizar determinadas tarefas. Assim, a cirurgia estética e as academias, no mundo inteiro, se transformam em centros de treinamento e de construção de idéias sobre o modelo ocidental do corpo.

---

<sup>54</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 26-27.

<sup>55</sup> BÖHME-AKASHE, Farideh. Experiências interculturais – A compreensão ocidental do corpo como perspectiva global. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 109.

Com efeito, nunca sem dúvida como em nossas sociedades (ocidentais desenvolvidas), o *bem-estar* do corpo terá sido objeto de cuidados, atenção e despesas. Esporte, ginástica, malhação, escultura corporal, sauna, elegância, cirurgia estética, higiene, limpeza, conforto, medicamentos de toda espécie: a que meios não se recorre para “estar bem em sua pele” [...] Quanto à ideologia reinante, sendo duas de suas características principais o *hedonismo* e o *materialismo*, como não se colocaria o corpo no centro de nossas preocupações?<sup>56</sup>

Além de tudo isso, a era da computação, desenvolve um corpo sedentário, com posição sentada durante muitas horas, em que se privilegia a cabeça e as mãos, gerando vários problemas, tais como: dores de coluna, enxaqueca, tendinite e estresse. Devido ao excesso de informações, o cérebro não consegue assimilá-las, ocasionando, assim, dificuldade de concentração e falta de memória extremamente frequente não só em adultos como adolescentes. Excesso de energia na cabeça, ou seja, na parte superior do corpo implica uma falta de energia na sua parte inferior, o que significa: desequilíbrios sexuais como: impotência e frigidez e problemas menstruais, segunda as medicinas orientais e holísticas. Vive-se a era da propagação da televisão, do vídeo, do computador, ou seja, um mundo eletrônico em que basta apertar um botão e começa a funcionar. Com o avanço da tecnologia, faz-se cada vez mais, menos esforço e assim o corpo torna-se passivo, sedentário, sem dinamismo, sem vida, com excesso de estímulos e informações dificultando a assimilação, a “digestão” e a “elaboração” dos mesmos.

“O corpo de homens e mulheres hoje é um corpo ignorado, interferido, submetido à pressão, a negócio [...]”<sup>57</sup>. O tempo é um fator marcante em nossa era, o corpo corre desenfreadamente de um lado para o outro. Nas grandes cidades, durante a noite, as atividades continuam como se fossem de dia. Os fins de semana têm que render financeiramente, muitas pessoas nem mais tiram férias, mas compram-nas para ter mais lucros. A maioria das pessoas que trabalham não se alimenta bem “porque não

---

<sup>56</sup> LACROIX, Xavier. *O Corpo de Carne*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 43.

<sup>57</sup> VELASCO, Carmiña Navia. Corpo mestiço, raça cósmica. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 144.



tem tempo” e esquece-se de suas próprias necessidades corporais ou não as escuta, passando por cima delas, pois acredita que tem outras coisas mais prioritárias: produzir, “fazer dinheiro”, o tempo tornou-se dinheiro. O corpo tornou-se mecânico: mexe-se compulsivamente até à exaustão. É um corpo que passa por cima das suas necessidades e dos seus limites. É um corpo que clama, mas não é ouvido, nem respeitado. Então, aos poucos se cala, não se manifesta mais e começa a adoecer: prisão de ventre ou diarreia, retenção de líquido, dores de estomago, má digestão, insônia, etc., até chegar ao estresse e não responde mais. Não apenas o físico, mas o emocional também se desequilibra, manifestando-se cansaço, desânimo, ansiedade, medo, insegurança, irritação, raiva, impaciência, depressão. Perde-se até o sentido da própria vida.

Por fazer tudo isso com o corpo, o que se vai ganhar com isso? O tempo tornou-se dinheiro. Não se pode perder tempo, porque a nossa sociedade de consumo, capitalista, desperta desejos insaciáveis como: carro, televisão, vídeos, DVD, celular da última moda, roupas e produtos de marca. Para satisfazer desejos é necessário fazer dívidas, e precisa-se, trabalhar demais, ganhar mais e mais e correr para pagar as dívidas e os cartões de créditos que, se não pagas em datas previstas, vão aumentando seus juros a cada dia que passa.

O resultado dessa exasperação dos desejos é o desequilíbrio das pessoas. Não há mais referência, não há mais projeto de vida, não há mais valores duráveis. A máquina de despertar desejos está funcionando sempre e muitos perdem o equilíbrio, não conseguem dar a si mesmos uma verdadeira personalidade. Estão abandonados por uma sociedade que não se interessa por eles, mas unicamente pelo poder de consumir<sup>58</sup>.

O que era bom um tempo atrás para a saúde, tornou-se prejudicial hoje: o corpo não se beneficia mais dos efeitos regeneradores da natureza: *o sol* que energizava, hoje

---

<sup>58</sup>COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 18.

se tornou perigoso, precisa-se proteger dele, porque é causador do câncer de pele ( por causa dos buracos na camada de ozônio). *O ar* é poluído pelos gases dos carros e das indústrias que intoxicam os pulmões, além que não se tem mais “tempo para respirar”. Por tudo isso, há, hoje, tantas alergias respiratórias: rinite, sinusite, bronquite, asma. As pessoas sentem-se sufocados emocionalmente e somatizam em suas vias respiratórias. *O mar*, que era tão saudável para a saúde, devido ao seu poder de absorção, pelo sal, das toxinas musculares e regenerador das células, está causando problemas de pele e outros, por conta dos derramamentos de óleos. *A água*: infelizmente está também contaminada. Está sendo despejado cada vez mais lixo e produtos químicos nos rios. Os alimentos, também, se tornaram perigosos: as carnes são prenes de hormônios e as verduras e frutas, de agrotóxicos. No mercado oferecem-se enlatados, alimentos químicos e industrializados. As bebidas seguem o mesmo perfil. Os carros trazem para a cidade poluição sonora, que tem um efeito desestabilizador para o sistema nervoso. O corpo está sendo agredido de todas as maneiras, está sendo descuidado e pouco saudável. O próprio homem está se destruindo e destruindo a fonte do seu equilíbrio, da sua saúde: a natureza.

O mundo de hoje nos impregna de suas ambições, projetos, equívocos, exigências, preocupações e ilusões. Um lixo ruidoso e caótico se acumula em nossa alma, em nosso espírito e em nosso corpo. Fruto de uma crise que é também ecológica, esse entulho chega todos os dias nos alimentos desequilibrados ingeridos inconscientemente; nos líquidos bebidos sem discernimento; no ar poluído inevitavelmente respirado e até pela luz solar recebida em qualidade e quantidade inadequadas. A solicitação e a manipulação de nossos corpos e sentimentos por mecanismos de consumo, projetos materialistas e embates competitivos nos afastam de nós mesmos e distanciam-nos de nossa identidade profunda<sup>59</sup>.

A nossa cultura ocidental valoriza o “ter” mais que o “ser”, e é na busca frenética desse “ter”, o homem se desumaniza: vale ter a qualquer preço, até tirando vantagem

---

<sup>59</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 21-22.

dos outros. Deve-se chegar primeiro, conseguir o melhor “pedaço”, o melhor lugar, o maior lucro! Assim desaparece o respeito, a ética, a afetividade e a solidariedade. E assim também o corpo se desumaniza, volta-se a seus próprios desejos, muitas vezes fictícios, não verdadeiros, e está tão envolvido com ele mesmo, que nem consegue perceber mais o outro que está ao seu lado. Assim, torna-se um corpo destituído de afetividade, que não mais se comunica. E nessa falta de intimidade profunda entre dois seres, surge a depressão. Um exemplo disso é a França que é o maior consumidor de antidepressivo, sendo um país onde uma grande parte da população beneficia-se de condições materiais confortáveis e uma cultura de qualidade<sup>60</sup>. Nessa busca frenética em querer obter o objeto de desejo (o ter), não se consegue mais tempo para apreciar as pequenas coisas da vida que fazem a sua qualidade: saborear um alimento e não o engolir, harmonizar sua casa para que seja um lugar gostoso e acolhedor de se ficar, escutar uma conversa íntima de um amigo, ler um livro de reflexão, ouvir uma música, contemplar uma paisagem, silenciar, orar, meditar etc. Esses são as qualidades de vida que alimentam a nossa alma. Portanto, é um corpo que está se distanciando de sua alma, porque perdeu sua relação com o sagrado, afastando-se de sua fonte divina. “A distração inibe a possibilidade do encontro com Deus. O tumulto e a agitação da vida diária, a incapacidade de fecharmos os olhos, de ficarmos em silêncio, permitem que o visível afugente e sufoque o invisível”<sup>61</sup>. Portanto se “o Essencial é invisível para os olhos”<sup>62</sup> como diz Antoine Saint Exupéry no seu livro *O Pequeno Príncipe*, e o homem ficou “cego” e insensível ao Essencial, como, então, ele pode achar um sentido para sua vida?

---

<sup>60</sup> Cf. SERVAN-SCHREIBER, David. *Guérir le stress, l'anxiété et la dépression sans médicaments ni psychanalyse*. Paris: Robert Laffont, 2003, p. 205.

<sup>61</sup> CARRETTO. *Um contemplativo pelos caminhos do mundo*. SIBILIA, Gian Carlo (org). São Paulo: Paulinas, 2000, p. 44

<sup>62</sup> EXUPÉRY-SAINT, Antoine. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 72

A cultura ocidental, também, não valoriza o autoconhecimento, mas apenas o conhecimento: escolas, faculdades, cursos que estão, em sua maioria, orientados para informações voltadas para o mundo exterior. Com a tecnologia cada vez mais desenvolvida, busca-se sempre a conquista do mundo externo e muito pouco a conquista do mundo interno, da interioridade, a conquista de si mesmo. Claro que a formação cultural assim como os meios de comunicação e divulgação são bons e necessários, porém não suficientes quando se percebe que o homem não tem domínio sobre suas emoções, sendo dominado pelo medo, pela ansiedade e depressão, e, por isso, não consegue lidar com seu “mundo interior”: “De fato, que adianta alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?” (Mc 8,36). O homem não sabe lidar com tantos problemas e conflitos e, por isso, se estressa, pois não aprendeu a se relacionar consigo, e, portanto, com o outro, e com diz Karl Rahner: “Não temos o direito de reclamar um mundo melhor, se o melhoramento não começar no nosso próprio coração”<sup>63</sup>. Assim sendo, o autoconhecimento é muito importante, ele é também o caminho da interioridade: “a interioridade nos faz descobrir verdadeiramente a nós mesmos, a Deus, aos outros. [...] Isto é, descobrir a si mesmo, é superar-se”<sup>64</sup>. Mestre Eckhart afirmava: “Deus está perto de nós, mas nós estamos longe dele. Deus está dentro e estamos fora. Deus em nós, está plenamente na sua morada, nós somos estrangeiros”<sup>65</sup>. Assim Eckart nos convida a entrar *no reino da interioridade*, conforme as palavras de Jesus: “Permaneeci em mim e eu permanecerei em vós”. É o nascimento de Deus em nós; é a consciência do corpo habitado por Deus, do corpo sagrado.

Nesse sentido, os orientais são mais avançados do que os homens ocidentais. Através de suas práticas corporais, eles buscam o equilíbrio interior, a harmonia, a

---

<sup>63</sup> RAHNER, Karl. *Graça divina em abismos humanos*. São Paulo: Herder, 1968, p. 27.

<sup>64</sup> GOZIER, André. *Prier avec Maître Eckart*. Bruyères-Le-Châtel : Nouvelle Cité, 1992, p. 17.

<sup>65</sup> In : Sermon. *Le royaume de Dieu est proche*, N.R.F. 1942, p. 94. Apud GOZIER, André. *Prier 15 jours avec Maître Eckart*. Bruyères-Le-Chatel : Nouvelle Cité, 1992, p. 23.

integração com o universo, a transcendência. Enquanto isso, as técnicas ocidentais buscam a conquista externa: uma imagem, um corpo musculoso, ou uma performance, “o mais belo e o mais forte”. Os ocidentais têm um corpo não espiritualizado, porque não buscam o belo e o forte como expressão da virtude do espírito, como conquista sobre seus instintos, sobre seu egoísmo, mas pelo contrário, alimentam o corpo narciso que cultiva o ego.

Também aqui o corpo é entendido e tratado apenas como instrumento: um instrumento que deve produzir determinadas realizações ou realizar determinadas tarefas. Assim a cirurgia estética e as academias e casas de treinamento no mundo inteiro se transformam em centros de treinamento nas idéias ocidentais sobre o corpo<sup>66</sup>.

Não busca o encontro com o Deus do amor, mas os ídolos que alimentam suas paixões como: música de rock pesado, marcas de roupas e produtos, bebidas, drogas etc. É um corpo dispersivo, desconcentrado e com falta de memória, por causa de excesso de informações e estímulos, ativismo exagerado, desejos desordenados e insaciáveis. É um corpo que não consegue se esvaziar, não consegue silenciar, não consegue escutar a voz interior que poderia orientá-lo e por isso busca sempre sinais de fora. Ficou insensível ao mistério donde brota todo o significado da sua vida, sua essência. Em vez de se apoiar no seu centro, ele se apóia na periferia, e claro, com o tempo, ele se desmonta e se desilude por falta de uma verdadeira sustentação. Para o teólogo Jean-Yves Leloup, “uma vida que não tem centro é uma vida que não tem sentido”<sup>67</sup>, como, também, para Alfonso García Rubio: “a pessoa deve estar centrada em si própria, orientada para a própria interioridade”<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> BÖHME-AKASHE, Farideh. Experiências interculturais – A compreensão ocidental do corpo como perspectiva global. In: *Concilium 295. Corpo e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 109-110.

<sup>67</sup> LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos*. Uma antropologia essencial. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 96.

<sup>68</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 249.

É um corpo que não tem paciência de orar porque vive num mundo hiper ativo, onde a ação “lucrativa” é mais valorizada que a contemplação “gratuita”. O que importa é fazer, atuar, produzir. Mas o que se pode dar se não se dedica tempo para receber, para realimentar-se, como fazia Jesus, retirando-se ao deserto para se comunicar com o Pai? Que ajuda o homem pode dar se está exaurido: com “sede” e com “fome”, “vazio”, ansioso, estressado e até deprimido? Como um trabalhador estressado pode produzir bem e ter pensamentos coerentes? Como pode pensar que uma pessoa leiga, consagrada ou religiosa pode oferecer seu amor, sua caridade, se não tem tempo para se reabastecer, para meditar, para refletir, para contemplar? Só um corpo cheio de amor e de paz pode transbordar para os outros. Atualmente o tempo é tão corrido que se passa um ano e tem-se a impressão de que não passou nem a metade. Quando não se dá o tempo de saborear a vida, mas sim engoli-la, fica a sensação de não ter vivido, e, entretanto, sente-se medo de morrer, porque não viveu plenamente. Não viveu o momento presente, conscientemente e com plenitude. “O saborear a vida” é a consciência da vida eterna do homem, que deve ser buscada na meditação. Ele precisa-se de saber, de sabedoria, e de sabor para desfrutar a vida.

Para morar na doçura do corpo, temos que enterrar a cabeça no seu ventre, entrar de mansinho, sentir suas necessidades, escutar seus anseios. Não fugir para além das nuvens, mas gotejar, como chuva, para o íntimo da terra. Isso é preciso porque andamos fugindo. Vaguemos indecisos. Desconfiamos do corpo e da terra [...] O corpo está sempre falando da necessidade de se encontrar com os outros, com as plantas, os animais, as estrelas que piscam lá no alto, está sempre na necessidade de namorar o que está perto de nós... Para cumprir esse projeto de enamoramento e de entrelaçamento, o corpo é dotado de sensibilidade<sup>69</sup>.

Infelizmente o homem mata a sua sensibilidade por viver num corpo materialista, afastado de sua humanidade e conseqüentemente de sua divindade. É um corpo carente,

---

<sup>69</sup> BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para Principiantes*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 108.

individualista e solitário, desvitalizado e mecanizado, que se alimenta de falsos valores, falso-brilho, e busca, antes de tudo, o poder, sucesso e fama. É um corpo não sagrado, porque não se deixa habitar por Deus, mas é consumido por seus múltiplos objetos de desejo que o mundo de hoje lhe oferece. É um corpo escravo dos seus desejos descartáveis, que ele mesmo criou. É um corpo descartável como qualquer mercadoria de hoje: não tem durabilidade, só vale por aquele momento, sem perspectiva de preservação ou de transformação.

Tudo isso mostra valores bastante agressivos que vão se concretizar em atos de violência, consequência de falta de respeito consigo mesmo e decorrentemente com o outro e a sociedade e vice e versa. Claro que junto a esse mundo destrutivo, estão se construindo correntes humanistas imbuídas de espiritualidade que procuram abrir outras perspectivas, mostrando formas diferentes de olhar a vida, pensando e agindo positivamente, procurando sintonia entre o corpo e o cosmo, procurando harmonia e transcendentalismo com meditação, correntes de oração, terapias alternativas que possibilitam a descoberta de si mesmo, e criando possibilidades do homem sair do egoísmo para a solidariedade, e assim devolver o respeito e amor à natureza e ao ser humano. Felizmente onde há perda, como no mundo de hoje, há, sempre, ganho também. É a própria dinâmica da vida, criando paradoxo: precisa de destruição para investir em construção; precisa sentir falta para ir ao encontro; precisa de um corpo carente para abastecer-se, precisa morrer para renascer e para ressuscitar. “Felizes os que choram porque serão consolados” (Mt 5,4). Assim é nossa espiritualidade cristã. Porém, antes de se aprofundar nela, é preciso conhecer primeiro a visão bíblico-antropológica do corpo que é oposta à concepção do corpo de hoje.

### 3. Fundamentação Bíblica Antropológica

Contrário ao homem moderno, fragmentado, cortado de seu interior, e separado do divino, a tradição do judaísmo vê o homem como unidade, sem dualismo e sagrado: “O homem é por natureza, ontologicamente, imagem divina e cosmológica e as verdadeiras tradições religiosas são caminhos para chegar-se à plenitude dessa revelação”<sup>70</sup>. No Antigo Testamento, encontram-se as primeiras fontes de uma antropologia bíblica nas passagens do Gênesis sobre a criação do homem, quando Deus diz: “Façamos *o ser humano à nossa imagem, e segundo nossa semelhança [...]*” (Gn 1,26). Deus criou a pessoa humana à sua imagem, ou seja, um ser humano como imagem de Deus. O termo imagem indica certamente uma correspondência entre o ser humano e Deus, que supõe uma similitude geral de natureza entre o Criador e a criatura. Trata-se dos dons sobrenaturais caracterizados pela justiça, pela integridade e pela imortalidade<sup>71</sup>, que Deus atribuiu ao homem e a mulher quando Ele os criou. Assim Deus criou o ser humano à sua própria imagem para que se tornasse semelhante a Ele, aperfeçoando a si mesmo para chegar à semelhança, vivendo na intimidade divina, em estado de pureza e de perfeição.

No âmbito dessa concepção bíblica da semelhança de Deus, como a de um ser humano real, com o ser humano vivo, masculino-feminino, repousa o significado central de uma antropologia bíblica, a qual descobre, no corpo concreto, a presentificação simbólica, sacramental de Deus<sup>72</sup>.

O homem foi criado para espelhar Deus. Podemos, então, deduzir que o ser humano era destinado à santidade, até ele romper sua aliança com Deus na queda

---

<sup>70</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 24

<sup>71</sup> Cf. MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.p. 17; 21.

<sup>72</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 2003, p. 12-13.



original. Porém, ele pode restaurar essa aliança se ele se abrir à Graça de Deus, e como falou Paulo: “para sermos santos e íntegros diante dele no amor” (Ef 1,4). Com efeito, o ser humano sempre foi destinado à santidade, santo de modo semelhante a Deus que é Santíssimo, e é imagem representativa Dele sobre a terra, porque “dotado de inteligência e de vontade, o homem pode entrar ativamente em relação com Deus”<sup>73</sup>, e ser, assim, participante do poder de Deus sobre a terra e sobre outros seres vivos, observando uma responsabilidade em relação ao próximo e ao cuidado da criação. A expressão “imagem de Deus” quer dizer, então, que o ser humano, no mundo, precisa cuidar das coisas que Deus criou: o Criador concedeu ao ser humano, junto com a entrega das criaturas, tarefas pelas quais é responsável, como cultivar e cuidar do jardim (Gn 2,15-16) e lhe deu poder de decisão na criação: “cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse”(Gn 2,19-20). Ele é criado à imagem de Deus para assumir livremente sua condição de imagem e trilhar o caminho da semelhança: “Possuis aquilo que é imagem, pois é dotado de razão e de vontade; tornas-te, porém, semelhança, adquirido a bondade e compaixão”<sup>74</sup>. Só o homem foi criado à imagem de Deus, só o homem é “capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas para que as dominasse e usasse, glorificando a Deus” (GS 12,3)<sup>75</sup>. E se Deus é o libertador, Aquele que liberta o seu povo, o ser humano como imagem e semelhança, deve seguir o mesmo modelo, o mesmo propósito, ou seja, conquistar a liberdade para si, para o outro e para toda humanidade. Ele deve lutar contra qualquer forma de escravidão, pois: “o ser humano é criado para criar, para que tenha liberdade ‘assim na terra como no céu’. Deus não criou coisas, e sim ‘criou a criação’, algo que sempre deve

---

<sup>73</sup> Cf. Comentários sobre Gênesis (Gn 1,26). In: *Bíblia de Jerusalém*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>74</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. 2.ed. São Paulo : Paulinas, 2002, p. 63. Ela cita o Bispo de Cesaréia de Capadócio como autor dessa frase encontrada In: *Sources Chrétiennes n. 160*. Paris: ed. Cerf, [s.d.].

<sup>75</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral « Gaudium et Spes » sobre a Igreja no mundo de hoje*. n.12,3.

se inventar e ser inventado, e onde o ser humano, criado criador, exerce a função insuperável de co-criador”<sup>76</sup>.

O ser humano é o ápice e centro de toda criação, feito de barro, seu lado terrestre, e animado pelo sopro divino, é o vivente que tem relação com Deus: “Então Iahweh, Deus, *modelou o homem com a argila* do solo, insuflou em suas narinas *um hálito de vida* e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). O hálito de Deus, na Bíblia, designa ao mesmo tempo o sopro da respiração, do vento, da vida, do alento, do espírito, da potência de Deus. O inspirado é o homem do sopro. “Nos somos seres “soprados”. Cada um de nós é soprado no fundo de seu ser e modelado pelas mãos divinas [...] O hálito da vida anima nossa vida corpórea...”<sup>77</sup>. Sendo o hálito assimilado ao sopro, à respiração, Hans Walter Wolff expressa a mesma idéia que Evaristo Miranda, porém com outras palavras “a respiração com característica da vida mostra o ser humano em união indissolúvel com Javé. Tudo no ser humano é terreno-material, embora moldado pelo próprio Javé; mas como ser vivo, o ser humano deve aquilo que é insuflação do hálito por Javé”<sup>78</sup>. O espírito humano, então, está ligado às suas origens celestiais e o corpo humano, às suas origens terrestres. Portanto, o ser humano, na sua corporeidade integra o céu e a terra.

Deus não deixou o homem solitário. Desde o início, “*homem e mulher, ele os criou*” (Gn 1,27). O homem é uma pessoa e como tal se relaciona. Por isso que Deus lhe fez uma companheira. “Esta união constitui a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver, nem desenvolver seus dotes” (GS,12,4)<sup>79</sup>. Deus se faz presente

<sup>76</sup> GESCHÉ, Adolphe. *O Ser Humano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.73.

<sup>77</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2000, p. 161.

<sup>78</sup> WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Hagnos, 2007, p. 110.

<sup>79</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral « Gaudium et Spes », sobre a Igreja no mundo de hoje*.n.12,4.

quando as pessoas se relacionam em seu nome: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles” (Mt 18,20). A união entre as pessoas se expressa em forma de comunhão, de partilha, vendo, em seu próximo, a imagem de Deus, ou seja, voltando-se para o outro através do amor de Deus. E como aponta Jean-Yves Leloup: “as tradições semíticas insistem no amor aliança, ou seja, como o encontro entre dois seres”<sup>80</sup>. Assim podem se complementar amorosamente, e é justamente nessa união que se tornam a imagem de Deus.

O homem não é imagem de Deus somente por força de sua humanidade, mas se torna exatamente por força da *communio personarum* entre homem e mulher. [...] O homem e a mulher se descobrem, de tal modo, capazes do dom. No dom, o homem encontra o verdadeiro significado do corpo: exprime a pessoa capaz de amar. É o significado esponsal do corpo, fonte da felicidade originária que manterá um seu valor, mesmo na realidade histórica<sup>81</sup>.

O *Cântico dos Cânticos*, um dos livros do Antigo Testamento, o mais belo canto de amor faz menção a um Deus criador dos corpos, e que dos corpos começa a comunicação de Deus com o homem e a mulher. O Cântico dos Cânticos resgata a imagem de Deus presente nos corpos e convida ao culto de Deus nas experiências de amor e na união dos corpos, pois: “quando abrimo-nos para o outro, quando fazemos a experiência do outro, quando deixamos o outro entrar em nossa vida, o divino se faz presente no humano”<sup>82</sup>. Na relação íntima dos amantes, não existe impureza em relação à sexualidade porque é movida por uma relação de amor, amor de Deus que se manifesta entre os amantes: “Sim, teus seios são cachos de uva, e o sopro das tuas narinas perfuma como o aroma das maçãs. Tua boca é vinho delicioso que se derrama na minha, molhando-me lábios e dentes” (Ct 7,9-10). Aqui vemos que os corpos são aceitos na sua sexualidade, sensualidade e erotismo. E como fala o Padre José Wilson

<sup>80</sup> LELOUP, Jean-Yves. *Jesus e Maria Madalena*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 38.

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*. In: PETRINI, João Carlos.; SILVA, Josafá Menezes da (orgs). São Paulo: EDUSC, 2005, p. 52.

<sup>82</sup> SILVA, José Wilson Correia da. *A Beleza do corpo*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 55.

Correia da Silva, no seu livro “A beleza do Corpo”: “Os possíveis rituais que achamos no Cântico dos Cânticos falam do sentir, do tocar, do lambar, do olhar o corpo sem nojo, sem medo. E mais, é mediante o amor e a abertura para o outro que Deus se manifesta de forma visível”<sup>83</sup>.

A experiência do amor se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando assim o caráter egoísta que antes prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, em vez disso, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício<sup>84</sup>.

Como podemos perceber aqui, o corpo, como a sexualidade, não é objeto de uso para o proveito pessoal, nem a busca do êxtase relegado ao campo puramente biológico, mas é, sim: “êxtase como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para sua libertação no dom de si, e, precisamente, dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda, para a descoberta de Deus”<sup>85</sup>. Assim, pode-se dizer que o corpo da pessoa humana não pertence a ela, mas a Deus e ao Espírito Santo, desenvolvendo, então, a idéia do corpo como templo de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, que se baseia na imagem do ser humano e na sua similitude com Deus, mencionado no Antigo Testamento. Para visão judaico-cristã, o corpo humano, como imagem e semelhança, significa que o corpo é um sacramento do amor de Deus. Assim, o corpo humano, feito à imagem e semelhança de Deus, é reconhecido como território do sagrado:

O corpo humano possui uma estrutura e uma unidade que vão além da própria matéria, realidade essencial da pessoa. É um santuário onde a sabedoria divina se torna visível. A sabedoria judeu-cristã ajuda a viver o corpo como um templo, em que pesem todos os equívocos

---

<sup>83</sup> Ib.p. 55

<sup>84</sup> BENTO XVI. *Deus é Amor*, São Paulo: Loyola, 2006, p. 13, n.6.

<sup>85</sup> Ib. n.6.

castradores e abomináveis que a história ocidental e oriental proferiu e ainda profere sobre o corpo<sup>86</sup>.

E ainda Evaristo Miranda aponta que: “não se trata apenas de um monte de órgãos, vísceras, fluidos e funções. Na língua hebraica, todas as partes do corpo humano são dotadas de atributos psíquicos e espirituais. Cada parte do corpo humano leva em si mesma uma consciência do verdadeiro Eu e de sua unidade”<sup>87</sup>. Da mesma forma que na medicina chinesa cada órgão corresponde a uma emoção, como o fígado: a raiva; os rins: o medo; o coração: a ansiedade e o baço: a preocupação, na tradição judaico-cristã, o corpo tem também uma linguagem simbólica que fala.

A palavra *coração* (*lev*, em hebraico e *cárdia*, em grego), é citada na Bíblia 1024 vezes, “é o centro principal da atividade emocional do corpo”<sup>88</sup>. É a sede do conhecimento das coisas divinas, o lugar da razão, do entendimento: “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda a tua alma e com todas as suas forças. E trarás gravadas no teu coração todas estas palavras que hoje te ordeno” (Dt 6,5-7); igualmente da inteligência: “Eu durmo, mas meu coração vigia” (Ct 5,2); dos planos secretos, da reflexão, da contemplação: “Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19). Muitas vezes, a palavra coração tem um sentido metafórico: “Eu lhe darei um só coração; porei no seu íntimo um espírito novo: removerei do seu corpo o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ez 11,19). Aqui, o coração é o lugar da vida moral, da consciência: ele é o interior do homem, onde nasce e se desenvolve sua vida espiritual, onde há transformação, conversão<sup>89</sup>. Do mesmo modo, segundo Michel Meslin, quando Agostinho afirmava: “Meu coração está onde estou, tal

<sup>86</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de, *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 11-12.

<sup>87</sup> *Ib.* p. 11.

<sup>88</sup> McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 183.

<sup>89</sup> Cf. SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 59-76. Cf. WOLFF Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 79-109. Cf. MIRANDA, Evaristo Eduardo de, *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 151-156.

como eu sou”<sup>90</sup>, é, para ele, o lugar da interioridade e da experiência religiosa, que define a individualidade da pessoa<sup>91</sup>. Assim, o lugar do desejo de Deus é o órgão da oração: o coração. Falar em coração é, também, lembrar o espaço da afetividade, dos desejos, do amor, que se une com o coração sofredor de Jesus Cristo: “O coração divino e o do ser humano se unem numa troca de amor”<sup>92</sup>. É o que chamamos de experiência mística.

*Garganta e respiração*, em hebraico, formam uma só palavra. A garganta é a sede da alma (*nefesh*, em hebraico, *psyché*, em grego e *anima*, em latim), é aquela que chama, reclama, grita, ávida, insaciável, faminta e sedenta, e é tudo que entra e sai da pessoa humana: ar, água, alimento, voz e fala. É o órgão de ingestão de alimentos e da saciação, mas, “por trás desse órgão, está a carência geral e espiritual da pessoa”<sup>93</sup>, o homem necessitado e desejoso, por isso, essa fome ávida é ligada com o vazio existencial: vazio que, muitas vezes, tenta ser preenchido por compulsão alimentária no lugar de alimento espiritual. “Javé não deixa passar fome a *nefesh* do justo, mas repele a avidez do ímpio” (Pr 10, 3). Esse provérbio revela que a alma do ser humano sente que não pode viver só por si mesmo, mas precisa de Javé para alimentá-la, saciá-la “como um jardim bem regado” (Jr 31,12). A garganta é, também, respiração em Gênesis 35,18 quando a Raquel morre e que se diz que sua *nefesh* saiu, só se pode deduzir que se refere à respiração. Como se percebe, a “*nefesh*” significa basicamente o ser humano necessitado, que busca a vida: comendo, bebendo e respirando, no sentido material,

---

<sup>90</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 10.ed. São Paulo: Paulus, 1984, livro X, 4.

<sup>91</sup> Cf. MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino. Fundamentos de uma Antropologia Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 186.

<sup>92</sup> *Ib.* p. 187.

<sup>93</sup> Cf. SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 79.

emocional e espiritual<sup>94</sup>. É o homem inteiro que está focalizado. *Nefesh* não designa algo que o homem tem, mas o homem mesmo: o homem é *Nefesh*.

A *barriga* é região do sentimento ou do irracional, lugar que Deus acolhe a pessoa humana, é o lugar onde Deus exerce sua maternidade, o útero não pertence a ninguém senão a Deus, que dá a vida e a retoma: “Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci” (Jr 1,5), ou ainda: “Pois és tu quem me tirou do ventre da minha mãe, quem me confiou ao seu peito; eu fui lançado a ti ao sair das entranhas, tu és meu Deus desde o ventre materno” (Sl 22,10-11). Se, de fato, é Deus quem dá a vida e a retoma, podemos dizer que “a investida tecnologia no útero da mulher não é somente uma agressão à dignidade das mulheres, mas uma ofensa a Deus”<sup>95</sup>. Jean-Yves Leloup, teólogo e terapeuta holístico nos informa que nossas memórias antigas e arcaicas têm raízes na vida intra-uterina<sup>96</sup>. *Os rins* como os pés e as orelhas têm forma de semente, pois são lugares de escuta no interior de nós mesmos<sup>97</sup>. Eles, ao lado do coração, constituem o órgão interno muito importante, lugar de escuta intuitiva, do sentimento, sede do entendimento e da consciência moral: “quando meu coração se amargurava e nos meus rins sentia dor aguda” (Sl 73,21). Assim nos sondamos nossos rins na meditação, para refletir, para entender, o que pode nos levar a mudar de “direção”, mas Deus também sonda os rins e os corações: “Pois Deus é testemunha dos sentimentos dessa pessoa, investiga seu coração segundo a verdade e mantém-se à escuta de sua língua”. (Sb 1,6)<sup>98</sup>.

---

<sup>94</sup> Cf. SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 77-90. Cf. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 33-56.

<sup>95</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 109.

<sup>96</sup> LELOUP, Jean-Yves. *O Corpo e seus símbolos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 19.

<sup>97</sup> *Ib.* p. 106.

<sup>98</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2000, p. 117.

A *cabeça* é o ápice do ser humano; o rosto: o ponto focal da pessoa; o que acontece no interior do ser humano se reflete nos traços do rosto: “Na luz da face do rei está a vida!” (Pr 16,15), ou, ao contrário: “Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido” (Gn 4,5d). *O nariz* é o órgão do olfato e da respiração: é pelo nariz que Deus soprou e deu vida ao homem (Gn 2,7). “Órgão do olfato e do faro, o nariz é um sinal sensível da emoção humana”<sup>99</sup>. O nariz nos orienta sobre os cheiros que nos fazem bem ou não. Por um cheiro especial, o homem pode se sentir embriagado, ou lembrar-se de um lugar ou pessoa especial. Na Bíblia, “o perfume, o desabrochar das flores humanas e o odor de santidade são imagens fortemente associadas ao nariz e às mensagens trazidas pelo sopro”<sup>100</sup>. *O cabelo* expressa a vitalidade e o erotismo. *O pescoço e a nuca* representam o orgulho: a inclinação da cabeça é um ato de humilhação e o levantar de elevação e reconhecimento “A cabeça se torna imagem de tudo que é elevado”<sup>101</sup>.

*Os olhos* de uma pessoa ou olhos de Deus expressam a qualidade e o dinamismo do olhar, e não a função física do olho:<sup>102</sup> “Como és bela com teus olhos de pomba!” (Ct 1,15). Assim a expressão do olhar de uma pessoa mostra a sua alma, seu coração; revela sua intenção e, também, seu ser interior, enquanto: “a visão interior evoca a contemplação e o silêncio, o fechar os olhos para poder enxergar outra Realidade”<sup>103</sup>. No Livro dos Provérbios, Deus é o criador dos sentidos: “O ouvido, para ouvir e o olho, para ver, o Senhor os fez a ambos” (Pr 20,12). Não é só o olho do homem que vê, mas o olho de Deus que vê e observa: “Deus viu tudo o que tinha feito e era muito bom” (Gn 1,31). Jesus usava muito os órgãos de sentidos e no sentido figurado para contar as parábolas: “[...] por mais que olhem, não enxergam, por mais que escutem, não

---

<sup>99</sup> Ib. p. 245.

<sup>100</sup> Ib. p. 245.

<sup>101</sup> WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 124.

<sup>102</sup> Cf. SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 138.

<sup>103</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2000, p. 263.



entendam, [...]” (Mc 4,12). A fé acontece igualmente pelo olhar, quando Jesus diz: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29). O mau-olhado faz parte também da linguagem bíblica e é usado quando a pessoa corre perigo, ou significa olho cobiçoso ou invejoso: “Se meus passos se desviaram do caminho e meu coração seguiu meus olhos, e se alguma nódoa se apegou às minhas mãos, que o outro coma o que semeei [...]” (Jó 31,7-8). A palavra para olho foi muito usada na Bíblia, 868 vezes, e aparece freqüentemente junto do ouvido, que aparece, apenas, 187 vezes. Pode-se concluir que, “na Bíblia, os olhos não são apenas o órgão da visão, mas também uma figura comum de retórica para designar toda a pessoa como sede de funções psíquicas, sobre tudo no Antigo Testamento”<sup>104</sup>.

*Os Ouvidos:* órgão de percepção fundamental e essencial na linguagem simbólica-corporal hebraica. É pelos ouvidos que entra a Palavra de Javé: “Escuta Israel”, “Ouve Israel”; isso faz lembrar aos judeus a aliança quem têm com seu Deus: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!” (Dt 6,4). Para a transmissão de todos os ensinamentos, os ouvidos têm que serem abertos, pois saber ouvir leva à sabedoria: “O coração prudente adquire conhecimento, o ouvido dos sábios procura a instrução” (Pr 18,15). É através do ouvido e do coração que podemos chegar ao entendimento: é o exemplo de Maria que escutou, com o coração, as palavras do anjo Gabriel e entendeu que conceberá um filho pelo poder do Espírito Santo (Cf. Lc 1,26-38). Mas existe sempre reciprocidade: Deus nos escuta, acolhe nossa palavra. Com efeito, “o relacionamento de amor entre Deus e as pessoas pressupõe, naturalmente, que também Deus tenha ouvidos capazes de ouvir a voz de seus amados”<sup>105</sup>.

---

<sup>104</sup> Ib. p. 257.

<sup>105</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 167.

É *pela boca* que se expressa, se fala, se come, se beija, sorri. É pela boca que é transmitida a Palavra, que se louva a Deus. É uma abertura onde passa o sopro, a respiração, a palavra e o alimento. “Por ser o órgão da palavra (*Logos, Verbum*) e do sopro (*ruach, spiritus*), a boca é um símbolo feminino do poder criador, criativo, a manifestação dos graus mais elevados da consciência”<sup>106</sup>. “O beijo, *nashak* em hebraico, significa compartilhar o mesmo sopro, respirar junto”<sup>107</sup>; pode expressar uma união íntima, como também uma traição (beijo de Judas em Mt 26,49). “*Os dentes* são a parte mais dura do corpo humano, eles exprimem os desejos, os impulsos e o comportamento humano”<sup>108</sup>.

As *mãos*, na tradição judaico-cristã representam o conhecimento e o poder; o conhecimento do tocar, de ver pelas mãos: Tomé precisou tocar o corpo do ressuscitado para poder crer: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não seja incrédulo, mas crê” (Jo 20,27). O poder de duas mãos juntas simboliza a força. As mãos são, também, sinais de alegria, quando se bate palmas; de fraternidade, quando se cumprimenta; de bênção, na postura das mãos do sacerdote (Gn 48,14 e Dt 34,9); de cura, com imposições das mãos (Mc 5,23); de trabalho: o fazer humano passa pelas mãos. “O trabalho é, bíblicamente falando, a obra de nossas mãos. No trabalho, levamos adiante a obra do Deus criador. Agir, trabalhar, é, por isso, serviço a Deus. Trabalho sem reflexão, sem coração é apenas reprodução”<sup>109</sup>. Em Gênesis, encontra-se essa concepção: “Com o suor do teu rosto comerás teu pão” (Gn 3,19). No suor do rosto, está subentendido o trabalho com as nossas mãos. Outro significado da mão é a mão de Deus: a mão de Deus simboliza seu poder: quando a mão de Deus se

<sup>106</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo, Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 219.

<sup>107</sup> LELOUP, Jean-Yves. *Jesus e Maria Madalena*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 16.

<sup>108</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2000, p. 229.

<sup>109</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 209-210.

estende sobre o homem e o toca, ele recebe a Sua bênção, a força divina cai sobre ele. Encontramos isso em Jeremias: “Então Iahweh estendeu a sua mão e tocou-me a boca” (Jr 1,9).

*Os pés* são as bases do ser humano para se apoiar no chão, são suas raízes na terra, e, assim, como as raízes de uma árvore: quanto mais plantados, mais firmes “o equilíbrio do corpo, o equilíbrio do nosso psiquismo, o equilíbrio de nossa vida espiritual depende, de certa maneira, deste enraizamento”<sup>110</sup>. Eles nos fazem, também, andar. Eles são o suporte para permanecer ereto: “O homem não foi chamado para viver curvado, escravizado, mas de pé, instaurando em sua verticalidade. Nenhum corpo estranho deve separar os pés do Homem da terra-mãe. Essa atitude santifica o mundo”<sup>111</sup>. Esse significado é confirmado na passagem da “sarça ardente” em Êxodo, quando Iahweh fala para Moisés: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa” (Êx 3,5). A terra santa é a terra dos homens de pé, complementa Evaristo Eduardo de Miranda, portanto, só os homens eretos têm acesso ao sagrado. No Novo Testamento, os pés têm uma dimensão evangelizadora e lavar os pés do irmão é amar e servir com humildade: “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,14-15). Assim, lavar os pés leva a comunhão com Jesus, com Deus. Jesus, ao lavar os pés dos seus discípulos, mostra humildade, e, também o amor que cura. Maria antecipou o ato de Jesus, quando ela lavou, enxugou, ungiu e beijou seus pés (Cf. Lc 7,36-38). Jesus aprendeu de uma mulher?<sup>112</sup>. Lavar os pés é lavar as sujeiras dos caminhos errados, dos pecados: “basta que os pés sejam purificados para que o Homem inteiro o seja” (Jo

<sup>110</sup> LELOUP, Jean-Yves. *O Corpo e seus Símbolos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 34

<sup>111</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo, Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 61.

<sup>112</sup> Cf. LELOUP, Jean-Yves. *O Corpo e Seus Símbolos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, p. 31.

13,10)<sup>113</sup>. O Verbo, por isso, se fez carne: um Deus encarnado que veio para lavar os nossos pecados, curar as feridas dos nossos pés que nos impedem de andar. Pés feridos e maltratados chamam ao cuidado para o restabelecimento do prazer, da alegria de viver, do caminhar<sup>114</sup>.

O cristianismo surgiu nesse âmbito do judaísmo, portanto com uma visão unitária do homem. O Novo Testamento, em geral, se mantém fiel a essa visão. A sabedoria judaico-cristã ajuda a viver o corpo como um templo sagrado, dom recebido de Deus na Sua imagem e semelhança. As Escrituras indicam o papel fundamental dos órgãos e membros do corpo na vida, não só psicológico, como, também, espiritual: eles permitem ao homem de se sintonizar e se unir com Deus: como os olhos para perceber a harmonia e beleza da criação; os ouvidos para escutar a Palavra, a boca para proclamar; o coração para rezar; os pulmões para respirar e fazer circular o sopro de vida no homem; as mãos e os pés para servirem, etc., fazendo tudo para glória de Deus (Cf. 1Cor 10,31). O corpo, assim, tem um grande valor, e, quando submisso ao espírito, tem o gozo espiritual. Um corpo para adorar, amar, louvar, servir e não, apenas, para buscar o gozo carnal. Assim, os sentidos contribuem para desenvolver a percepção de Deus em todas as coisas sensíveis. Lembraremos que Jesus foi educado na religião judaica, e como tal, bebeu profundamente da sabedoria do Antigo Testamento, que vê o homem como unidade, e, portanto, todos seus ensinamentos foram baseados nessa fonte onde o corpo, como vimos agora, integra alma e espírito, sendo cada uma das partes dele uma expressão física, psicológica e espiritual: “a unidade e indivisibilidade do humano foi particularmente desenvolvida pela tradição mística judeu-cristã e encontra-se, ora de forma explícita, ora subentendida, ao longo de todo o texto bíblico”<sup>115</sup>. Falar em

---

<sup>113</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 65.

<sup>114</sup> Cf. LÉLOUP, Jean-Yves. *O Corpo e Seus Símbolos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 32.

<sup>115</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, p. 28.

cristianismo, é falar de corporeidade, pois Jesus é o libertador do ser humano na sua totalidade: salva-o do pecado, corpo e alma. Também para ele a condição fundamental de salvação passa pelo homem integral, ou seja: acolher, cuidar do irmão de uma forma bem concreta: dar comida a quem tem fome, bebida a quem tem sede, receber o peregrino, vestir quem não tem roupa, cuidar do doente e visitar o encarcerado (Cf. Mt 25,34-40). O Reino de Deus se inicia aqui na terra: “O Deus bíblico é um Deus com mão e pé, um Deus que age poderosamente na História, que sofre com o povo, que é concreto e pode ser tocado, mesmo que seja apenas nos pés”<sup>116</sup>. Em contraposição a essa unidade corporal, destacaremos, agora, as influências que o cristianismo recebeu durante toda sua trajetória histórica de 2000 anos, como o dualismo grego, entre outras, influências determinantes que geraram um distanciamento e até um desprezo do corpo na vida do cristão.

---

<sup>116</sup>SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 256.

## CAPÍTULO II: O CORPO NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

### 1. A concepção do corpo para os gregos, os hebreus e outras influências que marcaram o cristianismo.

A afirmação que o homem não tem somente um corpo, mas também uma alma se encontra em quase todas as religiões, e, no ocidente, ela é essencialmente de origem grega. Entender que a *alma separada do corpo* vem, especificamente, da influência do filósofo grego Platão (429-347 a.c), que por sua vez, viria de “uma religião pagã do século VII a.C chamada “Religião Órfica da Trácia”, na Grécia antiga. A partir desta origem, a concepção binária ou dualista do homem passou por toda uma história de evolução e adaptação, até finalmente se fixar, também, no cristianismo”<sup>117</sup>. Essa religião foi recebida por Pitágoras (580-500 a.C.), que acreditava na imortalidade e, depois, retomada por Platão, justificando a imortalidade pela existência da alma: “algo” eterno e, portanto, mais importante que o corpo. Pois, para os gregos, o Espírito é a parte divina, transcendente, que se opõe ao lado corporal, que é terreno e mortal. Assim, eles viam o corpo como um obstáculo para a “subida do Espírito”, é um mundo dividido entre pensamento e coisa, o eterno, com o mutável, é a primazia do racionalismo em detrimento do corpo. Para os gregos, é necessário abandonar o mundo dos sentidos onde o pecado é a matéria. Em contrapartida, o mundo do pensamento transcende: tem que voltar nessa transcendência, deixando a matéria e elevar-se para Deus. Existe um

---

<sup>117</sup> BLANK, Renoldo J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo, 2006, p. 78.

conflito constante entre o corpo e a mente, o corpo é considerado e tratado como inimigo. O corpo é apenas o “invólucro da alma” que não tem valor próprio.

A representação metafísica, cuja figura exemplar poderia ser o diálogo *Fédon* (80 a-b) de Platão, baseia-se em um dualismo vertical dos mundos visível e invisível. No seio do mundo visível, a dualidade instala-se no próprio homem com o par corpo-alma. A alma é valorização graças à sua cumplicidade divina e o corpo, em compensação, se torna não valor, sem valor e assim deve desaparecer. No entanto, esse dualismo é apenas a máscara de um monismo intransigente: é preciso depor (negar) o corpo sensível para afirmar (impor) a alma, a esfera autônoma do suprassensível<sup>118</sup>.

Mas ainda, o corpo é identificado com a carne, a matéria. A concupiscência encontra-se nessa carne e, mais especificamente na sexualidade, portanto, diretamente associada à parte do ser humano considerada inferior, que precisa ser dominada, controlada, às vezes, à base de castigos corporais, porque é nessa carne de “desejos” que reside a fonte do pecado. Talvez, esse desprezo do corpo iniciou-se no cristianismo com a influência de certa leitura hermenêutica das cartas de *São Paulo* que condenava a carne, e não o corpo em si mesmo, quando entrega à imoralidade e dominada pelos desejos: “quem pratica imoralidade sexual, peca contra seu próprio corpo” (1 Cor 6,18), ou quando “depreciava o físico-corporéio em si por meio de uma confrontação com o espírito, o pneuma”<sup>119</sup>. Assim, Paulo justifica o desprezo do corpóreo terreno em vista do celeste através do sacrifício da morte de Jesus: “Sofrer com ele para sermos glorificados com ele” (Rm 8,17).

O preço da glória é o sofrimento. É necessário sofrer para atingir a glória. Este é o esquema deuteronômico pós – exílio: aliança, pecado, castigo (sofrimento), arrependimento, reconciliação, ao qual está associada a prática sacrificial sacerdotal do Templo<sup>120</sup>.

<sup>118</sup> FAMERÉE, Joseph. O corpo, caminho de Deus; A problemática. In: GESCHÉ, Adolphe.; SCOLAS, Paul. *O Corpo Caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 20.

<sup>119</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 270.

<sup>120</sup> OLIVA, José Raimundo. Corpos Terrestres e Corpos Celestes; Jesus de Nazaré e o Cristo. In: *Estudos Bíblicos n. 87 – 2005/3. Bíblia e Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 94.

O sentido da palavra “carne”, entendido por Paulo é apego desordenado ao “eu” construído por nosso egoísmo<sup>121</sup>. Paulo também atribui o sentido de templo do Espírito à palavra corpo, quando ele nos diz: “Acaso ignorais que vosso corpo é templo do Espírito Santo, que mora em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6,19). Essa concepção do corpo como templo do Espírito passou a ser uma meta para o cristão e para esse fim, o corpo teve que se “santificar”, fazendo sacrifício pela abstinência e renúncia sexual em vista de uma purificação corporal. Assim, a prática sexual passou a ser “o pecado”, conceito que é retomado no século II, por alguns patriarcas, como Hermas, o pastor, Orígenes e Valentino que atribuíram à palavra corpo o sentido do “mau” habitado pelo pecado:

Estes patriarcas vislumbraram nas concepções paulinas do corpo como templo do Espírito um objetivo a ser alcançado nesta vida pela abstinência e elegeram a renúncia sexual como método supremo nesta tarefa. [...] Para tanto, o corpo deve ser privado de qualquer atividade sexual: o beijo, o abraço, o ato sexual, o toque de mãos e até a visão do próprio corpo foram proibidos<sup>122</sup>.

*Os Padres do deserto* contribuíram também para o desenvolvimento do “espírito” de mortificação para a glorificação com seus rituais de controle do corpo e dos desejos carnis: “O monge ficava domesticado, obediente, manso, auto-centrado, com domínio sobre todas as suas emoções e todos os desejos”<sup>123</sup>. Essas concepções se firmaram no gnosticismo e mais tarde no maniqueísmo. Para o *gnosticismo*, a salvação só poderia acontecer através do conhecimento, num longo caminho de purificação espiritual: “A salvação consiste em se libertar da matéria e de todas as dualidades que ela gera; é a evasão e retorno ao mundo perfeito e unificado do espírito”<sup>124</sup>.

<sup>121</sup> LACROIX, Xavier. *O corpo de carne*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 169.

<sup>122</sup> GOMES MASPOLI de ARAÚJO, Antônio. As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro. In: *Revista de Estudos da Religião*. n.1, 2006, p. 8.

<sup>123</sup> *Ib.*, p. 11.

<sup>124</sup> LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da Igreja, [séculos I-IV]*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 60.



A gnose (a palavra, corrente em grego, tem o significado de ‘conhecimento’) é a ilusão de um conhecimento perfeito, revelado, possuído e transmitido por iniciados, que pretende dar uma explicação global do mundo e do mistério da existência a partir de uma base dualista (oposição entre o mundo do bem e o mundo do mal) e assim abrir o caminho para a salvação do espírito<sup>125</sup>.

No século III, a gnose será substituída pelo *maniqueísmo* de Marcion: “doutrina baseada na coexistência de dois princípios opostos, o bem e o mal”<sup>126</sup>, e reafirma na sua visão dualista, que o espírito, ou tudo que é espiritual, é bom (representado pela luz), enquanto o corpo, ou tudo que é material, é “mau” (representado pelas trevas). Sobre essa doutrina, o Padre Leonardo explica que:

O ser humano seria um espírito essencialmente bom, “condenado” a viver num corpo material essencialmente ruim, até ser liberado pela morte. Como resultado, a alma ganhou tanta importância que o corpo com suas emoções, imagens e desejos ficou relegado ao segundo plano, quando não era encarado como fonte de todo pecado. Uma Igreja que no “Creio” professa fé na “Ressurreição da carne (corpo)” chegou a proclamar sua missão principal como sendo “A salvação das almas”. Uma “boa morte” chegou a ser mais importante do que uma “boa vida”. Os sofrimentos e a doença física devem ser aceitos como um dom de Deus, uma oportunidade de purificar a alma dos desejos carnis e ganhar méritos para si ou para as almas no Purgatório, quando não eram vistos como um castigo pelos pecados<sup>127</sup>.

O maniqueísmo será combatido pelos Padres a partir do século IV; *Agostinho*, bispo de Hipona, será um de seus adeptos, porém se tornará mais tarde seu principal adversário. Com ele, o corpo deixa de ser o lugar do “mal” para ser parte importante do ser humano e deve ser amado e não odiado segundo Agostinho: “[...] Vossa carne é como vossa mulher [...]. Amai-a, repreendei-a; deixai que ela componha um só vínculo de corpo e alma, um vínculo de concórdia conjugal”<sup>128</sup>. Vemos, então, que Agostinho pede o controle do corpo e das suas várias necessidades, não o rejeita nem o condena,

---

<sup>125</sup> Ib. p. 58.

<sup>126</sup> Ib. p. 674.

<sup>127</sup> LEONARDO, Patrick J. *Reiki para cristãos*. São Paulo: CCJ, 2009, p. 19. Padre Leonardo é irlandês, doutor em Teologia, membro da Congregação do Espírito Santo. Há dez anos trabalha com cura, nas imposições das mãos aplicando o método Reiki.

<sup>128</sup> In: BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 350.

mas, para Karl Rahner, em Agostinho predomina, ainda, o conceito dum corpo pecador, influenciado pela antropologia dualista, sobretudo neoplatônica:

Também deve ser notada, em São Agostinho, a conexão entre pecado e corpo. Certamente, o corpo, como criatura de Deus, não pode ser mau. Mas, como conseqüência do pecado, o corpo, com sua vida instintiva em desarmonia com a alma, tende ao mal, servindo de tentação para esta. [...] A influência do dualismo (moderado) de São Agostinho se deixará sentir fortemente durante os séculos seguintes<sup>129</sup>.

Mas, desvinculando o sexo do pecado original, Agostinho confirma a teoria do corpo como natureza pecaminosa do ser humano, pela sua rebeldia ou não obediência a Deus, porém, suscetível de receber a Graça. Para ele, o ato sexual era anterior à queda. A queda é a conseqüência do orgulho, que afastou o homem de Deus e a humildade é reflexo da graça. O teólogo Michel Spanneut nos expõe, um pouco, o que significa a graça para São Agostinho:

Toda a descendência de Adão está, pois, contaminada em seu livre-arbítrio doravante dominado pela concupiscência. A humanidade é uma “massa de pecado e de perdição”, “uma massa condenada”. Mas uma vez que essa massa está reconciliada, resgatada em seu conjunto, alguns são salvos pela predestinação misericordiosa de Deus, que lhes dá os meios para isso, na “soberania universal da graça”, independentemente dos “méritos” futuros<sup>130</sup>.

Mas tarde, no século VI, desenvolveu-se uma ideologia penitencial que chegou com *os monges irlandeses*, e que visava à exaltação dos sofrimentos corporais, como imitação e participação nos sofrimentos de Jesus Cristo na cruz: é a espiritualidade do sofrimento.

Em Jesus, viu-se a glorificação do sofrimento corporal. Por isso houve uma exaltação dos sofrimentos corporais, tidos como imitação ou participação nos sofrimentos de Jesus na cruz. Essa participação nos sofrimentos era expiação pelos pecados e mérito para a vida eterna<sup>131</sup>.

<sup>129</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 272.

<sup>130</sup> SPANNEUT, Michel. *Os Padres da Igreja [séculos IV-VIII]*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 217.

<sup>131</sup> COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 15.

José Comblin completa explicando a finalidade do sofrimento corporal: “A pratica penitencial mostrava a força da mente, capaz de superar o sofrimento e de transformá-lo em proveito”<sup>132</sup>. Na *Idade Média*, é retomado a importância da martirização do corpo tendo como referência à imitação do Cristo sofredor, e até hoje, há uma tendência a valorizar mais o sofrimento corporal do que o corpo do prazer movido pelos sentimentos de amor. A Idade Média dará também um impulso grande a depreciação corporal e sexual por causa da valorização exacerbada da virgindade e da castidade, retomando as pregações dos teólogos Jerônimo e Agostinho. Um sistema de controle corporal e sexual se instalará a partir do século XII, e a mais atingida será a mulher, considerada fraca e pecadora e será, então, subordinada ao homem, como Jacques Le Goff e Nicolas Truong mencionam, referente a uma afirmação de *Tomás de Aquino*: “A imagem de Deus encontra-se no homem de uma maneira que não se comprova na mulher”<sup>133</sup>. Mas, apesar dessa frase infeliz sobre a mulher, São Tomás é considerado o teólogo que supera o dualismo e resgata a visão unitária de homem, mostrando que no homem não existe duas formas, pois, segundo ele: “*a alma é a ‘única forma no corpo’*. [...] Corpo e alma são, antes, dois princípios metafísicos dentro de uma unidade primordial do homem, de maneira que toda atividade do homem é uma ‘operatio totius hominis’”<sup>134</sup>. Ele, então, descreve o ser humano como uma dualidade, mas numa única substância indivisível<sup>135</sup>. Compreende-se, assim, em São Tomás, a superação de todo desprezo pela matéria e pelo corpo. O século XVII recebe uma grande influência: o *cartesianismo* (do francês René Descartes, 1596-1650), caracterizado pelo profundo racionalismo, onde a mente torna-se fonte do saber: “Penso, portanto existo” ou “Cogito, ergo sum”, que distancia, mais uma vez, o corpo.

---

<sup>132</sup> Ib. p. 16.

<sup>133</sup> GOFF, Jacques le. ; TRUONG, Nicolas. *Une histoire du corps au Moyen Âge*. Paris : Liana Lev, 2003, p. 63.

<sup>134</sup> In: RUBIO, Alfonso García. *Unidade e Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 273.

<sup>135</sup> Cf. BLANK, Renoldo J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 90.

A filosofia cartesiana contribui para a nova abordagem a respeito do corpo. [...] define o corpo como pura exterioridade, uma substância extensa, material. Considera, então, que o ser humano é constituído por duas substâncias distintas: a substância pensante, de natureza espiritual – o pensamento; e a substância extensa, de natureza material – o corpo. Eis aí o dualismo psicofísico<sup>136</sup>.

Foi, na época do filósofo Descartes, que tem início a ciência moderna experimental, com estudo direto sobre o corpo, como objeto de conhecimento, como “máquina orgânica”: concepção do corpo compatível com pensamento cartesiano. No século XVIII, Kant (1724-1804) apresenta uma filosofia que se funda na razão, reforçando a visão dualista do homem. Aparece, também, uma corrente que se opõe ao mecanicismo (o corpo como uma mecânica), e devolve aos poucos ao corpo sua sensibilidade, emoções e afeições, mas por outro lado, a espiritualidade moralista atinge seu apogeu. *O jansenismo*: doutrina do teólogo holandês Cornélio Jansênio (1585-1638) prega uma moral cristã rígida, rigorosa e austera, “segunda a qual a liberdade dos homens é limitada, pois a graça concedida a alguns é predestinada”<sup>137</sup>.

Ela se baseia num ideal de perfeição moral e deixa a pessoa com a consciência permanentemente pesada. [...] Somente quando a orientação moralista do jansenismo dominou sobre a larga corrente mística na França em torno de 1700 é que se passou a dar um peso maior aos pecados, e principalmente o pecado da sexualidade. [...] E a dita moral sexual dos dias de hoje não é oriunda do primeiro milênio cristão, e sim do jansenismo<sup>138</sup>.

Enfim, o cristianismo recebeu, ainda, muito mais influências que passaram pela mediação de fenômenos culturais de várias épocas como, por exemplo, na Idade Média, o corpo transformado em símbolo e altamente sacralizado, e que afetou principalmente o clero e os religiosos.

---

<sup>136</sup> ARANHA ARRUDA, Maria Lucia, de.; MARTINS PIRES, Maria Helena. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 328.

<sup>137</sup> KURY GAMA, Adriano da. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2002, p. 618.

<sup>138</sup> GRÜN, Anselm;; DUFNER, Meinrad. *A saúde como Tarefa Espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 91.

Desde a Idade Média e mais ainda depois de Trento, o culto ficou no centro do cristianismo. [...] O corpo do sacerdote ou do religioso e da religiosa é um corpo já sacralizado, espiritualizado, em que as funções naturais são escondidas ou suprimidas e o que aparece são as funções simbólicas. O corpo transforma-se em símbolo. [...] São corpos espiritualizados pela sua função cultural. Veneram e tratam com respeito as vestes litúrgicas e todos os objetos que tocam no corpo do bispo ou do sacerdote. A espiritualização do corpo vai longe: o sacerdote não pode trabalhar com as mãos, pois as suas mãos tocam na hóstia sagrada. A sexualidade seria uma profanação do caráter sagrado do corpo consagrado. Por um lado, há uma exaltação do corpo pela consagração ritual, mas, pelo outro, há uma desumanização do corpo quase assimilado à condição dos anjos<sup>139</sup>.

Todas essas distorções e equívocos foram infiltrando-se em vários setores da religião cristã: no clero, na vida religiosa, na liturgia, na formação teológica, e, também, nos próprios fiéis, afastando-os dos seus corpos ou até alienando-os por causa do dualismo, tornando pessoas fragmentadas e, às vezes, mecânicas. Assim, a concepção do corpo como pecado ficou impregnada no cristianismo e principalmente nas pessoas com princípios religiosos que negaram seu corpo, em função de uma ascensão espiritual. E como nos aponta José Comblin: “Tudo isso é religião. Não há nada nos Evangelhos ou na vida de Jesus que esteja na origem dessas práticas ou dessas ideologias religiosas”<sup>140</sup>. Pois os cristãos do século I possuíam uma visão unitária de homem e não dualista, perspectiva herdada do Antigo Israel, que acreditavam em um único Deus criador e salvador, revelado depois em Jesus Cristo, como Deus encarnado. Como se observa, “a primazia da alma e da racionalidade, da ascese e mortificação do corpo, da virgindade ou deserto, como renúncia e desprezo do corpo não são só fonte pura do cristianismo”<sup>141</sup>, mas foram incorporadas pelo cristianismo pelas influências, já mencionadas, e por outras influências sofridas, não conhecidas, ficando como “mistério histórico”. O teólogo Renold Blank confirmou essa visão dizendo que: “o modelo

<sup>139</sup> COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 12-13.

<sup>140</sup> *Ib.* p. 16.

<sup>141</sup> Cf. SUSIN, Luiz Carlos. Isto é meu corpo dado por vós. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 235.

antropológico dualista tem as suas raízes numa cultura alheia à da Bíblia. Ele entrou no cristianismo, não por ser revelação divina, mas por razões culturais e ideológicas, ligadas a todo um processo de aculturação do cristianismo dos primeiros séculos<sup>142</sup>. Assim sendo, a história do cristianismo passou, de fato, por um efeito de “inculturação”. Mas, para finalizar, não se pode esquecer, também, que a vida penitencial do cristão não deve ser necessariamente entendida como desprezo do corpo, mas como forma educativa visando o seu cuidado e, talvez, foi mal entendida e mal interpretada, confundindo-se o controle do corpo com repressão corporal, pois, segundo Anne Marie Reijen:

As proibições e os mandamentos que no judaísmo e no cristianismo delimitam o campo de ação do corpo, no campo da alimentação, e com muito mais predominância ainda, no campo da sexualidade, não são expressão do desprezo das realidades carnis, mas ao contrário, são expressão de um cuidado do corpo, um cuidado que não recua nem mesmo diante do túmulo<sup>143</sup>.

Enquanto que para os gregos, a purificação para a salvação passava pelo pensamento, para os judeus, ela passava pelo corpo. O semita diz: “eu sou meu corpo”, e não, “eu tenho um corpo”. Como já vimos no primeiro capítulo, para os judeus, segundo o Antigo Testamento, “o corpo constitui uma unidade sem divisões possíveis”<sup>144</sup>; não há distinções entre corpo, alma e espírito, desde que cada parte do corpo esteja em analogia com os princípios divinos e com as qualidades espirituais, porque o homem na sua totalidade foi criado por Deus, à sua imagem: “A tradição mística do judaísmo e do cristianismo vê o homem como unidade, convida a experimentá-lo como unidade e, mais ainda, a encontrá-lo como unidade, sem dualismos

---

<sup>142</sup> BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 78.

<sup>143</sup> REIJNEN, Anne Marie. O corpo, canteiro de obras de redenção. In: GESCHÉ, Adolphe.; SCOLAS, Paul (orgs). *O Corpo, Caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 219.

<sup>144</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 100.

de nenhuma natureza”<sup>145</sup>. É importante observar que os textos bíblicos do Antigo Testamento são, na sua maioria, escritos em hebraico e, portanto, têm uma visão semítica da corporeidade, ou seja, um conceito do corpo integrado (corpo-alma-espírito), em unidade e sagrado. Assim, a religião judaica considerava que o ser humano é um todo único, com seu corpo a qual atribuiu-lhe três nomes, conforme o sentido que ele seja usado: basar, nefesh e ruah em hebraico.

Basar é a carne, a manifestação visível da nefesh invisível. [...] Nefesh é vida, sopro de vida que anima o ser humano. [...] Ruah é a dádiva de Deus concedida exclusivamente á sua criatura humana, [...] é o intimo de Deus, seu próprio Espírito<sup>146</sup>.

“‘Basar’ é o homem enquanto vive em parentesco e solidariedade; ‘nefesh’ é o homem enquanto busca alguma coisa como ser vivente e ‘ruah’ é o homem enquanto vive sob a direção carismática de Deus, e eles designam sempre o homem todo sob determinado aspecto”<sup>147</sup>. Para os judeus, a purificação para a salvação do homem passa pelo corpo, porque o próprio corpo é o pecado que levou à transgressão: comendo do fruto proibido. Deste modo, segundo a concepção semítica, o Senhor salva o ser humano, salva-o todo, inteiro, com seu corpo: “Então a glória de Iahweh há de revelar-se e toda carne, de uma só vez, o verá” (Is 40,5). Ou ainda: “Toda carne virá adorar em minha presença” (Is 66,23). O pecado é, também, para os judeus, a violência, atentado à vida, ao corpo, diz a lei mosaica: “quem ferir mortalmente um homem, será punido de morte” (Ex 21,12). Pois, “não matarás” (Ex 20,13), porque Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança; mas se não mudar, o ser humano voltará a ser “pó da terra”. No entanto, ele continuou pecando, rejeitando a Palavra, e como nos diz, o teólogo Dietrich Bonhoeffer: “O ser humano perdeu sua natureza própria, a imagem de Deus, que lhe havia sido dada por Deus. Vive, daí por diante, alienado de sua destinação

<sup>145</sup> MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo Território do Sagrado*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 22.

<sup>146</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. São Paulo: Paulinas. 2002, p. 100-101.

<sup>147</sup> BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 83.

verdadeira, a de ser imagem de Deus”<sup>148</sup>. Então, para se “lavar” do pecado, a religião judaica pede a prática de jejum, pureza ritual, abluções, comer carne sem sangue (porque o sangue significa para eles, a vida), tomar os banhos de purificação para as mulheres depois da menstruação, lavar bem as mãos antes das refeições etc. Enfim, tinha uma preocupação muito grande com a pureza, portanto uma pureza que ficava mais ligada à purificação externa que interna; e como aponta Jesus: “não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro”(Mt 15,11). Deste modo, “Jesus encarou a questão mais geral da impureza que a Lei atribuía a certos alimentos e ensinou a postergar a impureza legal à impureza moral, a única que realmente importava”<sup>149</sup>, e isso poderia ser corrigido por mudanças interiores comportamentais e de atitudes diante do outro.

Por tudo que foi exposto, pode-se entender que o fundamento da espiritualidade cristã deve ser buscado: “numa antropologia espiritual que requer toda uma prática, uma experiência renovada”<sup>150</sup>. Jesus nos pede conversão, transformação, metanóia, pureza interior que se concretiza em mudanças interiores comportamentais e de atitudes diante do outro, ou seja, em atos corporais fraternos e não apenas em cumprimento “cego” das leis, pois “Jesus cura, alimenta, nos contatos não leva em consideração os tabus corporais e as impurezas rituais”<sup>151</sup>. Jesus não quer mais sacrifícios externos, mas, sim, misericórdia; De agora em diante, o homem não se justifica mais pelas obras da lei, como no Antigo Testamento, mas, sim, pela fé em Jesus Cristo, que *é a Palavra que se fez carne*. Pela primeira vez na história da humanidade, Deus se encarna. “A

<sup>148</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 199. Teólogo mártir alemão que foi executado pelos nazistas em 1945.

<sup>149</sup> Cf. comentários do Evangelho segundo (Mt 15,10). In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>150</sup> BÉTHUNE, Pierre-François. “Vejo sua fé em seu modo de respirar”. In: GESCHÉ, Adolphe.; SCOLAS, Paul. *O Corpo Caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 195.

<sup>151</sup> FAMERÉE, Joseph. O corpo, caminho de Deus; A problemática. In: GESCHÉ, Adolphe.; SCOLAS, Paul. *O Corpo Caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 27.



misericórdia de Deus envia o Filho à carne para assim, com a carne, tomar sobre si toda a humanidade e suportá-la”<sup>152</sup>.

## 2. O que é o corpo na espiritualidade cristã?

Há dois mil anos, pela primeira vez na história da humanidade, Deus se revela em forma humana. Deus se faz carne: Ele se encarna, não é um mito. Ele se esvaziou de si mesmo (kênosis) e se fez homem em Cristo (Fl 2,6-11). Nessa cristologia descendente, um Deus humano encarnado, torna-se mais próximo de nós: “A Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14). Em Jesus o homem, se revela quem é Deus. A revelação se faz corpo humano com toda sua fragilidade: homem fraco, limitado e mortal. “Em consequência, a nossa humanidade e a nossa história recebem uma qualificação nova. Um Deus que se faz homem em nossa história de grandeza e de miséria [...] O homem, a história, o cosmos, todo são valorizados de maneira inacreditável na encarnação do Logos-Palavra”<sup>153</sup>. Agora a humanidade tem um modelo de “Homem-Deus”, um Deus humano no qual, por ser vulnerável como ela, pode se espelhar, seguir e caminhar junto e não seguir apenas uma ideologia, mas algo concreto e corporal, porque Jesus: “teve que ser semelhante em tudo aos seus irmãos” (Hb 2,17), exceto no pecado (Hb 4,15).

Cristo assumiu essa forma de ser humano. Fez-se ser humano igual a nós. Em sua natureza humana e em sua humildade, reconhecemos a nossa própria forma. Tornou-se igual aos seres humanos, para que estes lhe sejam iguais. Na encarnação de Cristo em forma humana, toda a humanidade reencontra a dignidade da semelhança de Deus<sup>154</sup>.

---

<sup>152</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 149.

<sup>153</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 157.

<sup>154</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 201.

A religião cristã é certamente a religião mais corpórea de todas as religiões, já que ela se baseia na encarnação de Deus, Sua ressurreição corporal e a ressurreição de todos os corpos. Centrado no mistério da encarnação, o cristianismo, na sua origem, nunca desprezou o corpo, mas pelo contrário, o inclui e justifica: “Deus tem que assumir a forma de ser humano, porque o ser humano já não pode assemelhar-se à imagem de Deus”<sup>155</sup>. No Novo Testamento, o homem não é a emanção do divino, mas criatura terrestre, criada à imagem Deus, que pode tornar-se divino, espiritual, mediante o dom de Deus oferecido em Jesus Cristo, pois Ele é a verdadeira imagem de Deus: “Se o Cristo é a imagem do Deus invisível, segundo a qual o mundo foi criado, com muito mais razão, o homem é criado segundo a imagem de Deus que é Jesus Cristo”<sup>156</sup>. Voltando às suas raízes fundamentadas na tradição mística judaica, o corpo na religião cristã tem um papel decisivo na salvação e na cura do ser humano. A salvação e a cura, não se referem unicamente à alma, mas ao homem todo, em sua dimensão corporal. Assim, o corpo é o eixo da salvação, porque, é, também, no corpo que o homem ressuscitará como Jesus ressuscitou. Deve-se resgatar a importância dessa corporeidade, que existe na religião cristã desde seu início, o que significa uma grande mudança de paradigma, e, também, grandes mudanças comportamentais para o cristão, onde o corpo deixa de ser desprezado, e torna-se uma realidade humana e divinizada por Jesus Cristo. Resgatar o corpo, no cristianismo, é destacar o Jesus histórico que acolhe (de braços abertos), serve (com as mãos) e cura (com as mãos e saliva): atos profundamente humanos, afetivos e corporais, que nos convidam a imitá-lo.

Para além da atividade terapêutica, algo dessa ternura e dessa atenção para com o bem-estar corporal proveio também de Jesus, o qual, nesse sentido, era um verdadeiro israelita e oriental que também sabia gozar a vida em todas as dimensões. Ele comeu e bebeu com prazer na companhia de outras pessoas. Ele se preocupou com que as pessoas

---

<sup>155</sup> Ib. p. 199.

<sup>156</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 161.

vindas até de longe pudessem ter uma ceia. [...] Ele não se importou em lavar os pés de seus discípulos, mas também sentiu prazer quando uma mulher friccionou-lhe os pés com óleo. [...] até com deleite, permite que uma simpatizante lhe derrame um perfume caro sobre a cabeça<sup>157</sup>.

No começo do cristianismo, prevalecia a experiência que passa necessariamente pelo corpo: o Ressuscitado apareceu para seus discípulos em corpo e não em fantasma ou em espírito: “Vede minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo! Tocai em mim e vede! Um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho” (Lc 24,39). Depois os discípulos, no caminho de Emaús, reconheceram Jesus, justamente pelo seu gesto “particular” de partir o pão, eles “o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24,30-32). Essa particularidade dos gestos de Jesus se manifestou em atos cotidianos e corriqueiros da vida, porém com qualidade diferente, especial: cheios de humildade, de atenção, de amor, de misericórdia e compaixão. Assim são atos que não só alimentam o corpo, como também a alma e o espírito, resgatando a inteireza do ser. São atos que restauram o ser humano carente; carente de saúde, de comida, de afeto, de espiritualidade. Jesus com seus gestos de amor divino restaurou a dignidade do ser humano; pôs ele de pé de novo; pôs ele para andar; colocou-o no caminho certo; restituiu sua alegria, seu sentido de vida, vida plena e em abundância; devolveu-lhe seu destino verdadeiro: a eternidade em comunhão com o Pai.

O encontro com Deus é feito na prática do amor, da misericórdia, do serviço: amor, serviço, misericórdia referem-se a necessidades materiais e esperam respostas materiais. Encontrar-se com Deus é dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, dar saúde aos doentes, visitar os presos, e assim por diante. [...] Jesus não veio dar à humanidade um sistema simbólico religioso, mas sim fundar uma humanidade nova, real e material ou corporal<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 53.

<sup>158</sup> COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 10.

Assim, Jesus através de seus atos corporais transformou o ser interior, transformou valores, crenças, trouxe de volta para nossa essência divina, ou seja: “o Verbo atinge a alma através da carne”<sup>159</sup>. Como já foi falado, a Bíblia ignora a dicotomia que persegue, ainda, o ser humano: separação entre corpo e o espírito. O Padre Ireneu de Lião, do Século II, em oposição ao dualismo dos seus contemporâneos, valoriza a criação e as realidades terrenas. Revela, também, uma visão integradora e holística do ser humano, e considera a Encarnação como único caminho da salvação:

O homem, na alma e no corpo é obra de Deus. Espírito sem corpo jamais serão homens espirituais [...] O homem perfeito, para Ireneu, é um ser em três dimensões: o corpo, a alma e o espírito, que é a participação em Deus, três dimensões que Cristo restaura e que serão realizadas na ressurreição<sup>160</sup>.

Em relação à dimensão dogmática da espiritualidade cristã, o termo alma, na Sagrada Escritura, muitas vezes, designa a vida humana (cf. Mt 16,25-26; Jo 15,13), ou a pessoa humana inteira. Designa, também, aquilo que mais particularmente o faz ser imagem de Deus: “alma”, que significa o princípio espiritual no homem. Ernst Haag explica que “a noção ‘alma’ é, para o Antigo e para o Novo Testamento, a designação para o ser humano, que é marcado de maneira global pela sua natureza espiritual e que, por causa disso, é aberto para Deus...”<sup>161</sup>. A idéia cristã do homem, não é de uma alma encarnada, mas, sim, de um corpo animado pelo Espírito-*ruah* de Deus. A profissão de fé do IV Concílio de Latrão afirmou que Deus criou, conjuntamente, do nada, desde o início do tempo, ambas as criaturas, a espiritual e a corporal.

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O Espírito e a matéria no homem não são

---

<sup>159</sup> *Quod unus sit Christus*, PG 75, col. 1329 AB (ed. Du Cerf, 451). In: LACROIX, Xavier. *O Corpo da carne*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 169.

<sup>160</sup> LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da Igreja.[séculos I-IV]*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 66.

<sup>161</sup> In: BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 82.

duas naturezas unidas, mas a união delas forma uma única natureza. O homem é “corpore et animus”: uno de corpo e alma <sup>162</sup>.

Porém, na tentativa de justificar a continuação da vida após a morte fisiológica do corpo e, também, justificar a ressurreição do corpo, o cristianismo tentou recorrer ao modelo antropológico dualista da filosofia grega de uma alma, que, na morte, se separa do corpo. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) menciona que:

A Igreja ensina que cada alma espiritual é diretamente criada por Deus - não é “produzida” pelos pais - e é imortal; ela não perece quando da separação do corpo na morte e se unirá novamente ao corpo na ressurreição final. [...] <sup>163</sup>.

Mas, se o ser humano, na Bíblia, é uma unidade que não pode ser dividida em dois princípios corpo e alma, como na morte é possível a alma se separar do corpo? A exegese atual rejeita qualquer tipo de interpretação dualista, pois a visão “moderna” compreende que a pessoa é um ser único, cuja integridade, não pode ser destruída nem dividida. Isso pressupõe que não existe uma alma sem corpo que sobrevive na morte, mas que Deus pode manter a vida inteira do homem também além da morte. Ernst Haag esclarece essa idéia falando que:

“o Antigo e o Novo Testamento concordam totalmente na concepção de que Deus criou o homem como uma unidade psicofísica. Nesta unidade, que é a sua essência, Deus o destinou para uma existência incorruptível [...] e que em nenhum caso, no testemunho dos textos bíblicos, a noção “alma” significa um ser puramente espiritual que, em si mesmo, independentemente do corpo, já possui a imortalidade ou a incorruptibilidade <sup>164</sup>.

Deste modo, o homem como unidade psicofísica criado por Deus e destinado a uma existência incorruptível, tem a responsabilidade de cuidar bem do seu corpo, como templo sagrado, como Templo do Espírito: “não é, portanto, lícito ao homem desprezar a vida corporal, ao contrário, deve estimar e honrar seu corpo, porque criado por Deus e

<sup>162</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999, v. 362, 365, 382.

<sup>163</sup> *Ib.* v. 366.

<sup>164</sup> In: BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 82.

destinado à ressurreição<sup>165</sup>”. E como Templo do Espírito, é a pessoa humana inteira que está destinada a tornar-se Corpo do Cristo. A espiritualidade cristã é compromisso e identificação com Deus que passa pelo Corpo do Cristo. O corpo é o lugar sagrado onde Deus escolheu morar e se encarnou em Jesus Cristo.

A dignidade do corpo culmina na encarnação do Verbo, obra conjunta do Espírito e do corpo disponível de Maria. Para que o espírito invisível pudesse tornar visível a vontade de Deus, em ação de justiça, misericórdia, perdão e ternura, ele precisa de um corpo: coração para amar, pés para andar e encontrar, mãos para tocar e trabalhar<sup>166</sup>.

Quando se fala do mistério da encarnação, do mistério pascal, da morte e ressurreição ou da presença real eucarística, fala-se da importância do corpo de Jesus no centro da fé cristã. Os gestos que Ele faz com seu corpo são totalmente assertivos: ele sabe curar com as mãos, colocar o corpo no lugar, sabe observar e perceber as necessidades dos outros. Sempre se apresenta um Jesus bem corporal, que come (participa várias vezes de refeição), que anda de vilarejo em vilarejo, cura, aproxima-se com ternura e respeito pelo corpo de uma mulher, pelas suas lágrimas, seus beijos e suas mãos que o ungem de perfume. “É um homem de sentido: ele usa seus cinco sentidos, e, também, é um homem do coração”<sup>167</sup>. É um corpo a serviço dos outros. No Evangelho, o corpo é o ser humano:

Cada um é o seu corpo. Não há distinção entre espírito e corpo. O espírito está no corpo e o corpo é animado pelo espírito. Tudo é corpo. Por isso a esperança cristã é a vitória sobre a morte corporal pela ressurreição dos corpos. O corpo permanecerá eternamente. A grande novidade do evangelho de Jesus é que o Reino de Deus é feito de atos reais e não simbólicos. O caminho de Jesus não é religioso: o caminho de Jesus é a prática do amor. Somente o amor vale. Somente o amor julga e define as pessoas. Ora, o amor não é feito de sentimentos, de atos interiores, de atos simbólicos, mas de atos reais: dar de comer e de beber, dar roupas, visitar os presos, cuidar dos doentes, fazer o

---

<sup>165</sup> CATECISMO DE IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999, v. 364.

<sup>166</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 27.

<sup>167</sup> CHALENDAR, de Xavier. Corps et coeur dans l'évangile. In : *Revue Alliance. Le corps et le cœur*. Paris, Juillet-Octobre, 1996, p. 81.

papel do samaritano [...], o corpo é tomado, aqui, como instrumento do amor. O corpo está encarregado de expressar a ajuda, a reconciliação, a atenção as necessidades do outro.<sup>168</sup>

A própria liturgia cristã se expressa com o corpo: no batismo quando o corpo é mergulhado na água e depois unguento; no rito do lava-pés, como o nome indica; na eucaristia quando se “come” o Corpo do Cristo. A liturgia, além de ser profundamente mental, coloca todo o corpo em postura ativa de cunho ritual. Ela representa uma ação corporal integrada. Os sacramentos são gestos concretos, corporais que dizem e fazem o encontro do Cristo e do Homem, encontro que passa necessariamente pelo corpo. Todos são ritos que passam pelo corpo por uma transformação espiritual. A primeira transformação que ocorre para um cristão é seu próprio corpo: assim que recebe o batismo, ou seja, no momento que recebe o Espírito Santo, nasce um novo corpo, o corpo agora é habitado pelo Espírito Santo, não é mais um corpo profano, mas sim sagrado; é o corpo como Templo do Espírito “Vocês já não pertencem a si mesmos [...] Portanto, glorifiquem a Deus no corpo de vocês”. (1Cor 6,19).

Assim, também, o corpo que Jesus forma na eucaristia é seu corpo, isto significa que ao se receber o Corpo do Cristo, há transformações: o comungante torna-se o Cristo vivo. “Jesus tomou o pão e depois de o benzer, partiu-o e deu-lho, dizendo: “ Tomai, isto é meu corpo” (Mc 14,22)” ; “Tomai e comei, isto é meu corpo”(Mt 26,26). Nutrido com seu Corpo na eucaristia, o comungante, já, pertence ao Corpo do Cristo. Enfim, ao comer e beber do Corpo e do Sangue de Cristo, os corpos mortais se unem ao Cristo ressuscitado, última grande metanóia. “Da mesma forma, nele ‘todos ressuscitarão com

---

<sup>168</sup> COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER, *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 18-19.

seu próprio corpo, que tem agora, porém este corpo será transfigurado em ‘corpo de glória’, em ‘corpo espiritual (1 Cor 15,44)<sup>169</sup>.

É no corpo, que nossa vida espiritual encontra a mais plena manifestação; um corpo que é um instrumento necessário e indispensável para que os seres humanos se comuniquem. É, também, pelo corpo que haverá salvação: “Caro salutis est cardo”(A carne é o eixo da salvação) Tertuliano<sup>170</sup>. “Cremos em Deus, que é criador da carne; cremos no Verbo feito carne para redimir a carne; cremos na ressurreição da carne, consumação da criação e da redenção da carne”<sup>171</sup>. “Sem corpo, sem carne sobre a qual repousar, o Espírito não pode atuar. Deus nos criou corpo, selando assim uma amorosa e eterna aliança com a carne (Cf. Sb 11,24)”<sup>172</sup>. Podemos aprofundar-se, agora, sobre o conceito e a função de cada um desses três corpos: templo, eucarístico e glorioso, representantes da tradição cristã.

## 2.1 O corpo “Templo do Espírito”: o batismo

No cristianismo, o templo não é mais um lugar externo para orar, mas, é nosso corpo o novo templo “em que os verdadeiros adoradores, adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23): lugar de escuta da Palavra, diálogo com Deus e fidelidade à aliança<sup>173</sup>. Assim, também, no batismo, no momento que se recebe o Espírito Santo, ganha-se um novo corpo, uma vida nova “nascida da água e do Espírito”(Jo 3,5), o “velho homem” morre e, agora, ressuscita na condição de “homem novo”. A três

<sup>169</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999, v. 999.

<sup>170</sup> In : Op.cit. v. 1015.

<sup>171</sup> Ib. v. 1015.

<sup>172</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*, São Paulo: Paulinas, 2000, p. 27.

<sup>173</sup> Cf. LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. São Paulo: Paulus 1997.



imersões e emersões simbolizam, ao mesmo tempo, a trindade como os três dias que Jesus desceu à “mansão dos mortos” antes de ressucitar. O corpo agora é habitado pelo Espírito Santo, presença permanente de Jesus em nós. Pela graça de Deus, recebida nesse batismo, os cristãos se tornam templos do Espírito Santo, uma nova criatura, um filho adotivo de Deus e co-herdeiro com ele, porque participando da natureza divina: “pelo batismo, fomos criados “capazes de Deus” (*homo capax Dei*)”<sup>174</sup>. Para São Paulo, o corpo foi resgatado pela morte do Cristo, e se tornou membro de Cristo e templo do Espírito Santo: “Não sabeis que vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6,18-19). Essa realidade se expressa, quando se deixa que o Espírito, que habita no cristão, se faz presente nos seus gestos, no seu olhar, nas suas palavras e transformando-se em prece, em louvor, em doação, em instrumento de Deus. O Corpo santuário só pode existir na perspectiva da construção do santuário interior. A presença divina só pode habitar e ficar no santuário do cristão se a Verdade habitar em seu coração e for aplicada em sua vida. E quando isto ocorre, o cristão torna-se o templo da plenitude de Deus. Porém é Jesus, o Cristo, novo Templo que realiza essa nova Aliança, e unido a Ele, o cristão será o tabernáculo do Deus Vivo. Isso é a grande novidade do cristianismo: o Templo não é mais um lugar externo, mas um espaço sagrado dentro do cristão, onde se pode experimentar a dimensão da vida eterna em Cristo.

O batismo associa o homem a Cristo e o capacita para enfrentar vitoriosamente o mal. [...] O batismo tira o pecado original, enquanto capacita o homem para lutar vitoriosamente contra o mal nele mesmo e no mundo, até eliminar a raiz de onde tudo procede. O batismo não é apenas uma lavagem que o outro faz em nós e à qual nós assistimos passivamente. É uma lavagem que Cristo começa em nós e no mundo, apoiados na Sua força que assim nasce em nós. O resultado final dessa lavagem ou transformação é o paraíso<sup>175</sup>.

---

<sup>174</sup> GESCHÉ, Adolphe. *O Ser Humano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 102.

<sup>175</sup> MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 143.

O Templo do corpo não será mais profanado, abandonado, desertado por Deus e nem destinado à destruição, mas um lugar onde se pode viver, profundamente, o amor de Deus, o amor ao próximo e à humanidade. “Portanto, devemos perceber o corpo humano, o nosso e o do próximo, como um templo do Espírito Santo, uma manifestação da beleza divina”<sup>176</sup>. Por isso, o cristão é chamado a ser santo (1Cor 1,2), num corpo santificado por Deus: “O Espírito é de fato o lugar dos santos, e o santo é para o Espírito um lugar próprio, pois se oferece para habitar com Deus e é chamado seu templo”<sup>177</sup>. No rito da crisma, os cinco sentidos são ungidos com o sinal da cruz. Isso significa que as portas do mundo exterior, pelas quais entrava o pecado, agora ficam protegidas de todo mal, pela ação da graça, e assim o ser torna-se uma fonte de contemplação de Deus para cumprir Sua vontade. A unção da testa simboliza o espírito e todas as faculdades intelectuais; a unção do peito, onde mora o coração, centro espiritual da pessoa, simboliza a preservação das más tendências, dos maus sentimentos; a unção das mãos significa que, agora, devem servir e cumprir as obras de Deus e dos pés que devem agora ser usados para percorrer as vias do Senhor<sup>178</sup>.

O novo templo é, também, atribuído ao Corpo do Cristo formado pela comunidade de filhos e filhas de Deus, reunidos na Igreja, no corpo místico de Cristo, cuja alma é o Espírito Santo. “Este corpo de Cristo, com todos os seus membros, animado pelo Espírito da verdade, é o novo templo, que Jesus tinha anunciado, quando purificou o antigo e disse que este poderia ser destruído e ele levantaria o novo em três dias (cf. Jo 2,19)”<sup>179</sup>. No cristianismo, encontram-se, então, várias concepções do novo templo: o nosso corpo como templo e lugar de oração “em espírito e verdade”; o novo corpo “nascido da água e do Espírito” do batismo; Jesus Cristo o Novo Templo e o

---

<sup>176</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999, v. 2519.

<sup>177</sup> S.BASILIO. In: cf. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999 v. 2684.

<sup>178</sup> Cf. LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 56-57.

<sup>179</sup> LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. São Paulo: Paulus, 1997, p.8.

Corpo de Cristo, enquanto comunidade de filhos e filhas de Deus, reunidos na Igreja. Abordaremos agora o Corpo de Cristo numa outra perspectiva: como corpo eucarístico.

## 2.2 O Corpo de Cristo: a Eucaristia

A eucaristia, termo encontrado na *'Didaché c. 9-10.14'*, significa ação de graça e louvor. Teve seu início no gesto e palavras pronunciadas de Jesus na última ceia com seus discípulos, no cenáculo, na noite da quinta-feira santa, transmitida pela geração apostólica com este ritual: “Jesus tomou o pão, o abençoou, deu graças e entregou a seus discípulos dizendo: ‘Tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós [...] Tomai todos, e bebei, este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados, fazei isto em memória de mim’”. Essa eucaristia continua se repetindo, seguindo o seu pedido, (fazei isso em memória de mim), há 2000 anos “fazendo memória”, “celebrando o memorial”, da páscoa do Senhor, representando e reatualizando o que na ceia Jesus quis realizar e exprimir em íntima conexão com a oferta sacrificial<sup>180</sup>, e é com a invocação do Espírito Santo que se torna presente, aqui e agora, tudo que Jesus realizou e expressou com gesto na última ceia. No seu corpo doado e seu sangue derramado, Jesus estabeleceu a nova aliança no amor. Jesus é o cordeiro imolado que oferece seu próprio corpo livremente como vítimas pelos irmãos, mas, que se tornou Senhor (kyrios) depois de sua morte e ressurreição. Na eucaristia o Corpo de Cristo é o pão consagrado. Não se coma, apenas, o Corpo de Cristo sacramentalmente, mas, concretamente, porque se acredita na presença real e atual do Cristo glorificado na eucaristia. “Ao comer o Corpo

---

<sup>180</sup> Cf. SARTORE, Domenico.; TRIACCA, Achille M.(org:). Eucaristia. In: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 407.

de Cristo, tornamo-nos o Cristo e assim, nós, como o próprio Jesus, tornamo-nos alimento para o mundo. Ao partilhar do “pão da vida” e do “cálice da salvação”, todos nós nos tornamos o corpo vivo de Cristo”<sup>181</sup>, pois formam-se um só corpo na união fraterna. “O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai a todos a Si”<sup>182</sup>. Na eucaristia, o amor de Deus vem corporalmente a todos os participantes e neles continua sua ação. De fato, na religião cristã, acredita-se que o corpo representado pelo pão é verdadeiramente o corpo doado e partido, que foi oferecido no Calvário para a redenção do mundo.

A teologia substancialista da eucaristia manifesta um cuidado de corporificação (ou de materialização) da pessoa do próprio Deus, pelo menos do Filho. Se a transubstanciação é tão importante nesta teologia, não é só porque o pão consagrado presentifica Cristo (uma concepção simbólica da coisa bastaria neste caso), mas porque, substantificando-o, seu caráter de realidade aumenta e permite ao fiel ter uma relação corporal com Ele, permite-lhe estar verdadeiramente (isto é, corporalmente) próximo d’Ele<sup>183</sup>.

A eucaristia leva a uma relação íntima com Jesus Cristo, que se transforma em unificação: Jesus está dentro do cristão e o cristão dentro dele, há uma inabituação do Cristo no cristão e do cristão no Cristo: “Quem se alimenta com minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6,56). É a fé do cristão. Jesus se deu a si mesmo em alimento para saciar todas as nossas fomes: “Eu sou o pão da vida, quem vem a mim, nunca mais terá fome e o que crê em mim nunca terá sede” (Jo 6,35), fome de atenção e amor, sede de desejo de vida. Jesus alimenta o cristão no caminho à liberdade: “somente Sua Presença entre nós pode pacificar todo o nosso ser e acalmar essa necessidade desenfreada de comer, beber, fumar, absorver todo tipo de drogas, para

---

<sup>181</sup> NOUWEN, Henri. *Pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 333.

<sup>182</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 21, n.14.

<sup>183</sup> AMMICHT QUINN, Regina.; TAMEZ, Elsa. *Concilium. Corpo e Religião*. São Paulo: Vozes, 2002, p. 66.

esquecer a angustia existencial que nos habita”<sup>184</sup>, pois como alimento espiritual, o corpo de Cristo nos nutre, purifica, sustenta, fortalece, protege contra todo mal tanto o corpo como a alma. Ele é fonte de vida para quem O recebe, e é esse Pão da vida que transforma, torna possível a progressiva transfiguração do homem.

É a Eucaristia que alimenta o discípulo com o Corpo e o Sangue de Cristo em vista de sua transformação nele, pois nela se torna presente o sacrifício de Cristo que nos reconciliou com Deus; por ela são nutridos e fortificados aqueles que vivem da vida de Cristo; ela é o antídoto que nos liberta de nossas faltas cotidianas e nos preserva dos pecados mortais<sup>185</sup>.

Nutridos com seu corpo na eucaristia, o cristão pertence ao Corpo do Cristo. Quando se ressuscitar, no último dia, o cristão, também, será revelado por Ele cheio de glória (Cl 3,3). A eucaristia é “apice” e “fonte” da ação da Igreja (SC10,2)<sup>186</sup>. Recordando a paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, abre-se à perspectiva futura: “enquanto se espera a vossa vinda”, “Maranatha, Vem Senhor Jesus”.

### **2.3: O Corpo Glorioso: escatologia**

Da mesma forma que Cristo ressuscitou dos mortos, e vive para sempre, assim, também, depois da morte, os justos viverão para sempre com Cristo ressuscitado e Ele os ressuscitará no último dia (Cf. Jo 6,39-40), pois com Sua morte destruiu a morte e concedeu-nos a vida. A esperança cristã está toda marcada pelos encontros com Cristo Ressuscitado. O cristão ressuscitará como Ele, com Ele, por Ele. Nele “todos

---

<sup>184</sup> CROISSANT, Jo. *Le Corps Temple de la Beauté*. Nouan-le-Fuzelier: Beatitudes, 2001, p. 100.

<sup>185</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999, v. 1436

<sup>186</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição « Sacrosanctum Concilium » sobre a Sagrada Liturgia*, n.10,2.

ressuscitarão com seu próprio corpo, que têm agora; porém, este corpo será ‘transfigurado em corpo de glória’, e ‘corpo espiritual’” (1Cor 15,44)<sup>187</sup>. A ressurreição do corpo, baseada na ressurreição de Jesus Cristo, é elemento fundamental daquilo que acontece ao homem na morte:

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54). A eucaristia é remédio que cura o ser humano de sua ferida mortal. Ela é aqui sacramento da passagem da morte para vida, para uma vida eterna em nossos corpos mortais que readquirirão vida. Nossos corpos mortais, carne e osso, voltarão á terra. No entanto, nada do que estamos vivendo agora no corpo se perderá; tudo o que vivemos em nossos corpos será honrado na ressurreição, quando recebermos corpos novos de Deus<sup>188</sup>.

O Cristo ressuscitou com seu próprio corpo: “Olhai as minhas mãos e os meus pés; sou eu mesmo. Tocai-me, olhai” (Lc 24,39). Jesus mostra que seu corpo era um novo corpo espiritual, não mais sujeito às leis da natureza, e, assim, será o corpo feito à semelhança de Cristo, já que Ele veio compartilhar com o homem a vida em seu corpo mortal, de forma que também será capaz de compartilhar de seu corpo espiritual. Na ressurreição, os cristãos terão corpos espirituais, corpos gloriosos.

Nossos corpos animais vieram de Adão, nossos corpos espirituais vêm de Cristo. Cristo é o segundo Adão e oferece a nós corpos novos não sujeitos à destruição. E assim como nós existimos à imagem do homem terrestre Adão, assim também existiremos à imagem do homem celeste Cristo<sup>189</sup>.

Jesus veio revestir a natureza corruptível do homem, com incorruptibilidade, e, sua natureza mortal, com imortalidade (1Cor 15,53). Assim, deixar os corpos mortais é receber o manto da imortalidade que conduz o cristão ao Reino de amor eterno. A fé na ressurreição do corpo, portanto, exige que se cuide do próprio corpo e do corpo um do outro com amor: “O Corpo é para o Senhor [...] e o Senhor para o corpo. [...] Porventura, ignorais que vossos corpos são membros de Cristo? [...] Acaso ignorais que

<sup>187</sup> Ib. v. 989, 995, 999, 1003, 1004.

<sup>188</sup> NOUWEN, Henri. *Pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 382.

<sup>189</sup> Ib. p. 384.

vosso corpo é templo do Espírito Santo que mora em vós e que recebestes de Deus? Ignorais que não pertenceis a vós mesmos [...] Então, glorificai a Deus em vosso corpo” (1Cor 6,13-16;19-20).

A fé na ressurreição do homem inteiro e integral foi retomada pela teologia contemporânea, afastando-se do modelo dualista helênico, que desenvolveu um desprezo pelo corpo por causa da alma que permanecia inalterada em função de sua natureza imortal. Hoje se percebe que essa concepção contradiz a antropologia bíblica que afirma que a alma nunca se separa do corpo, pois formam uma unidade indivisível na vida, como na morte. “A pessoa vive como ser global e total, morre como ser total e global e ressuscita também como pessoa total”<sup>190</sup>. Desenvolvem-se, também, no fim do século XX, novos pressupostos filosóficos, antropológicos e científicos que dão oportunidades à teologia de reelaborar novas respostas na questão da morte e ressurreição, Final dos Tempos, afirmando que *a ressurreição acontece na morte*, pois na morte entra-se num novo tempo, sem tempo cronológico, que é a eternidade, que coincide com o Final dos Tempos. E se a ressurreição acontece no Final dos Tempos, logo se ressuscita no momento da morte. Assim, o teólogo Renold Blank explica:

A pessoa, na morte, entra em nova dimensão sem tempo, chamada eternidade. Naquele momento, o tempo pára de existir como dimensão existencial desta pessoa. Para ela, a morte significa “o fim dos tempos”. Como não há o tempo, não pode haver passagem de nenhum tempo entre um acontecimento e o outro. Por causa disso, é impossível uma alma ficar separada do corpo na eternidade, aguardando ali a ressurreição do corpo. [...] A alma de uma pessoa que morre não tem mais tempo de se separar do corpo, pelo simples fato de o tempo não mais existir. O momento da morte e o momento do Final dos Tempos coincidem na eternidade. No Final dos Tempos, porém, acontece a ressurreição do corpo [...] e como o Final dos Tempos acontece no momento da morte, é também neste momento que deve necessariamente acontecer a ressurreição do corpo<sup>191</sup>.

<sup>190</sup> BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. 6. ed. São Paulo, 2006, p. 114.

<sup>191</sup> *Ib.* p. 109.

Pois, na ressurreição o homem inteiro passa por um processo profundo de transformação. Blank compara essa transformação com a metamorfose da lagarta em borboleta: “na sua forma eles diferem; naquilo, porém, que é a essência de seu ser, no código genético, mantêm uma identidade total”<sup>192</sup>. Sempre se apoiando em argumentos científicos, ele se refere também a uma das leis fundamentais das ciências da natureza, conhecida como “o segundo axioma de termodinâmica”, dizendo que conforme esse axioma, no cosmo não é possível a destruição de energia, mas, sim, transformação, e que essa lei é válida para o homem, já que ele é, também, potencial energético: energia material, emocional, intencional e psíquica. Assim, todos esses potenciais não vão desaparecer, mas vão continuar, pois o Deus dos cristãos é um Deus da vida que “faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4,17) e que se revelou na ressurreição de Jesus Cristo que, também, foi imediata.<sup>193</sup>

Segundo Leonardo Boff:

“O eu pessoal” (que sempre inclui relação com o mundo) será ressuscitado e transfigurado. Na morte cada um ganhará o corpo que merece; ele será perfeita expressão da interioridade humana, sem as estreitezas que envolvem nosso presente corpo carnal. O corpo glorioso terá as qualidades do homem-espírito que são de universalidade. O corpo transfigurado será: comunhão, presença, relacionamento com todo o universo. Portanto a ressurreição manterá a identidade pessoal de nosso corpo, mas não sua identidade material que varia de sete em sete anos. A ressurreição conferirá a cada qual a expressão corporal própria e adequada à estrutura do homem interior<sup>194</sup>.

O Corpo “Templo do Espírito”, “Corpo de Cristo” e “Corpo Glorioso”, é o tripé no qual se fundamenta a espiritualidade cristã. Significa um Cristo que vem habitar (templo), alimentar (eucaristia) e dar a vida eterna (glorioso) ao cristão. O cristianismo trouxe ao homem uma dimensão que o projeta além da condição humana comum,

<sup>192</sup> Ib. P. 139.

<sup>193</sup> Cf. Ib. p. 120-122.

<sup>194</sup> BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 43.



porque lhe possibilita viver uma vida nova, um processo de transformação radical: do corpo “pecador” para um corpo santificado e uma vida temporal-mortal em atemporal, portanto, imortal. Nessa dinâmica de conversão, vão sendo abandonadas as atitudes do “homem velho”, para caminhar rumo à humanidade nova, ou seja, “num corpo novo” e proceder como Jesus procedeu.

## **CAPÍTULO III: O CORPO COMO LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO**

### **1. A conversão cristã**

#### **1.1 Do homem velho ao homem novo, a graça**

“Quem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus”, diz Jesus (Jo 3,3). Então, pergunta Nicodemos: “como pode um homem nascer, sendo já velho?” (Jo 3,4) e Jesus responde: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te haver dito: vós deveis nascer de novo” (Jo 3,5-7). Nascer de novo, para os apóstolos João e Paulo, é sair do “pecado”, condição limitada humana e cultural que faz o homem compactuar com o mal, como considerações feitas no capítulo anterior sobre o batismo. Mas pela graça do Espírito, o homem pode se libertar dessa compulsão que o corrompe de geração em geração. Precisa, no entanto, compreender e ter consciência que o pecado o escraviza e o destrói. Segundo São Paulo, a concepção do pecado, é do mau uso da carne, que significa uma vida baseada em falsos valores, com egoísmo, fechamento, isolamento, morte interior, exploração, uso do outro, inclusive sexualmente: é excluir o outro; é a não adesão ao projeto de Deus, que é união e doação. O contrário de “sarx”, a carne, é “pneuma”: a vida no Espírito, que Jesus pede a Nicodemos; uma vida autêntica, fazer a vontade de Deus, ou seja: sair do egoísmo e ir ao encontro e em comunhão com o outro, buscando sempre a justiça, a verdade e o amor. Isso é o homem novo. “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também nossa conduta. Não sejamos cobiçosos de vanglória,

provocando-nos uns aos outros e invejando-nos uns aos outros” (Gl 5,26). O pecado separa o homem de Deus e da vida do Espírito. Esta separação é a morte espiritual e eterna, da qual a morte física é sinal. Ao contrário, Jesus quer que haja a união, a comunhão com o Pai, como ele faz. Assim, para Paulo: “Se alguém está em Cristo, é a nova criatura. Passaram-se coisas antigas; eis que se fez realidade nova” (2Cor 5,17). Portanto o homem novo é o homem criado em Cristo, que vive com o Cristo, como o Cristo e agora em Cristo, por que: “nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído este corpo de pecado [...] considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rm 6,6-11). Realiza-se agora uma vida nova segundo o Espírito no qual os frutos serão: o amor, a alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio (5Gl 5,22).

O chamado à conversão alcança, deste modo, uma dimensão cristológica: é um convite a se encontrar, escutar, acolher e seguir, sem condições, uma pessoa, Jesus Cristo; que em seu Espírito conduz ao reconhecimento do Pai, para poder assim, inseridos em seu amor, caminhar a partir dele e com ele, como filhos no Filho, como membros do povo da nova aliança<sup>195</sup>.

Somente através de uma grande mudança qualitativa, em seu modo de pensar e de agir em relação a si mesmo e dos outros, é que o ser humano poderá compreender e acolher a “boa nova”, do Reino de Deus, esvaziando-se do seu orgulho, de sua prepotência e do seu egoísmo; desprendendo-se de todas as falsificações ou ignorâncias que o escravizam e o enganam. “Todo o que Nele tem esperança, purifica-se a si mesmo [...] Todo aquele que permanece Nele não peca” (1Jo 3,3-6). Porém, essa metanóia depende de seu livre arbítrio, de sua livre decisão, porque “os seres humanos são

---

<sup>195</sup> SAMANOS FLORISTÁN, Cassiano. ; ACOSTA-TAMAYO, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 137.

capazes de se abrir, progredir nele, reiniciar caminho novo ou, ao contrário, fecharem-se, deterem-se em sua vivência ou rejeitá-la”<sup>196</sup>.

## 1.2 Sair do egoísmo e amar ao outro como a si mesmo

“Amarás a teu próximo como a ti mesmo”(Lc 10,27). Aqui, há dois conceitos muito importantes: o primeiro é amar o outro, ou seja, sair de si para ir ao encontro do outro, e o segundo é amar a si mesmo. Portanto, o homem não pode amar o outro se não se amar. Isso é a questão fundamental e o maior desafio e a maior conquista: “a questão é, no fundo essa: Cremos em nós mesmos, para crer em nós como Deus crê em nós? Para crer que ele nos deseja por ele mesmo”<sup>197</sup>. Amar a si, significa nos aceitar-se tal como se é, com as virtudes e limitações; é ter-se confiança no Amor infinito do Pai e acreditar no fundo do coração no que o Senhor disse: “Pois é precioso aos meus olhos, és honrado e eu te amo”(Is 43,4), pois “o amor de Deus nos precede e é causa de nosso amor”<sup>198</sup>. O cristão precisa fazer primeiro essa união com Deus, “permanece em Deus e Deus permanece nele”, sentirmos filhos bem-amados Dele para poder partilhar esse amor com o outro: “porque se sou amado, não tenho mais o direito de não me amar, nem de não mais amar os outros”<sup>199</sup>. Mas, agora: “se caminhamos na luz como Ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros” (1Jo 1,7). Então, sim, a união a Deus, que é Luz e Amor, se reconhece pela fé e pelo amor fraterno. Amar ao próximo é permitir que o outro tenha chance de *ser*, significa “termos que estar preparados para dar prioridade ao ser, ao doar ao outro o nosso ser e, através desta disponibilidade, que

---

<sup>196</sup> .Ib. p. 137.

<sup>197</sup> GESCHÉ, Adolphe. *O Ser Humano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 104.

<sup>198</sup> Ib. p. 140.

<sup>199</sup> Ib. p. 105.

implica dedicação total ao outro, experimentarmos a perda de nosso próprio eu”<sup>200</sup>. Amar, nesse sentido, quer dizer estar atento à necessidade do outro, tentar perceber e dar o que ele precisa e não o que se deseja; é tentar estar no lugar do outro, fazendo para ele o que se faria a si. Diante disso, o corpo torna-se o meio de comunicação e expressão desse amor, é o próprio lugar da encarnação do Amor, onde recebemos amor e onde nós o doamos. Portanto, precisa-se que o homem tenha bondade, ternura e doçura com o corpo que Deus lhe deu e o coloque a serviço do outro. “O corpo é tomado, aqui, como instrumento do amor. O corpo está encarregado de expressar a ajuda, a reconciliação, a atenção às necessidades do outro. O corpo está aí para servir. Ele está aí para agir no sentido de agir pelo bem do outro”<sup>201</sup>, diz José Comblin quando considera que o caminho de Jesus é a prática do amor feito de atos reais. “Servir, porque servir é caridade, e Deus é caridade. E quem não serve não vive na caridade, não vive em Deus”<sup>202</sup>.

Mas quem é o próximo que se deve ajudar e servir? É aquele que é diferente, que incomoda, de quem se distancia porque é carente, estranho, fracassado, marginal, doente, negro ou pobre? É aquele que convida a cruzar a estrada para prestar atenção ao que acontece no outro lado. Amar o outro como a si mesmo, é, de fato, uma realidade muito difícil de ser cumprida e requer um cuidado constante, porque o homem é constantemente sujeito a medo, mágoa, decepção, desilusão, e quando vive esses sentimentos, o seu coração perde a confiança, transformando o “coração de carne” em “coração de pedra”, e todo ato sem amor, perde seu valor humano e cristão. Portanto, para viver essa dimensão do amor, o homem precisa passar por várias etapas: reconhecimento das mágoas, saber perdoar e buscar a reconciliação.

---

<sup>200</sup> Cf. FREEMAN, Laurence. *A luz que vem de dentro*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 84.

<sup>201</sup> COMBLIN, José. Cristianismo e corporeidade. In: SOTER. *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 19.

<sup>202</sup> CARRETTO. *Um contemplativo pelos caminhos do mundo*. SIBILIA, Gian Carlo (org.). São Paulo: Paulinas, 2000, p. 78.

A meta de nosso caminho de amadurecimento é o amor, sair do egocentrismo e entrar em contato com nosso verdadeiro centro do qual brota o amor. Por meio de suas palavras e de seu exemplo, Jesus nos capacita para esse amor que não transforma só a nós mesmos, mas, pouco a pouco, também a sociedade humana<sup>203</sup>.

### 1.3 O Perdão e a Reconciliação pela compreensão

“A palavra grega para perdão é *asphesis*, que significa “libertar, libertar da escravidão”; significa também ‘remissão da dívida, da culpa e do castigo’. É usada quando a prisão é aberta e o prisioneiro pode sair livre”<sup>204</sup>. “A reconciliação é a conclusão do processo do perdão, a reunião do oprimido e do opressor, um aceitando o outro, cada um reconhecendo seus medos e ódios, cada um aceitando que o caminho do amor mútuo é a única saída para um mundo de conflitos”<sup>205</sup>. O perdão tem início quando o homem se conscientiza de seus medos e barreiras. Por isso, precisa olhar, primeiro, para suas próprias limitações: seus medos, sua escuridão, sua fragilidade, tomando consciência de sua condição “pecador”, aceitá-la, acreditando-se que todos iguais, com corações vulneráveis e frágeis, com necessidade de amar e ser amado, perder os seus sentimentos de superioridade, e os de inferioridade e somente assim poderá entender as limitações do outro: “Por que observas o cisco no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho?”(Mt 7,4). Assim, o homem se libertará de todos aqueles medos interiores que o impelem a se afastar das pessoas e da realidade, confessando a si mesmo e aos outros as suas dificuldades. Isso é o primeiro passo. Depois, é o abrir-se ao poder da Graça, do Espírito Santo para transformar o seu coração de pedra, baseado no medo, em um coração de carne, aberto e vulnerável aos outros. Através do dom do Espírito Santo, recebe-se um novo poder que o permite

---

<sup>203</sup> GRÜN, Anselm. *Jesus porta para a vida*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 121.

<sup>204</sup> VANIER, Jean. *O Despertar do Ser*. Campinas: Verus, 2002, p. 145.

<sup>205</sup> *Ib.* p. 166.

permanecer firme no amor e ir ao encontro do outro<sup>206</sup>: “Portanto, quando estiveres levando a tua oferenda ao altar e ali te lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão [...] procura reconciliar-te com teu adversário, enquanto ele caminha contigo para o tribunal” (Mt 5,23-25). Perdoar os inimigos sugere Jean Vanier, é amá-los e enxergá-los como indivíduos que estão talvez presos em um ciclo de medo e de opressão, e como diz Jesus na cruz: “Pai, perdoai-lhes, pois eles não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Isso é compreender o outro, porque se percebe que, aquele que ofendeu, é, ele mesmo, um filho ofendido que está passando adiante as ofensas. Portanto veja-se a questão de uma forma mais abrangente: veja o outro como uma vítima, e assim não mais sentirá ofensa pessoal. Assim, perdoar é derrubar os muros da hostilidade que separam os homens, compreender o outro, é abrir-se e permitir que a Graça atue no homem, e o faça caminhar em direção à comunhão, à união, à reconciliação: “De fato, se vós perdoastes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos céus também vos perdoará. Mas, se vós não perdoastes aos outros, vosso pai também não perdoará as vossas faltas” (Mt 6,14-15).

Transformar mágoas em perdão, medos em confiança e raivas em amor, é um processo que requer abertura, disponibilidade e empenho. Lembrar que no Antigo Testamento, a alma é sempre dependente do corpo e vice e versa. Assim, cada emoção ou sentimento é ligado a um órgão, ou seja, cada órgão é dotado de atributos psíquicos. Jesus curava através do corpo o homem inteiro, corpo-alma-espírito. Portanto, pode-se através do corpo acessar a realidade psíquica e transformá-la. Na medicina chinesa o medo somatiza-se nos rins, a raiva, no fígado e vesícula biliar, a tristeza e amargura nos

---

<sup>206</sup> Ib. p.p. 164; 172; 173.

pulmões etc. Para de fato perdoar, o homem deve liberar seus pulmões desse bloqueio energético criado pelas mágoas. A respiração tem um papel fundamental na função de “desprender” o que está preso e acumulado, como, também, trazer a presença do Sopro divino no homem, elevando seu espírito. Há uma relação entre a cura e a conversão. Há vários meios ou práticas corporais que fazem parte da tradição cristã que podem ajudar o homem nesse processo de conversão como: a respiração, a ascese, a oração, a meditação, a contemplação, o silêncio, a música, o canto e a dança, a liturgia.

## 2. Práticas corporais cristãs para conversão

### 2.1 A respiração: sopro de vida. A atuação do Espírito Santo

Como já vimos, a palavra grega para “espírito” é *pneuma*, que significa “sopro” e *ruah*, em hebraico, que significa “ar, vento”. Então, pode-se ver que entre o espírito e a respiração há uma estreita ligação. No Gênesis, toda criação sai do sopro- *ruah* de Deus:

Retiras tua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados (Sl 104,29-30). O espírito, a *ruah*, é a energia que se manifesta dentro da respiração, é o sopro de vida, energia de viver, (Gn 6,17; 7,15), que entregamos na hora de morrer: “Pai em suas mãos entrego o meu espírito”(Lc 23,46) e indica o mais profundo do ser humano, o seu espírito, a busca do seu coração em direção a Deus. (Sl 77,4-7)<sup>207</sup>.

Mas *ruah* é, também, o Espírito de Deus que se manifesta na criação e na história, no Antigo Testamento, e como Espírito Santo, efusão Pentecostal, deixado por Jesus Cristo no lugar de sua presença no Novo Testamento. Se o espírito, que é Espírito de Deus, é a energia que se manifesta dentro da respiração, podemos imaginar o quanto a consciência e a prática de uma boa respiração podem ajudar a revelar essa presença divina em nós, tornando a respiração um meio de transformação corporal-espiritual. É

---

<sup>207</sup> ANJOS, Marcio Fabri dos (org). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998, p.p. 92; 93; 94.



esse tema que vamos olhar em seguida: a importância da respiração no processo de metanóia.

## **2.2 A respiração como meio de transformação corporal-espiritual**

*A respiração*, além da sua oxigenação em nosso organismo, regenera nossas células, e tem uma repercussão muito importante em nível emocional: é bem freqüente prende-la em situação de ansiedade e de angústia. Da mesma forma, podemos fazer o movimento contrário, ou seja, respirar fundo e pausadamente, o que nos ajuda a soltar essas tensões emocionais e desbloquear essa energia presa. Não existe espiritualidade sem passar pelo processo de transformação emocional: da mágoa e do medo, para o amor. A mágoa é uma emoção negativa, uma energia presa que é acumulada e cristalizada ao longo do tempo e que se “petrifica” (o coração de “pedra”). Portanto a respiração, por seu movimento de vaivém, gera uma circulação energética que evita a estagnação e a solidificação. Ela faz circular, remove toxinas, tanto físicas quanto emocionais. Mas respirando, acolhe-se o Sopro no corpo, deixando que o Espírito desça ao mais profundo no ser humano, sendo um com o Sopro. Assim, o homem respira a presença de Deus em si.

Respirar, torna-se gesto sagrado de grande valor espiritual que convida a colocar a nossa respiração no próprio ritmo respiratório da ruah de Deus: o sistema respiratório coloca o homem em atitude de entrega amorosa, abertura ao sopro de vida que une todos os seres humanos a Deus e os prepara a entrarem no repouso da vida plena<sup>208</sup>.

Assim sendo, a prática consciente da respiração como Sopro divino e não apenas como um exercício mecânico de “ginástica respiratória”, pode realmente ajudar o homem em seu processo de transformação, pois: “a respiração só pode transformar o ser

---

<sup>208</sup> ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. São Paulo, Paulinas, 2002, p.p. 124; 125.

humano quando ela é percebida como hálito de Deus nas narinas de Adão, ou como o hálito de Cristo ressuscitado sobre os Apóstolos” como diz Antonio Gentili<sup>209</sup>. O homem deve permanecer consciente do Sopro que leva consigo diariamente: um corpo habitado pelo Sopro, pelo Espírito. “Não tem melhor expressão espiritual que a respiração, essa alternância de sopro”<sup>210</sup>. A respiração é um meio para se interiorizar, relaxar, ir para dentro para se tornar disponível à ação do Espírito Santo. Ela permeia em todos os outros meios de comunhão com o divino como: a oração, a meditação, o silêncio, a contemplação, o canto, a dança, a liturgia. Ela é o elo sustentador de qualquer forma de vida: material e espiritual.

### **2.3 Outros meios de transformação: ascese, oração, meditação, contemplação, silêncio, liturgia, música, canto, dança.**

A *ascese* é um treino corporal que a espiritualidade cristã adotou e que inclui o jejum, as vigílias e o cansaço mais ligado ao trabalho. Não é um meio que busca o sofrimento em si, mas, sim, um melhor domínio do corpo, liberando o homem dos seus apegos, que, por meio de seu corpo, o amarram ao mundo e a ele mesmo, tornando-o prisioneiro: comida e coisas em excesso, afetos possessivos, compulsão sexual e em vários sectores da vida, etc., e permite a superação dos seus inúmeros desejos descontrolados. Esse domínio corporal leva à virtude tão prezada pelos Padres que é a *temperança*: qualidade que modera paixões e apetites, mas não as elimina. Isso significa que não se busca um sistema de repressão, mas uma direção para os desejos. Não significa, também, a renúncia de qualquer tipo de gozo, prazer e alegria, mas sim, direcionar os desejos apaixonados e se abster dos prazeres nos quais estão ligados. Pois

<sup>209</sup> GENTILI, Antonio. *As razões do corpo*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 30.

<sup>210</sup> LACROIX, Xavier. *La chair inspirée*. In: *Revue Alliance. Le corps et le Cœur*. Paris : Juillet-Octobre, 1996, p.6.

a paixão deixa o apaixonado cego: ignora a liberdade, o desejo e necessidade do outro, pois é tão preocupado com a satisfação de seu próprio desejo, que não há como enxergar o outro e menos, ainda, se voltar para ele, em oposição ao amor que é abertura total ao outro. É importante perceber que se busca, então, na ascese, um respeito ao corpo na sua inteireza e não uma desvalorização, pois se condena a busca do prazer pelo prazer e principalmente na união sexual, quando ela usa o corpo como mero instrumento de prazer, e não como expressão afetiva e espiritual de duas pessoas.

Quando a união sexual é vivida independentemente de seu contexto espiritual e se exercita em vista apenas do prazer sensível que ela busca, ela mutila inevitavelmente o homem, pervertendo profundamente a ordem natural de suas relações com Deus, com ele mesmo e com seu próximo. [...] o desejo exclusivo do prazer sexual que caracteriza a paixão sexual mobiliza a faculdade desejosa do homem e o desviou de Deus que deveria ser seu objetivo fundamental. [...] A paixão sexual, como todas as outras paixões, opera, uma inversão de valores [...] ela faz passar na existência do apaixonado a carne antes do espírito, e coloca o prazer sensível no lugar de Deus<sup>211</sup>.

A *castidade* conjugal recomendada pelos Padres e pela Igreja não significa abstinência sexual, pois, a união sexual pertence essencialmente ao casamento, mas não fazer do prazer sensível o objetivo ou o objeto de sua união. O prazer deve aparecer somente como consequência de uma união alicerçada no amor mútuo. Assim: “a castidade realiza uma transfiguração do amor, o faz acessar ao plano espiritual onde torna-se inteiramente transparente a Deus; ela lhe dá um sentido místico, permitindo-lhe de realizar analogicamente o mistério do amor do Cristo e da Igreja”<sup>212</sup>. Quanta a castidade monástica, pode-se dizer que ela coloca sua finalidade na consagração total de si e a Deus:

Pela sua castidade que é também total abstinência, o monge reencontra o estado paradisíaco da natureza humana, um estado que ele assimila à

<sup>211</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 69.

<sup>212</sup> *Ib.* p. 81.

condição angelical e prefigura a vida celeste, segundo as palavras do Cristo: ‘Na ressurreição não haverá homens e mulheres casando-se, mas serão como anjos no céu’ (Mat 22,30)”<sup>213</sup>.

*O jejum* tem por finalidade a purificação para renascer. O corpo, em primeiro lugar se limpa, depois, entra em repouso, porque não gasta energia para fazer a digestão, tornando-se naturalmente aberto e, ao mesmo tempo, mais recolhido, com espírito atento e disponível à Deus para a prece interior, para a leitura e a meditação sobre a Palavra, para o silêncio, para a Liturgia. O jejum, no Antigo Testamento, era bastante praticado. Elías jejuou durante 40 dias, se preparando, se purificando de corpo e alma para o encontro com Deus no monte em Horeb (Cf. 1Rs 19,8). O jejum preparou também Jesus para cumprir sua missão de anunciar o Reino De Deus, fortalecendo-o diante das provas do diabo, num combate espiritual (Lc 4,1-2).

Portanto a ascese é um meio terapêutico diante todos os tipos de tentações que pode levar o homem a sua perdição. Ela busca sempre a superação de nossas limitações para nos tornar mais fortes, atentos, receptivos e disponíveis, como é o caso, também, nas vigílias e no trabalho cansativo: “Ela permita trazendo o ser humano mais perto de Deus, de seu destino e de sua vocação espiritual, tornando-o transparente as energias divinas e constitui um meio de acesso e de união com Deus”<sup>214</sup>.

O jejum, as vigílias, a fadiga do trabalho, são também meios através dos quais o homem pode fazer prova de sua fraqueza, de sua impotência, de sua insuficiência ontológica. Longe de dobrar o homem sobre ele mesmo, e de se centrar sobre si, a ascese cristã abre-o ao Outro sem o qual ele não é nada<sup>215</sup>.

Quando o homem reconhece sua própria fraqueza (no caso de suas paixões), Deus lhe concede força pela Sua graça: “basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que

---

<sup>213</sup> Ib. p. 75-76.

<sup>214</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 67.

<sup>215</sup> Ib. p. 62.

a força se realiza plenamente” (2Cor 12,9). Assim a ascese é condição de contemplação. Ela não tem sentido em si mesmo.

*A oração ou a prece é um diálogo constante com Deus, Jesus ensinou o homem a falar com o Pai, como ele mesmo fazia, numa relação bem próxima, estabelecendo uma comunhão íntima com Deus: dirigindo-se a Deus como quem se dirige a um pai ou a uma mãe amorosos, de coração a coração, numa total entrega e confiança (cf: Mt 6,9). “Com ela, o homem se ergue até Deus com o desejo de unir-se a ele, ou evoca o seu nome afim de que ele intervenha nas vicissitudes da história e nos fenômenos da natureza”<sup>216</sup>. A oração é o caminho para a fonte interior, segundo Evágrio Pôntico, padre do deserto do século IV, “ela leva-nos ao espaço interior da quietude, que ele denomina ‘lugar de Deus’ porque Deus mesmo mora lá, num lugar de paz”<sup>217</sup>. Assim, o corpo na oração ajuda o homem para que ele viva essa atenção amorosa à Deus, para se erguer em direção à Deus. Os gestos e as posturas testemunham que o corpo participa da prece e está em sintonia com o que a alma e o espírito vivenciam. O corpo expressa sempre uma intenção interior, como: ficar em pé (que evoca a ressurreição) para louvar e acolher, se ajoelhar e se prosternar para adorar e pedir perdão, sentar para escutar e meditar, mãos para cima para interceder e ofertar, mãos abertas para pedir e receber, mãos juntas para suplicar e se recolher, mãos cruzadas sobre o peito para interiorizar. O corpo adota atitudes e posturas que convenham à atividade interior, mas, também, pelas suas posturas cria uma atitude interior que se transforma em prece. Assim, o corpo dá sustentação a prece, o que significa que ele pode ser tanto expressão da prece como despertá-la. Haverá correspondência entre o que se expressa corporalmente e o que se sente. Para Carlos Carretto, orar significa amar em qualquer ação de nosso corpo:*

---

<sup>216</sup> SARTORE, Domenico.; TRIACCA, Achille M.(org.). *Oração e Liturgia*. In: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 814.

<sup>217</sup> GRÜN, Anselm. *O livro da arte de viver*. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 92.

Se rezar significa para você comunicar com uma Presença e se esta Presença existe por toda parte, você pode estar sempre em oração. Basta que você se comunique, e comunicar-se significa amar. É amando que você reza, porque é o amor que o conduz à pessoa amada e você pode amar falando, chorando, pensando, caminhando, dormindo, sempre.. sempre... Vinte e quatro horas por dia<sup>218</sup>.

A oração é também o presente do espírito; “não somos nós que oramos e sim o Espírito que ora em nós”<sup>219</sup>, e como diz Paulo: “O Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois não sabemos rezar como convém, mas o próprio Espírito intercede por nós...”(Rm 8,26-27). A prece visa sempre um único objetivo: “reencontrar *o coração* e despertá-lo”<sup>220</sup>. É uma forma de vigilância interior, numa atenção profunda e serena: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação; pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26,41). Nesse sentido encontramos na Igreja ortodoxa a “oração de Jesus” ou chamada “oração do coração” que nos ajuda, através da repetição continua vocal ou silenciosa de uma palavra-prece, a “rezar sem cessar”. É uma curta prece popularizada pelos *relatos do peregrino russo*: “Senhor Jesus, Filho de Deus, tem piedade de mim, pecador”. Nesse método chamado hesicasta, tem elementos essenciais: o “*sentar-se*” que é a postura e atitude justa de estabilidade e equilíbrio; o “*calar-se*” que é silenciar o coração e assim se libertar das paixões, passando pelo silêncio do espírito para chegar ao silêncio infinito da Presença; o “*permanecer sozinho*”; o “*respirar suavemente*”: pela atenção do sopro chegamos à concentração e à calma profunda sentindo-se inspirado e expirado pelo Espírito de Deus; o “*centro no coração*” que significa fazer a inteligência descer até o coração; o “*invocar o Nome*” que é a palavra-oração, respirando junto; e enfim, a “*repetição*” da palavra sem cessar<sup>221</sup>. Esse método busca fazer participar o

<sup>218</sup> CARRETTO, Carlos. *Deserto na cidade*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 43.

<sup>219</sup> NOUWEN, Henri. *Pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 197.

<sup>220</sup> LOUF, André. Le coeur, lieu de la prière. In: *Revue Alliance. Le corps et le Coeur*, Paris, Juillet-October, 1996, p. 69.

<sup>221</sup> Cf. LELOUP, Jean-Yves, Prefácio. In: *Relatos de um Peregrino Russo / anônimo do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 13-14.

corpo da oração e lhe permite receber, com a alma, os benefícios. E por ser a “oração do coração” há duas realidades: a espiritual e a física. A espiritual que nos traz de volta para o centro, no recolhimento e na interioridade, do “eu” mais profundo, imagem de Deus no homem, e a física, que é o próprio órgão corporal.

Os Padres hesicastas constataram por experiência que tem entre o coração assim entendido e o coração físico, centre do corpo e princípio de vida, uma correspondência analógica, e em virtude da unidade da alma e do corpo no composto humano, uma conexão que faz que o primeiro tenha sua sede no segundo e o que afeta um, afeta o outro, apesar de que o coração espiritual seja por natureza independente do coração física<sup>222</sup>.

A oração hesicasta tem como objetivo despertar o coração através dessa “descida do espírito no coração”: ato de integração que nos aproxima do coração de Jesus Cristo, da presença de Deus em todas as coisas.

A *meditação* no seu sentido original é de uso cristão e foi introduzido pelos primeiros monges com o nome de ensinamentos *meditatio* que quer dizer no sentido etimológico “stare in medio”, ou seja, permanecer no centro. *Meditari*, tradução da palavra grega *meletan* significava principalmente “repetir”. Nos primeiros séculos, a meditação, então, era relacionada à leitura das Escrituras. *Meditar* as Escrituras significava torná-las parte do homem através de memorização e de repetição: repetindo-se a frase continuamente e interiormente na mente e no coração<sup>223</sup>. Esse tipo de meditação é exatamente o mesmo que a “oração de Jesus” já mencionado. O outro sentido seria uma escuta silenciosa de Deus, sem nenhuma palavra. Apenas ouvir, com o coração, a voz interior do Seu amor, e se deixar envolver por Ele. Portanto, o corpo pede uma atitude, também, passiva de acolhimento e receptividade: uma boa maneira de sentar favorece o despertar a Deus e a paz interior; sentar-se bem quieto, de forma

<sup>222</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 83.

<sup>223</sup> Cf. FREEMAM, Laurence OSB. *A luz que vem de dentro*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1989, p. 15. O autor é coordenador internacional de meditação cristã.

relaxada, porém atenta e silenciosa, o espírito na escuta e o coração em paz. É sentir o corpo sem colocar julgamento sobre ele e sobre as sensações observadas por ele. Com o silenciar dos pensamentos, esvaziando-se de qualquer distração, desejo ou expectativa, o homem se coloca passivamente diante de Deus, e deixa que Ele atue sem nenhuma interferência, na escuta atenta dos movimentos do Espírito nele. Jesus convida ao silêncio, quando diz que: “Vosso Pai sabe de vossas necessidades antes que as peça a Ele”. Eis o convite à confiança. O silêncio na meditação é a expressão máxima da confiança em Deus, assim como em qualquer relacionamento humano, o silêncio pode ser a expressão de confiança pessoal, confirma Dom Laurence Freeman<sup>224</sup>.

Cada vez que nos sentamos para meditar nós nos transformamos. [...] Toda vez que meditamos, passamos por uma renovação, [...] despimos o velho para nos revestirmos do novo<sup>225</sup>.

Assim, pela meditação, o homem pode participar do mistério do Cristo: é por meio dela que se cria uma morada para o Espírito.

A *contemplação* é praticamente sinônima da meditação, porém se a meditação é mais um convite para escuta interior, a contemplação, é para observação: é observar sem pensar, é olhar e se deixar olhar, ser olhado por Deus. “Seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos de nosso coração; ensina-nos a ver tudo na luz de sua verdade e de sua compaixão por todos os homens”.<sup>226</sup> Como falou Carlo Carretto: “o principal valor de nossa vida é todo interior, todo contemplativo”<sup>227</sup>. Na contemplação contenta-se em ficar com o corpo imóvel, abandonar-se e deixar-se amar em silêncio. Não há nada para fazer, a não ser estar aqui, e permanecer em Cristo. Então a Presença de Deus se faz imprescindível quando se contempla a Criação e a

---

<sup>224</sup> Ib. p. 92.

<sup>225</sup> Ib. p. 47.

<sup>226</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. v. 2715.

<sup>227</sup> CARRETTO. *Um contemplativo pelos caminhos do mundo*. Gian Carlo Sibilica (org). São Paulo: Paulinas, 2000, p. 63.



natureza, sente-se a beleza divina irradiando no coração do contemplador. Nessa adoração pode-se ser capaz de reconhecer a sacralidade de toda obra do Senhor, e assim buscar sempre sua preservação.

*O silêncio* faz o homem se distanciar do mundo e dos seus valores com os quais ele se absorve e se identifica por estar envolvido e mergulhado neles, a maior parte do tempo. Portanto, o silêncio cria esse recuo que possibilita ao homem encontrar ou se reencontrar no próprio centro, ajudando-o, assim, a discernir valores essenciais de valores ilusórios.

Não amem o mundo e nem o que há no mundo [...], pois tudo o que há no mundo, os apetites baixos, os olhos insaciáveis, a arrogância do dinheiro, são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo. E o mundo passa com seus desejos insaciáveis. Mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1Jo 2,15-17).

O silêncio na meditação não é uma fuga da realidade, porque, em primeiro instante, coloca o homem em contato com os seus próprios conflitos e “barulho” interior, (com o que não é fácil lidar) e, em segundo lugar, propicia-lhe o despertar da consciência: pessoal e divina, tirando-o de um estado adormecido, inconsciente, mecânico e coletivo. Ele se desperta e se torna mais presente e mais assertivo para enfrentar a realidade, mas sem se identificar com ela. Assim pode-se atuar no sistema social sem ser vítima dele: mas estar no mundo, contribuindo, ajudando-o, mas sem pertencer a ele, sem aderir a seus princípios, não sendo conivente com seus valores (cf Mt 5,1-12). É importante observar que:

É no silêncio que Deus se faz ouvir (1Rs 19,11-13) precedendo, interrompendo e prolongando a Palavra, o silêncio inspira o diálogo entre Deus e os homens, torna-se manifestação do respeito devido ao Senhor que se revela, exigência cultural para sua presença: da liturgia do templo à liturgia do céu (Hb 2; Sf 1,7; Ap 8,1)<sup>228</sup>.

---

<sup>228</sup> SARTORE, Domenico.; TRIACCA, Achille M.(org;). Silêncio. In: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1141.

*A liturgia é uma experiência total do corpo. “A liturgia e os sacramentos nos dizem, que a comunicação mais espiritual (pneumática) com o Deus feito carne em Jesus Cristo, se efetua não numa imediatidade que nega a resistência do corpo e da sensibilidade, mas, ao contrário, na mediação do mais corporal”*<sup>229</sup>. Ela representa uma ação corporal integrada. Assim, a consciência corporal pretende resgatar a unidade entre o corpo, a alma e o espírito: condição indispensável para a vivência de uma liturgia mais plena, sinal do mistério, que se expressa através de símbolos, palavras, gestos e silêncio. Entre os símbolos mais significativos da liturgia estão as pessoas. Numa celebração, o Cristo está presente, tanto no presbítero que celebra: “pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz” (SC 7)<sup>230</sup>, como em todos os ministros da eucaristia, os leitores, os salmistas, os comentaristas, os cantores e sem esquecer, também, a assembléia: “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20) e também: “porque num mesmo Espírito fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo” (1Cor 12,13). Assim, pelo batismo, todos são sacerdotes, reis e profetas. Portanto, vê-se o quão é importante a expressão corporal na celebração, já que é o próprio Cristo que está celebrando. O homem é instrumento, é canal do Senhor, e, por isso, precisa ser sutil e receptivo á comunhão com o sagrado, para celebrar com um corpo que exprime o sagrado e que expresse verdadeiramente o ato celebrado. Somente se for sensível ao corpo, o homem pode-se adquirir consciência do sagrado. Para celebrar e vivenciar uma liturgia, é preciso ter a capacidade de ver além da realidade concreta dos elementos materiais presentes, para tocar e se deixar tocar pelo mistério. Seria necessário desenvolver a percepção de ver, ouvir e tocar além de uma realidade objetiva, portanto, subjetiva e intuitiva, para poder sentir o verdadeiro significado da celebração com todos seus

---

<sup>229</sup> CHAUVET, Louis-Marie. A liturgia e o corpo. In: *Concilium 259-1995/3 Liturgia*. p. 7.

<sup>230</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Escritura*. n.7.

símbolos: o pão e vinho que se transformam em corpo e sangue, a água, em morte e novo nascimento, a luz em Espírito. O Mistério que se celebra deve levar todos que participam à transformação e salvação. As celebrações devem, também, possibilitar a todos, a vivência dessa mistagogia para induzi-los à uma participação plena. Através da consciência corporal, do resgate dos sentidos e da respiração, integra-se o pensar, o sentir e o agir. Pode-se educar o corpo, desenvolvendo sua sensibilidade, sua intuição para a acolhida do mistério. Assim como Deus se encarnou, a liturgia deve ser encarnada, ser incorporada.

Com *a música* na liturgia, pode-se experimentar a transcendência. Ela inspira e transporta para um mundo invisível e sensível, onde se pode navegar no oceano dos sentimentos e voar com o espírito para esferas infinitas.

A música é uma janela para a eternidade. Ela lembra a eternidade. Na música unem-se tempo e eternidade. A música acontece no tempo, em tons, melodias, ritmos, mas sua natureza é ao mesmo tempo supratemporal e intemporal. Cada tom lembra o mistério do ser. Os monges cantam o canto gregoriano, um canto de meditação que possui a peculiaridade de tornar audível o silêncio e perceptível a eternidade<sup>231</sup>.

A posição sentada é ideal para escutar música. Quando a pessoa escuta uma música harmoniosa, o cérebro emite ondas que a tranquiliza. O coração é tocado pela beleza dos sons e se abre a um jorro espiritual. A liturgia cristã sempre valorizou a música para festejar o Senhor Ressuscitado, dando preferência, há muitos anos, ao órgão, que, por seu som especial, faz lembrar uma dimensão celestial, suavizando e divinizando os corações. O tambor, por seu som grave e profundo, induz a fazer a mediação entre a terra e o céu. Na tradição de Israel, a lira aparece como símbolo da

---

<sup>231</sup> GRÜN, Anselm. *O livro da arte de viver*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 77.

musa da poesia e a cítara como símbolo da musa da dança<sup>232</sup>. A música tem o poder de envolver e comunicar. Ao se deixar-se penetrar por ela, através do seu ritmo, o corpo se espiritualiza. A música é, também, expressão dos sentimentos do povo.

O canto e a música são símbolos importantes do Mistério de Cristo e da Igreja, e não ornamento exterior; são encarnação, em estruturas comunicativas, da Palavra, do diálogo salvífico entre as Pessoas Divinas e as pessoas humanas. O canto é a expressão mais suave ou mais forte da Palavra<sup>233</sup>.

“Entoai juntos salmos, hinos e cânticos espirituais; cantai e salmodiai ao Senhor, de todo o coração”. (Ef 5,19). Na liturgia, *Cantar* é rezar duas vezes, uma assembléia que canta torna a liturgia mais festiva, mas também, mais orante: o canto faz vibrar a Palavra e faz vibrar também todo o ser, podendo tocar regiões profundas interiores, facilitando o encontro com Deus. O canto alegra os corações, possibilitando, assim, a transformação das tristezas e gemidos do homem em esperança e alegria, curando-lhe a alma. O canto gregoriano é o próprio canto da alma, que faz sentir a presença do Espírito Santo; a voz cantada ajuda a interiorizar a Palavra.

A *dança na liturgia* é a expressão do próprio Mistério. Ela expressa o desejo do coração em se elevar em direção a Deus. Dança-se a liturgia e não na liturgia, pois ela não é uma representação, nem um ornamento exterior, nem uma mímica gestual que ilustra a Palavra, mas é o próprio “corpo da Palavra” que se expressa no louvor e na alegria. “O homem precisa de sinais e de símbolos para comunicar-se com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações”<sup>234</sup>, assim, também, ele se comunica com Deus, através do corpo. A dança torna visível, através da sua expressão, o invisível e o escondido. Ela nos remete ao transcendental. O corpo é o templo divino, onde a vida é celebrada: a dança litúrgica é uma arte de louvor, “louvem a Deus com dança e tambor”

<sup>232</sup> MONRABAL, Maria Victória Triviño. *Música, dança e poesia na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 47-61.

<sup>233</sup> ESTUDOS DA CNBB 79. *A música litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1999, p.p. 65; 92.

<sup>234</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. v. 1146.

(Sl 150,4), de invocação, de súplica, de esperança, de desespero, de exultação e de alegria. “Se uma oração mística se converte em dança litúrgica, os movimentos são tão harmônicos e graciosos que só podem retratar a graça e a beleza de Deus”<sup>235</sup>. Cada gesto, quando é habitado pela presença de Deus, e não mecanizado, é um símbolo, tem um significado centrado em Deus e exprime as realidades espirituais por meio de sinais que apontam para o Mistério. O corpo impulsionado pelo seu diálogo com Deus abre-se pela fé, fecha-se pelo desamparo, curva-se pelo arrependimento, ajoelha-se por respeito e reverência, eleva-se por adoração, expressa todos os impulsos de sua alma e os oferece em glória ao Senhor. O corpo e a alma se unem em prece num júbilo amoroso. Na dança existe uma total integração entre o que se sente e o que se expressa: é um gesto autêntico que revela uma verdade interior e desvela uma presença divina. A dança exprime uma relação estreita entre o corpo e o coração, aliás, ela é inteiramente movida pelo coração, mas sustentada e dirigida pelo domínio mental que proporciona o controle e consciência dos seus movimentos. A dança como arte alcança uma dimensão transcendental que a razão não consegue atingir, porque pertence ao mundo da sensibilidade, da intuição, da criatividade, que se manifestam quando se permite ao inconsciente emergir, vindo de desconhecidas profundidades interiores. Portanto, a dança consegue captar, intuir e expressar sinais do Mistério que qualquer forma de racionalidade jamais poderá alcançar. Dançar é sentir, palpar, respirar o Mistério com os sentidos: com os olhos, os ouvidos, as mãos que “tocam” esse Mistério. Entra-se em um estado de sensibilidade que passa pelo sensorial, e vai além, onde todos os sentidos ficam tão aguçados, que o ver, ouvir e sentir vivenciam uma nova dimensão não experimentada na vida comum. O corpo vive uma experiência espiritual, em uma superação de si mesmo, em um estado de êxtase, além das limitações impostas pela

---

<sup>235</sup> COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 84.

consciência clara da realidade; o corpo transforma-se, transfigura-se, ilumina-se. Ele entra em estado de graça, de paz, de harmonia, de sensação de “infinitude”, de grandiosidade que o faz expressar uma mística difícil de ser transcrita verbalmente. O gesto vai além da palavra, ou pelo menos, completa-a e a faz tomar “corpo”: abraçar calorosamente uma pessoa desamparada é às vezes um gesto mais eficaz que dizer uma palavra.

A dança faz o corpo espiritualizar-se porque é a expressão da essência divina: “com danças glorifiquem o seu nome” (Sl 149,3). Dançar é expressar a profundidade de sentimentos, é entrar em contato com a dimensão espiritual, com o domínio do mistério, transformando o corpo em energia sutil, resultado da harmonia entre o corpo e a alma. Através da dança, o ser humano restabelece a unidade do corpo e do espírito que o dualismo platônico tinha destruído. “Na dança, eu me esqueço de mim mesmo. Ali estou totalmente em meu corpo. Sinto alegria em meu corpo. Na dança expesso meu anseio de liberdade, segurança, beleza divina etc..”, descreve-nos Anselm Grün<sup>236</sup>. A dança, como aprendizagem do movimento, ensina-se: leveza, prazer, equilíbrio, concentração, graciosidade, domínio corporal, interior e espacial e harmonia musical; enfim, exige um autoconhecimento profundo, baseado na consciência de si mesmo. Ela é um instrumento muito precioso de superação de si mesmo porque ajuda o homem a trabalhar o seu espírito: (alegria, leveza, paz, amor, autodomínio) numa prática concreta e disciplinária. São Agostinho diz: “Aprenda a dançar, senão os anjos no céu não sabem o que fazer com você”<sup>237</sup>. É um convite lindo para um baile celeste, onde todos são convidados a transformar o peso em leveza, a tristeza em alegria e a prisão em liberdade! O corpo deixa de ser um limite, e torna-se um meio de dar o grande vôo. “O

---

<sup>236</sup> GRÜN, Anselm. *O livro da arte de viver*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 240.

<sup>237</sup> *Ib.* p. 240.

corpo, longe de ser prisão da alma, é o mediador de comunhão com o mundo material, vegetal, humano e espiritual”.<sup>238</sup>

A dança litúrgica leva o homem a uma abertura ao Mistério, despertando-lhe a essa dimensão mística, que será expressa pelo corpo como receptáculo do Sagrado. Elevando seu espírito, no corpo e na alma, ela lhe faz sentir a beleza, a alegria e o amor do “reino celeste”, aqui na terra. Esse estado interior pode ser sentido, não só pela pessoa que participa ativamente, mas, também pela pessoa que apenas contempla, desde que esteja aberta e receptiva, pois um movimento captado por um olhar contemplativo consegue ser assimilado em seu próprio corpo, pois o seu espírito se deixou envolver e ser cativado pela presença divina, transformando-a. Assim, sua participação será mais interior, embora esteja, também, presente e em comunhão com os que dançam, celebrando e vivendo juntos esse Mistério, unidos a Deus e ao mundo todo, em um movimento universal. Na Bíblia, a dança ocupa um lugar muito importante como maneira de manifestar a alegria em festas de casamento e despedidas (Tb 8,20;7,15), (Rt 4,11-12) como também na vitória de Iahweh conquistada e celebrada pelas profetisas como Débora (Jz 5,3) e Judite (Jt 15,12;16,3) dançando com seu povo, ou ainda, em festas religiosas. Não se pode também esquecer que o rei Davi dançou diante da arca da Aliança com todo o fulgor de seu coração e isso agradou o Senhor. Com os instrumentos e o canto, a dança entrou na Liturgia de Israel<sup>239</sup>. Precisa-se resgatar, em nossas liturgias, a dança como caráter sagrado e comunicativo, não só em nível pessoal, como também levar a comunidade a sentir e vivenciar esse sagrado, comungando todos com o Além, unidos no mesmo ritmo, no mesmo gesto, no mesmo movimento,

---

<sup>238</sup> ESTUDOS DA CNBB 79. *A música litúrgica no Brasil*, p. 95.

<sup>239</sup> Cf. MONRABAL, Maria Vitória Triviño. *Música, dança e poesia na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 43-59.

integrando-a à própria cultura. “A dança é sempre sagrada. Ela é sagrada enquanto vive no coração dos homens o sentimento do inacessível e o respeito do mistério”<sup>240</sup>.

A liturgia é uma experiência que passa pelos sentidos e que se vivencia em uma assembléia. É uma realidade espiritual que se expressa fisicamente com um povo que celebra cantando, proclamando, escutando, tocando (no abraço da paz), rezando, dançando, contemplando, comendo o pão eucarístico; em pé, sentado, ajoelhado e todos unidos numa só voz, sustentados pelo mesmo sopro. Tudo converge para glorificação de Deus e para nossa transformação: “Na Igreja, tudo é feito para que os fiéis, não somente em sua alma mas, também, em seu corpo, contribuam para a glorificação de Deus e sejam assim transformados em todo seu ser pela Sua graça para sua salvação e sua deificação”<sup>241</sup>.

Para concluir essa exposição, que mostra vários meios de transformação na religião cristã, convém assinalar que a iniciação corporal, no sentido de consciência corporal, desenvolve a auto-referência do homem a si mesmo, ou seja, coloca o homem em relação consigo mesmo, e essa consciência é ligada à alma e ao corpo, juntos. A consciência do corpo faz com que o homem se aproprie do seu próprio corpo: um corpo que é seu, o que o leva a adquerir domínio sobre si mesmo e todo o que isso implica, como o equilíbrio e a harmonia interior e exterior, pois: “o autodomínio não seria possível se o homem não fosse consciente de si e da realidade humana em geral”<sup>242</sup>. Assim, a iniciação corporal deve levar a viver o Espírito com o corpo, o que significa integrar espírito e corpo para que o Espírito de Deus possa fazer do corpo sua morada e, assim, viver o corpo como templo, como um santuário sagrado. Ela visa,

---

<sup>240</sup> CUISINIER, Jeanne. La danse est toujours sacrée. In: PASTORI, Jean-Pierre. *La danse des vifs*. Suisse: L'Âge d'Homme, 1977, p. 127.

<sup>241</sup> LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : Cerf, 2009, p. 89

<sup>242</sup> JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*. PETRINI, João Carlos.; SILVA, Josafá Menezes (orgs). São Paulo: EDUSC, 2005, p. 538.



também, àqueles que desejam viver com afetividade seu corpo, apropriando-se de novo dos seus sentidos: o tocar, o olhar, o escutar, o saborear, o cheirar, dimensões tão essenciais na liturgia, mas, também, para nossa comunicação e comunhão com a vida, com o outro, com Deus, pois: “o homem que possui a si mesmo, pode doar-se e acolher o dom do outro. Ao contrário, aquele que não possui a si mesmo, não pode nem mesmo determinar-se”<sup>243</sup>. A consciência corporal pode contribuir para a evolução da própria pessoa na dimensão ontológica, graças a um maior conhecimento de si mesma, e de seu destino, na dimensão escatológica. A reapropriação do corpo é um processo de humanização para o processo de divinização.

### **3. A ressurreição “aqui-agora”, a conversão, viver em Cristo**

Os Evangelhos convidam o homem à conversão, à metanóia, à vida nova - uma nova comunidade, uma nova sociedade, uma nova mentalidade -, abrindo-lhe a porta do Reino dos Céus: “Não vos conformeis ao modelo do mundo presente, mas deixai que vossas mentes sejam refeitas e toda a vossa natureza transformada”: passagem extraída da Epístola aos Romanos (Rm 12,2). Com o mesmo sentido, a Carta aos Efésios diz:

Precisais deixar a vossa maneira de viver e despojar-vos do homem velho, que vai se corrompendo ao sabor das paixões enganadoras. Por outro lado, precisais renovar-vos, pela transformação espiritual de vossa mente, e vestir-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, na verdadeira justiça e santidade (Ef 4,22-24).

O Reino dos Céus significa: Deus conosco; é o reino onde reina o amor, a justiça, a paz, a luz dentro de nós que se projeta para o mundo, transformando-o. É o reino que Deus quer o homem fazer participar, agora e sempre, e não, somente após a morte. É o

---

<sup>243</sup> Ib. p. 537.

reino do Jesus Ressuscitado que converte o homem. Claro que esse reino só se realizará plenamente na ressurreição final, mas ele se antecipa agora, porque Jesus ressuscitou, está vivo e presente no meio de nós (ver 2Cor 4,14). Portanto, o homem precisa contemplar Jesus e ficar aberto a essa dimensão, e assim, deixá-Lo adentrar-se e se transformar, para viver o que São Paulo viveu: “Já não sou eu que vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20). É na vida sobre a terra, no dia a dia que são plantadas as sementes do corpo ressuscitado, nada, portanto, do que se vive no corpo é em vão, ao contrário, é um chamado para que se viva cada momento como uma semente de eternidade. Ressuscitar “aqui-agora”, é ressuscitar hoje, em Cristo, com Cristo, no Corpo de Cristo. Deixar-se inspirar pelo pensamento do teólogo Henri Nouwen:

Quando espelhamos nossa vida na de Jesus, um novo mundo se abrirá para nós. O Reino dos Céus será nosso, e a terra será nossa herança. Seremos confortados e teremos nosso sustento; a misericórdia nos será demonstrada. Sim, seremos reconhecidos como os filhos de Deus e verdadeiramente veremos a Deus, não apenas numa vida após a morte, mas aqui e agora. Essa é a recompensa por espelhar nossa vida na de Jesus<sup>244</sup>.

A ressurreição “aqui-agora” é, na realidade, *o processo* da conversão do homem: transformar seu egoísmo em amor, resistindo ao mal, reencontrando seu verdadeiro eixo que é Deus, ressurgirá, então, da morte para a vida, e assim poderá cumprir o preceito do amor cristão: “amai-vos, uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34b). Assim, superando o egoísmo, o individualismo, pode-se reconquistar atitudes de fraternidade, de solidariedade por uma cooperação no lugar da competição. Essa conversão é a meta principal e essencial do cristianismo para levar o cristão, não de volta ao “paraíso perdido”, onde “tudo era bom” (Gen 1,31), mas a um paraíso que não pertence ao passado e, sim, ao futuro, construído pelo homem “renovado” que toma o lugar do “homem velho”.

---

<sup>244</sup> NOUWEN, Henri. *O pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999, p.189.

Convém frisar que o Novo Testamento reconhece a existência de dualismo no interior de cada ser humano, entre a realidade do “homem velho” e a realidade do homem “novo”, mas não se trata de um dualismo metafísico que aponta para dois elementos constitutivos do ser humano (espírito-matéria), antes está referido a dois modos de existência antitéticos, em cada um dos quais será implicado o ser humano inteiro<sup>245</sup>.

Jesus Cristo veio e está presente no meio de nós para mostrar-nos o caminho desse lugar novo, e do “religar” com o Pai, a quem o homem tem desobedecido e de quem está afastado. O único caminho que Deus ensinou ao homem é o caminho do amor, que se expressa pelo corpo: no tocar, no olhar, no escutar, no falar, no abraçar, no acolher, no cuidar, etc. E onde há amor, não pode haver injustiça, opressão, exploração, preconceitos, marginalização, discriminação, exclusão, condenação, manipulação, dominação, etc. Tudo isso gera conflitos, divisões e guerras. Tudo que divide não pertence aos valores do Reino de Deus, porque não gera vida, mas geram sofrimento e morte. Portanto, a construção do Reino passa por outros valores que são: o amor, a justiça, a verdade, a fraternidade e a paz. O teólogo Renold Blank diz que o processo de construção do Reino pode, também, acontecer fora de ambiente cristão e religioso:

[...] lugares onde, talvez, nem se fala de Jesus, mas onde as pessoas tentam realizar valores que correspondem aos valores do Reino de Deus: amigos de bairro, grupos de rua, sindicatos, organismos de defesa dos direitos humanos, organizações de sustento aos presos e outros mais. Encontramos as mesmas características também nos movimentos ecológicos, que lutam pela preservação de um mundo destruído pela ganância dos homens. Os seus esforços também são passos rumo ao objetivo de manter ou recuperar este mundo a capacidade de ser espelho de seu criador. Vista dessa maneira descobrimos de fato muitos e muitos núcleos vivos e ativos de Reino de Deus em processo de crescer. Nesses núcleos, a formação do Reino já começou<sup>246</sup>.

---

<sup>245</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 267.

<sup>246</sup> BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo*. O projeto cósmico de Deus. Escatologia II. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 213-214.

É preciso lutar muito para construir esse Reino, pois: “se opõe de maneira polêmica a todas aquelas forças que agora lutam pelo poder sobre o mundo, oprimido à maneira de ‘animais’ todo humanismo”<sup>247</sup>, pois, comenta Alfonso García Rubio:

O ‘corpo’ (o homem inteiro) está fechado no *não* de decisão negativa em face da interpelação divina. O homem é, assim, membros e corpo (existência humana inteira) de pecado. É preciso, pois, lutar contra o corpo e contra os membros de pecado (existência humana pecaminosa)<sup>248</sup>.

Mas Deus está sempre presente, sempre agindo, sempre se revelando. O homem não está sozinho nessa luta. Ele o ajuda a derrubar todas essas barreiras, transforma as estruturas externas do mundo, como internas de seu ser e o abre para uma nova perspectiva: “um novo céu e uma nova terra” (Ap. 21,1), onde haverá uma reconciliação pela nossa unificação em Jesus Cristo, e, através dele, toda realidade criada se transformará em plenitude, mas essa realidade está já atuando no mundo e no tempo presentes.

O batismo e a eucaristia ajudam o corpo, aleijado, desde a queda do homem, a reencontrar a sua unidade original como corpo “templo do Espírito” no “Corpo do Cristo”, caminhando para o corpo glorioso, caminhando na vitória do “bem” sobre o “mal”, da união sobre a divisão e a separação. Cristo ofereceu o seu próprio corpo ao sacrifício, por amor, para que todos pudessem salvar seu corpo de sua mancha “pecaminosa”: “Pois nele habita corporalmente toda plenitude da divindade” (Cl 2,9). Nele há ressurreição, hoje, agora, com Cristo e em Cristo, pois Deus quer a salvação de todos!

<sup>247</sup> MOLTANN, Jürgen. In: op.cit. p. 217.

<sup>248</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 167.

## CONCLUSÃO

O cristianismo, na sua essência, sempre valorizou o corpo: como criação divina enquanto corpo feito à imagem e semelhança a Deus. Acreditou num Deus que se fez homem, um Deus encarnado em Jesus Cristo e colocou sua fé na ressurreição da carne. É uma religião que pede obras, ações e apresenta um Deus de amor (ágape) com braços para acolher, mãos para servir e curar. A divisão, a negação, a rejeição ou a desvalorização do corpo não são fontes puras do cristianismo, mas, fazem parte de várias influências como greco-romanas, daquela época, e também das interpretações humanas sobre o conceito cristão, durante uma trajetória de 2000 anos, que podem ter levado a uma compreensão distorcida do corpo.

A cristologia não leva a uma separação dualista entre alma e corpo. Existe cisão, sim, mas ela se coloca na acolhida ou na rejeição do dom de Deus oferecido em Jesus Cristo. É sempre o homem inteiro que se coloca na ordem da salvação aceitando a luz que é Jesus Cristo; é o homem inteiro que opta pela condenação, rejeitando essa mesma luz (cf. Jo 3,16-21)<sup>249</sup>.

De fato, contrário ao que afirma a visão dualista, não pode existir, um “espírito bom”, num corpo ruim, nem um “espírito ruim”, num corpo bom; como não existe um espírito de luz, num corpo de trevas, nem um espírito trevoso, num corpo luminoso: ou o homem é luz de corpo e alma, ou está nas trevas de corpo e alma. Como diz Jesus: “não existe árvore boa que dê frutos ruins, nem árvore ruim que dê frutos bons, porque toda árvore é conhecida pelos seus frutos” (Lc 6,43-45). Logo significa: não existe dualismo, nem hierarquia: espírito superior ao corpo, mas existe, sim, desintegração e dissociação no ser humano, que pode ser restaurado através da fé e comunhão em Jesus

---

<sup>249</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 265.

Cristo. Quando Adão pecou, foi todo seu ser que pecou, corpo e alma. Quando Jesus Cristo salva o homem, Ele também o salva inteiro, de corpo e alma. Acreditar na ressurreição da carne significa a ressurreição do homem total, pois, como o Karl Rahner aponta:

O ser humano concreto com a diversidade de aspectos e dimensões é criado pelo Deus que é simultaneamente salvador. Não existem dois princípios criadores (o bom princípio, que estaria na origem da realidade espiritual, e o princípio mau, origem da realidade material), mas a ação criadora amorosa do Deus que também é salvador. Esta é a perspectiva apresentada pela tradição eclesial para rejeitar toda espécie de dualismo radical<sup>250</sup>.

Jesus deu seu corpo, sim, mas por amor e não o negando, maltratando, condenando, ou o rejeitando. Ao contrário: seu corpo era pura expressão de amorosidade. Dando seu corpo e seu sangue, ele convidou o cristão a comungar com ele do amor infinito e eterno do Pai, transformando seu corpo opaco e denso em um corpo de luz, em corpo transfigurado. Na transfiguração como na eucaristia se manifesta claramente o valor espiritual conferido ao corpo humano através do próprio Cristo. Assim, se revela também o valor conferido ao corpo dos fieis que comungam no corpo de Cristo, tornando-se Sua semelhança e pela graça, corpos luminosos carregados de energias divinas. O processo de conversão na linguagem corporal cristã consiste em ressuscitar o corpo luminoso, despertado pelo batismo e alimentado pela eucaristia, à espera do corpo glorioso na vida eterna, pois:

Na luz do Verbo Encarnado, a verdade do homem alcança a sua inteireza: desvela-se, plenamente. Deste modo, a Igreja apela à consciência-conhecimento de si de cada homem porque de um lado, nela temos aquele ‘sufficiens inductivum ad credendum’<sup>251</sup> (São Tomás) e, do outro, mostra a cada homem que ‘Cristo sabe o que está no coração do homem’ e que cada homem não deve ter medo de abrir, antes de escancarar as portas do seu coração a

---

<sup>250</sup> Ib. p. 262-263.

<sup>251</sup> Tradução: “Suficiente indução para crer”.

Cristo, porque é Ele e, somente Ele, que realiza a verdade inteira do homem<sup>252</sup>.

Em contraposição, com todas as influências dualistas que recebeu o cristianismo no passado, o *Concílio do Vaticano II* reafirmou a unidade do ser humano e defendeu o valor da corporeidade, reafirmando, também, a espiritualidade e a imortalidade da alma e alertando sobre o erro de se desprezar o corpo, quando diz: “não é, portanto, lícito ao homem desprezar a vida corporal, mas, ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia” (GS 14)<sup>253</sup>. *Karl Rahner* em seu artigo sobre a alma, escrito na enciclopédia *Sacramentum Mundi*, superou o esquema antropológico de corpo e alma, dizendo: “seria perigoso restringir de antemão a declaração (do Concílio) sobre a alma, assim como ela seria um ser em si - mesmo, em vez de um princípio metaempírico de ser do homem inteiro. A morte é o fim da história do homem inteiro...”<sup>254</sup>. *João Paulo II* retomou, também, a importância do corpo, no livro *homem e mulher o criou*, colocando o eixo de sua reflexão na própria corporeidade, na qual convida a reconhecer e a acolher os vínculos que ligam o homem com Deus e com os outros, numa autêntica comunhão interpessoal (*communio personarum*) expressa através de amor, que ele chamou de amor esponsal, onde o “eu” se realiza e se reconhece somente em relação a um “tu”. Entender a pessoa como relação, como dom de si para o bem e para a felicidade do outro, tendo em vista a comunhão interpessoal, indica a origem e o destino último do ser humano, a exemplo de Jesus Cristo que se deu totalmente e gratuitamente. “A relação esponsal, que encontra no dom de si, a sua expressão mais alta, constitui um novo critério de compreensão da

<sup>252</sup> JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*. PETRINI, João Carlos.; SILVA, Josafá Menezes (orgs). São Paulo: EDUSC, 2005, p. 30.

<sup>253</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral « Gaudium et Spes » sobre a Igreja no mundo de hoje*. n.14.

<sup>254</sup> RAHNER, Karl. *Sacramentum Mundi*, vol. 4, p.p. 399 ; 417.

corporeidade humana que João Paulo II chama de ‘hermenêutica do dom’<sup>255</sup>. *O Santo Padre Bento XVI*, na sua carta encíclica *Deus é amor* assegurou que “o homem torna-se realmente ele mesmo quando corpo e alma se encontram em íntima unidade”, e disse, ainda, que “o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue essa unificação”<sup>256</sup>. Pois quando há integração entre o corpo e a alma, pode se viver uma verdadeira relação de amor: *ágape*, ou seja, o amor totalmente gratuito, sem caráter egoísta, voltada para o bem do amado, onde a nudez será isenta de vergonha. “O amor visa à eternidade” disse Bento XVI, pois não só conduz ao reencontro de si mesmo, e do outro, como a descoberta de Deus, pela própria doação de si. É partindo do sacrifício pessoal que se realiza o amor e somente com o amor se alcança a plenitude, como ensinou Jesus: o grão de trigo precisa cair na terra, morrer para dar muitos frutos, pois: “quem buscar sua vida a perderá, e quem perder sua vida por causa de mim encontrará” (Mt 10,39).

Na criação, a função mediadora de Cristo, o Filho, sustenta o universo com o poder da Palavra, do Batismo e da Eucaristia: *é corpo místico de Cristo*. Cristo está, também, presente na plenitude final, prometida ao homem, ao mundo: *é corpo escatológico*. Ele está no início e na continuação: “Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência” (Cl, 1,17), ele impregna toda a dinâmica do mundo com seu amor e sua luz: *é corpo universal*. Todos os homens e o universo inteiro têm a sua unidade básica em Cristo. Nele são superadas as divisões: “Ai não se faz mais distinção entre grego e judeu [...]” (Cl 3,11). Não se faz mais distinção, entre os *corpos acolhidos ou crucificados*, entre os corpos brancos ou negros, entre os corpos masculinos ou femininos, entre os corpos ricos ou pobres, pois: “Os homens encontram sua unificação em Jesus Cristo. E mediante os homens, o universo todo. A encarnação-

<sup>255</sup> Ib. p. 20.

<sup>256</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 12, n.5.



ressurreição e a mediação de Jesus Cristo afeta a realidade toda criada, que esta destinada, não à destruição, mas à plenitude”<sup>257</sup>. Portanto, todos os homens estão chamados a fazer parte do *Corpo de Cristo*; Ele como Cabeça do corpo e os homens como Seus membros. “Cristo é tudo e está em todos” (Cl 3,11), pois: “o universo é fisicamente, até a sua medula material, impregnado pela influência da natureza supra-humana de Cristo”<sup>258</sup>.

Com o resgate da questão corporal no cristianismo, pretende-se harmonizar o cristão com seu próprio corpo, e com o *Corpo da Igreja*, restituindo-lhe a fé e a confiança numa Igreja acolhedora, que abraça de verdade, e inclui todas as pessoas e particularmente os desfavorecidos e marginalizados, os *corpos esquecidos*, que se sentem abandonados e sozinhos. É a Igreja que Jesus edificou e nos deixou como herança. É uma grande responsabilidade e um compromisso, ser o mais fiel possível aos seus ensinamentos, construindo, em primeiro lugar, uma Igreja dentro de nós, *Corpo Templo do Espírito*, digna do seu amor, lembrando que o cristianismo é a religião que une corpo e alma, sem dualismo.

A fé no único Deus, criador-salvador, a fé na salvação que afeta o homem em todos seus aspectos (tal como a situação de não-salvação o afeta igualmente por inteiro), a fé na encarnação do Logos ou Filho e, por último, a fé na ressurreição total do homem, constituem uma linha de defesa poderosíssima contra a penetração de um dualismo radical na vivência e na reflexão cristã das comunidades do séc. I e, por conseguinte, no Novo Testamento<sup>259</sup>.

Pode-se ver o quanto a vida espiritual cristã é rica. É completa, é uma vida espiritual encarnada que possibilita ao homem uma nova espiritualidade: o corpo é o lugar de conversão, a partir da aceitação total dele, pois, “tudo que não é assumido não

---

<sup>257</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 159.

<sup>258</sup> CHARDIN, Teilhard de. In: BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 369.

<sup>259</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 289.

será salva”<sup>260</sup>. Repensar o mistério da encarnação e ressurreição em dimensão corpórea, é considerar que Deus salve o homem por inteiro, corpo e alma, aqui na terra, no final dos tempos, na eternidade. Acreditar na encarnação é, também, acreditar que Deus penetra em corpo físico, psíquico e espiritual, trazendo ao homem a vida divina. Assim não há vida divina fora do corpo, pois, Deus decidiu ser um de nós. Ele é agente de transformação, de conversão. O processo de conversão do homem é a ressurreição “aqui-agora”, é a transformação do “homem velho”, orgulhoso e egoísta, em “homem novo”, aberto para o outro, é fazê-lo ressurgir da morte para vida. É ressuscitar, hoje, em Cristo, com Cristo, no Corpo de Cristo, pois o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. A partir do Corpo “Templo do Espírito” no batismo e nutrido pelo Corpo do Cristo na eucaristia, o cristão viverá o Corpo Transfigurado, o corpo Glorioso, hoje, e em outros tempos. Esta história é uma história de Deus com Jesus: o rosto humano de Deus e de Jesus com o homem: o rosto divino do ser humano: eis a corporeidade no mistério da encarnação e ressurreição.

---

<sup>260</sup> Cf. TEUNDRUP, Denys Lama. ; LELOUP, Jean-Yves. ; SKALI FAOUZI. *Guérir l'esprit*. Paris: Albin Michel, 2004, p. 102.

## BIBLIOGRAFIA

BIBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

BIBLIA: *Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB*, 7.ed. São Paulo: Canção Nova [s.d.]

### Documentos do Magistério

BENTO XVI. *Deus é amor*. Carta Encíclica do Santo Padre, São Paulo: Paulus, Loyola, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes e Loyola, 1999.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*, 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ESTUDOS DA CNBB 79. *A música litúrgica no Brasil*, São Paulo: Paulus, 1999.

JOÃO PAULO II. *Homem e Mulher o criou*. Catequeses sobre o amor humano. PETRINI, João Carlos.; SILVA, Josafá Menezes da. (orgs). São Paulo: EDUSC, 2005.

### Autores

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*, 10.ed. São Paulo: Paulus, 1984.

ARANHA ARRUDA, Maria Lucia, de.; MARTINS PIRES, Maria Helena. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

ANJOS, Marcio Fabri dos, (org). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ANÔNIMO DO SÉCULO XIX. *Relatos de um Peregrino Russo*. Petrópolis: Vozes, 2008

BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*, vida, morte e ressurreição. Escatologia I. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo*, o projeto cósmico de Deus. Escatologia II. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*, o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

- BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para Principiantes. A existência humana no mundo*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- CAPRA, Fritjof.; STEINDL-RAST, David. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- CARRETTO, Carlo. *Deserto na cidade*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CARRETTO, Gian Carlo Sibilia (org.). *Um contemplativo pelos caminhos do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CLÉMENT, Olivier. *Corps de mort et de gloire*. Paris: Desclée de Brouwer, 1995.
- COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CROISSANT, Jo. *Le corps temple de la beauté*. Wovan le Fuzelier: Des Beatitudes, 1997.
- EDWARDS, Denis. *Sopro de vida, uma teologia do Espírito Criador*. São Paulo: Loyola, 2007.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- EMMANUELLE, Sœur. *Vivre, à quoi ça sert?* Paris: Flammarion, 2004.
- EXUPÉRY-SAINT, Antoine. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- FREEMAN, Laurence. *A luz que vem de dentro*. São Paulo: Paulus, 1989.
- GENTILI, Antonio. *As razões do corpo*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- GESCHÉ, Adolphe.; SCOLAS, Paul (orgs.). *O corpo caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.
- GOFF, Jacques le. ; TRUONG, Nicolas. *Une histoire du corps au Moyen Âge*. Paris : Ed. Liana Lev, 2003.
- GOZIER, André. *Prier 15 jours avec Maître Eckhart*. Bruyères-le-Châtel: Nouvelle Cité, 1992.
- GRÜN, Anselm. *O livro da arte de viver*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GRÜN, Anselm. *Jesus porta para a vida, o Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2006.

- GRÜN, Anselm.; DUFNER, Meinrad. *A saúde como Tarefa Espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2008
- HENNEZEL, Marie de. *Mourir les yeux ouvert.*, Paris : Albin Michel, 2005.
- KURY GAMA, Adriano da. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2002.
- LACROIX, Xavier. *O Corpo da carne, as dimensões ética, estética e espiritual do amor*. São Paulo: Loyola, 2009.
- LARCHET, Jean-Claude. *Théologie du corps*. Paris : ed. Cerf, 2009.
- LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos, uma antropologia essencial*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de Maria*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEONARDO, Patrick J. *Reiki para cristãos*. São Paulo: CCJ, 2009.
- LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da Igreja, [séculos I-IV]*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. São Paulo: Paulus 1997.
- McKENZIE, L. John. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulinas, 1983.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo território do sagrado*, 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino, fundamentos de uma Antropologia Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre. Saudade ou esperança?* 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MONRABAL, Maria Vitória Trivião. *Música, dança e poesia na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- NOUWEN, Henri J.M. *Pão para o caminho*. São Paulo: Loyola, 1999.
- PASTORI, Jean-Pierre. *La Danse Des Vif.*, Suisse : L'Age d'Homme, 1977.
- RAHNER, Karl. *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Herder, 1968.
- RAHNER, Karl. *Graça divina em abismos humanos*. São Paulo: Herder, 1968.
- REEVES, Hubert. *L'évolution cosmique*. Paris: Seuil, 1988.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ROBERT, Paul. *Le petit Robert, Dictionnaire Alfabétique e Analogique de la langue Française*. Paris : S.N.L., 1978.

- ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*, 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SAMANOS FLORISTAN, Cassiano.; ACOSTA-TAMAYO, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus: 1999.
- SARTORE, Domenico.; TRIACCA, Achille M.(org;). Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992
- SCHROER, Silvia.; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SERVAN-SCHREIBER, David. *Guérir le stress, l'anxiété et la dépression sans médicaments ni psychanalyse*. Paris: Robert Laffont, 2003.
- SESÉ, Bernard. *Pierre de Chardin*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SILVA, José Wilson Correia da. *A beleza do corpo: uma apreciação do livro Cântico dos Cânticos a partir do corpo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SOTER. *Corporeidade e teologia*, São Paulo: Paulinas, 2005.
- SPANNEUT, Michel. *Os Padres da Igreja [séculos IV-VIII]*.São Paulo: Loyola, 2002.
- TEUNDROUP, Denys Lama. ; LELOUP, Jean-Yves. ; SKALI FAOUZI. *Guérir l'esprit*. Paris: ed. Albin Michel, 2004.
- VANIER, Jean. *O despertar do ser*. Campinas SP: Verus, 2002.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.

## Revistas

- ESTUDOS BÍBLICOS n. 87 – 2005/3. *Bíblia e Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CONCILIUM/259-1995/3 LITURGIA, *A liturgia e o corpo*, 1995.
- REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA 295, CONCILIUM. *Corpo e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO N°1, 2006.
- REVUE ALLIANCE. *Le corps et le Coeur*, Paris, Juillet-Octobre, 1996.